

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: MESTRADO**

**“BELA, RECATADA E DO LAR”: REPLICAÇÃO E
RESSIGNIFICAÇÃO DOS *MEMES* NO ESPAÇO DIGITAL**

ANDRIELE DE CHAVES BORTOLIN

**GUARAPUAVA
2018**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE - UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: MESTRADO**

**“BELA, RECATADA E DO LAR”: REPLICAÇÃO E
RESSIGNIFICAÇÃO DOS *MEMES* NO ESPAÇO DIGITAL**

Dissertação apresentada por Andriele de Chaves Bortolin ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia Bassuma Fernandes.

**GUARAPUAVA
2018**

Ficha elaborada pela Biblioteca da Unicentro-Guarapuava, Campus Santa Cruz
Bibliotecária responsável: Vânia Jacó da Silva CRB 1544-9

B739b Bortolin, Andriele de Chaves
"Bela, recatada e do lar": replicação e ressignificação dos memes no espaço digital / Andriele de Chaves Bortolin.– Guarapuava: Unicentro, 2018.
xiv, 111 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras, Linha de Pesquisa: Texto, Memória e Cultura; área de concentração: Interfaces entre Língua e Literatura.
Orientadora: Profa. Dra. Célia Bassuma Fernandes;
Banca examinadora: Profa. Dra. Maria Cleci Venturini, Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares.

Bibliografia

1. Discurso. 2. Espaço Digital. 3. Meme. 4. Análise. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 20. ed. 401.410285

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO PRÓ-REITORIA
DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL**

TERMO DE APROVAÇÃO

Andriele de Chaves Bortolin

**“BELA, RECATADA E DO LAR”: REPLICAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DOS
MEMES NO ESPAÇO DIGITAL**

Dissertação aprovada em 26/02/2018 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Célia Bassuma Fernandes - UNICENTRO - Presidente/Orientador(a)

Prof.(a) Dr.(a) Alexandre Sebastião Ferrari Soares – UNIOESTE - Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) Maria Cleci Venturini - UNICENTRO - Membro Titular

**GUARAPUAVA-PR
2018**

Aos meus pais, meus exemplos de vida.
À minha amada irmã.
Ao Carlos Eduardo (Edu), meu amor...
À minha filha, Isabella, minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, e por me dar discernimento nos momentos difíceis, permitindo que eu chegasse até aqui;

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Célia Bassuma Fernandes, pelos ensinamentos compartilhados, pelas dicas, pelo cuidado, e por ter acreditado na realização deste trabalho “abduzindo-me” para o universo instigante que é o da Análise de Discurso;

À banca examinadora composta pela professora Dr^a Maria Cleci Venturini e pelo professor Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares, pelas considerações e contribuições feitas na banca de qualificação, pela disposição e generosidade com que avaliaram este trabalho.

À Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, pelo ensino público e de qualidade e por ter me acolhido como estagiária e acadêmica;

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da UNICENTRO, por me proporcionar vivenciar essa etapa da vida acadêmica.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNICENTRO, por todo o conhecimento compartilhado, por auxiliarem na ampliação da minha visão de mundo, contribuindo para o meu desenvolvimento acadêmico e também pessoal;

À Diretoria de Pesquisa da UNICENTRO, especialmente à Viviane Mendes (Vivi) e Claudia Abreu (Claudinha), minhas ex-chefes, por acreditarem no meu sonho e por me permitirem a flexibilização de horários para que eu cursasse as disciplinas do Mestrado.

Ao meu exemplar pai Joelson, à minha fiel e protetora mãe, Rosenilda, e à minha amada irmã Munique, por sempre acreditarem nos meus sonhos e nos meus estudos, pelo apoio e incentivo de sempre e por terem me estendido as mãos neste momento da minha vida acadêmica. Amo vocês!

Ao meu amor, Carlos Eduardo... as palavras não cabem nas linhas, pois tenho tanto a dizer...Pelo incentivo e pelos laços que temos construído com o passar do tempo, por compreender meus momentos de falta e por, desde o início deste percurso, acreditar nos meus sonhos e planos. Te amo!

À minha filha linda, Isabella, por me permitir vivenciar a leveza da vida nos pequenos detalhes e momentos, por mostrar a força existente na mente, no coração e na alma de uma mãe mestrande e, principalmente, por despertar em mim o mais puro e verdadeiro amor. Amo você, minha menina linda!

Aos amigos, poucos e bons, com os quais dividi minhas alegrias e angústias, sobretudo ao meu grupo de amigas “Luluzinhas”, por compreenderem meus momentos de ausências nos “cafezinhos” marcados e por sempre me transmitirem muita positividade. Vocês são demais, minhas “Belas, não tão recatadas, e do lugar no qual querem estar”;

À minha amiga Daniele Bandeira, pela revisão do meu trabalho, por compartilhar de muitos momentos comigo e por ser um ser humano iluminado e sempre muito otimista. Obrigada, minha amiga.

Às mulheres que tem resistido com veemência... a luta continua e “tamo junto!”

*Repetir, repetir...até ficar diferente.
(Manoel de Barros)*

BORTOLIN, Andriele de Chaves. “Bela, recatada e do lar”: replicação e ressignificação dos *memes* no espaço digital. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Célia Bassuma Fernandes. Guarapuava, 2018.

RESUMO

O espaço digital é um fenômeno fundamentalmente urbano e vem constituindo um amplo espaço de produção e circulação de sentidos. Nesse espaço heterogêneo, é possível encontrar amigos distantes, ex e novos amores, comprar e vender, organizar movimentos e reunir sujeitos unidos por um interesse comum. Nesse sentido, esse espaço se tornou um forte aliado na/para divulgação e disseminação de um “conjunto complexo de ideias e representações”, nos termos de Pêcheux (2014), já que é um espaço, em que já-ditos/já-vistos são (re)atualizados a todo momento. Um tipo de texto que vem ganhando bastante visibilidade nesse espaço virtual de produção de sentidos são os *memes*, bastante conhecidos por, na maioria das vezes, produzirem efeitos de sentido de humor e de ironia, que encaminham para a resistência, já que tornam possível dizer algo que não poderia ser dito sob outras condições de produção. É sobre esse tipo de texto composto por diferentes materialidades significantes (LAGAZZI, 2009; 2011), que nos debruçamos, neste trabalho, cujo objetivo principal é investigar o funcionamento da memória no espaço digital, a partir da formulação “Bela, recatada e do lar”, cujo efeito de origem teria sido uma matéria publicada pela Revista *Veja*, em meados de abril de 2016, sobre Marcela Temer, na época, esposa do então vice-presidente da república, Michel Temer e que de tanto se repetir, adquiriu o estatuto de *meme*. A questão de pesquisa que nos move, então, é: Como a memória metálica, horizontal e achatada, se imbrica com a memória discursiva, por seu turno, intervalar e marcada pela falha, e se entrecruzam no processo de produção/circulação dos *memes*, no espaço digital? Em sentido mais estrito, objetivamos: a) compreender como a cidade, o espaço urbano e o espaço digital são significados pelo viés da teoria materialista do discurso; b) investigar o funcionamento dos *memes* no espaço digital, considerando a relação existente entre discurso e repetibilidade própria das práticas discursivas; c) verificar os efeitos de sentidos produzidos pelos *memes* que irromperam a partir da formulação-origem “Bela, Recatada e do lar”.d) verificar que sentidos e memórias ressoaram sobre a mulher nos *memes* que passaram a circular a partir da formulação-origem “Bela, recatada e do lar”. Como foram inúmeros os *memes* que irromperam nos mais diversos lugares do ciberespaço, recortamos um *corpus* analítico composto por treze *memes* retirados de *um site de pesquisa*, como o google.com.br/imagens e também de redes sociais como o *Facebook*, o *Tumblr*, o *Twitter* e o *Instagram* em razão da grande popularidade das redes sociais modernamente. Pensamos que a relevância dessa pesquisa se deve ao fato de buscarmos compreender como a memória discursiva e a memória metálica funcionam juntas no espaço digital, colaborando para reforçar sentidos já cristalizados sobre a mulher e seus direitos na sociedade ou rompendo e/ou apagando-os, abrindo espaço para a dúvida, para a polêmica, para a contestação e para a resistência. Assinalamos ainda, que a ampla circulação desse tipo de texto no espaço digital filia os discursos à memória da máquina, marcada pela repetição/replicação, tendo em vista que esses discursos “viralizam” rapidamente, “pulando” rapidamente de cérebro em cérebro. No entanto, não há como negar que o sujeito, ao curtir/compartilhar ou ressignificar esses discursos, “devolvendo-os” à/em rede, inscreve o dizer em uma ou mais formações discursivas, porque é afetado pela língua e pela história, o que significa que não é possível negar também o trabalho da memória discursiva no processo de produção de sentidos. Defendemos, então, que existe um imbricamento entre a memória discursiva e a memória

metálica no processo de formulação/circulação dos discursos no espaço digital, respaldando-nos nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, doravante AD, tal como proposta por Pêcheux, na França e por Eni Orlandi, no Brasil, e pelos pesquisadores que com ela vêm promovendo importantes deslocamentos teóricos nesse campo de investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; espaço digital; *memes*.

BORTOLIN, Andriale de Chaves. "Belle, sage et la maison": la réplication et la resignification des mêmes dans l'espace numérique. Dissertation (Maîtrise en Lettres) – Universidade Estadual do Centro-Oeste. Conseiller: Prof^a. Dr^a. Célia Bassuma Fernandes. Guarapuava, 2018.

RÉSUMÉ

L'espace numérique est un phénomène fondamentalement urbain et constitue un vaste espace de production et de circulation des significations. Dans cet espace hétérogène, il est possible de trouver des amis lointains, des ex et des nouveaux amours, d'acheter et de vendre, d'organiser des mouvements et de rassembler des sujets unis par un intérêt commun. En ce sens, cet espace est devenu un fort allié dans/pour la diffusion d'un «ensemble complexe d'idées et de représentations», selon Pêcheux (2014), puisqu'il s'agit d'un espace dans lequel déjà-dits/déjà-vues sont (re)mis à jour en tout temps. Un type de texte qui gagne beaucoup de visibilité dans cet espace virtuel de production de sens, ce sont les mêmes, bien connus pour la plupart du temps, produisant des effets d'humour et d'ironie qui mènent à la résistance, puisqu'ils permettent de dire quelque chose ce qui ne pouvait pas être dit dans d'autres conditions de production. Il s'agit de ce type de texte composé de différentes matérialités significatives (LAGAZZI, 2009; 2011), que nous concentrons, sur ce travail, dont l'objectif principal est d'étudier le fonctionnement de la mémoire dans l'espace numérique, à partir de la formulation "Bela, recatada e do lar", dont l'effet original aurait été un article publié par le magazine *Veja* à la mi-avril 2016, sur Marcela Temer, à l'époque, épouse de Michel Temer, alors vice-président de la République, et qui acquiert le statu de *meme*. La question de la recherche qui nous émeut, alors, est la suivante: comme la mémoire métallique, horizontale et aplatie imprègne avec la mémoire discursive, elle, à son tour, intervallée et marquée par l'échec, et qui se croise dans le processus de production/circulation des *memes*, dans l'espace numérique? Dans un sens plus étroit, nous visons à: a) comprendre comment la ville, l'espace urbain et l'espace numérique sont signifiés par le biais de la théorie matérialiste du discours; b) étudier le fonctionnement des *memes* dans l'espace numérique en considérant la relation qui existe entre le discours et la répétabilité propre des pratiques discursives; c) vérifier les effets des sens produits par les *memes* issus à partir de l'origine de la formulation "Bela, recatada e do lar"; d) vérifier quels sens et souvenirs ont résonné chez la femme dans les *memes* qui ont commencé à circuler à partir de la formulation originale "Bela, recatada e do lar." Comme d'innombrables *memes* qu'ont éclaté dans les endroits les plus divers du cyberspace, nous avons découpé un *corpus* analytique composé de treize *memes* provenant d'un site de recherche, comme [google.com/images](https://www.google.com/images), ainsi que des réseaux sociaux tels que *Facebook*, *Tumblr* et *Instagram* en raison de sa grande popularité dans nos jours. Nous pensons que la pertinence de cette recherche est due au fait que nous cherchons à comprendre comment la mémoire discursive et la mémoire métallique travaillent ensemble dans l'espace numérique, en collaborant pour renforcer les sens déjà cristallisés sur les femmes et leurs droits en société ou en les brisant et/ou les effaçant, comme ça en faisant place à la doute, à la controverse, à la contestation et à la résistance. Nous signalons également que la large circulation de ce type de texte dans l'espace numérique relie les discours à la mémoire de la machine, marquée par la répétition/réplication, étant donné que ces discours "viralisent" rapidement, "en sautant" de cerveau à cerveau. Cependant, on ne peut nier que le sujet, en aimant/partageant ou resignifiant ces discours, les "renvoyant" au/sur réseau, qu'inscrit le dit dans une ou plusieurs formations discursives, parce qu'il est affecté par la langue et l'histoire, ce qui signifie qu'il n'est pas possible de nier aussi le travail de la mémoire discursive dans le processus de

production des significations. Nous discutons donc qu'il y a un chevauchement entre la mémoire discursive et la mémoire métallique dans le processus de formulation/circulation des discours dans l'espace numérique, nous soutenant dans les hypothèses théoriques de l'analyse du discours de la ligne française, désormais AD, comme proposé par Pêcheux, en France, et par Eni Orlandi, au Brésil, et par les chercheurs qu'y avec ont promu d'importants changements théoriques dans ce domaine de recherche.

Mots-Clés: Discours; espace numérique; *memes*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Captura do <i>feed</i> de notícias da nossa página do <i>Facebook</i>	30
Figura 2	34
Figura 3 - Captura da tela principal do #MUSEUdeMEMES.....	39
Figura 4 - Foto do perfil do <i>Facebook</i>	63
Figura 5 - Foto do perfil do <i>Facebook</i>	64
Figura 6 - Captura da tela da <i>Revista Veja – online</i>	74
Figura 7.....	94
Figura 8.....	95
Tabela 1 - Principais <i>Rage faces</i>	38
Gráfico 1.....	42
Quadro 1	71

LISTA DE MEMES

Meme 1.....	37
Meme 2.....	56
Meme 3.....	58
Meme 4.....	60
Meme 5.....	66
Meme 6.....	77
Meme 7.....	79
Meme 8.....	81
Meme 9.....	83
Meme 10.....	84
Meme 11.....	86
Meme 12.....	88
Meme 13.....	90
Meme 14.....	93
Meme 15.....	97
Meme 16.....	99
Meme 17.....	100
Meme 18.....	101

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
PRIMEIRO CAPÍTULO.....	21
O CIBERESPAÇO COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS.....	21
1.1 O espaço digital como fenômeno fundamentalmente urbano.....	22
1.1.2 A inscrição do corpo no espaço digital.....	27
1.2 O espaço digital como lugar de produção e de circulação de sentidos.....	32
1.2.1 O funcionamento da memória no espaço digital	41
SEGUNDO CAPÍTULO.....	46
“WE CAN DO IT”: O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DOS MEMES NO ESPAÇO DIGITAL.....	46
2.1 O funcionamento discursivo dos <i>memes</i>	47
2.2 Paráfrase e Polissemia: entre o mesmo e o diferente	53
2.3 <i>Memes</i> : “jogando” com o humor e a ironia	61
2.4 O <i>meme</i> como forma de resistência.....	69
TERCEIRO CAPÍTULO.....	73
“BELA, RECATADA E DO LAR”: REPLICAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DOS MEMES NO ESPAÇO DIGITAL.....	73
3.1 “Há repetições que fazem discurso”.....	74
EFEITO DE FECHAMENTO.....	103
REFERÊNCIAS.....	106

INTRODUÇÃO

Discursos polêmicos são recorrentes nas mídias digitais, que funcionam como lugares onde os dizeres circulam e são repetidos, estabilizando já-ditos, rompendo com sentidos já sedimentados no imaginário ou simplesmente apagando-os. Os *memes* constituem um tipo de enunciado “mais ou menos estabilizado” (PÊCHEUX, 2014), que tem sido amplamente replicado no espaço digital, por meio da memória discursiva e da memória metálica.

Pensamos na relevância dessa pesquisa, que visa compreender como esses textos adquirem o estatuto de *meme* no espaço digital, pelo imbricamento da memória metálica e da memória discursiva, colaborando para reforçar ou deslocar sentidos por meio dos processos parafrásticos e polissêmicos, os quais significam a mulher e os movimentos que defendem/ou não seus direitos no mundo.

A designação “feminismo” deriva do latim “femina” e significa “mulher”. O Feminismo é um movimento que surgiu na Europa e nos Estados Unidos no século XIX, com o objetivo de defender a igualdade de gênero entre homens e mulheres. Conforme Adichie (2015, p. 28), a busca por essa igualdade de gênero é importante em qualquer lugar no mundo, uma vez que, devemos lutar por um mundo mais justo, de homens e mulheres mais felizes e mais “autênticos” consigo mesmos. Se não fosse a questão de gênero e essa divisão de valores socialmente impostos pela sociedade, tanto homens quanto mulheres viveriam mais livres.

Contudo, esse movimento passou por alguns momentos essenciais para que ganhasse legitimidade na sociedade. O primeiro deles foi em 1918, quando mulheres da Inglaterra, também designadas de *sufragistas*, organizaram-se para lutar pelo direito ao voto. Para isso, fizeram uma manifestação em Londres e foram presas até que, no mesmo ano, conquistaram esse direito.

Em 1970, o feminismo ganhou força, em especial, com as obras de Simone de Beauvoir, pois seus livros tratavam da igualdade de gênero e defendiam as mesmas condições de trabalho para homens e mulheres, além do direito ao divórcio à mulher que não se sentisse realizada com seu matrimônio. A premissa maior defendida por essa autora, escritora, ativista política, filósofa e feminista é a de que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967. p. 9), acompanhada da explicação de que os meios, ou seja, os destinos psíquicos, biológicos ou econômicos não definem a forma que a mulher assume na sociedade.

Podemos afirmar que os estudos sobre gênero têm sua origem nas escrituras de Simone de Beauvoir, mulher sempre à frente de seu tempo e que não se enquadrava aos padrões estabelecidos a sua época. Como uma forma de revolução e resistência contra o

machismo, a escritora optou por utilizar a “arma” da escrita, pela qual convocava os leitores a refletirem sobre o papel da mulher na sociedade, independentemente do momento temporal no qual estava inserida.

Num terceiro momento, as mulheres passaram a defender o direito ao próprio corpo, inclusive o direito ao aborto, ainda bastante polêmico. Por fim, o último momento do feminismo e cujo principal nome é a pesquisadora Judith Butler, ainda está se desenhando e se “refere à luta de algumas mulheres pela extinção do gênero” (LAVERDE; OLIVEIRA, 2017, p. 173).

No Brasil, conforme Pinto (2010), o momento sócio-histórico-político do país não abriu margem para esse tipo de reivindicação, pois o país passava pelo regime militar e qualquer tipo de manifestação “de esquerda” era passível de clandestinidade, exílio ou prisão. Não obstante, mesmo diante da repressão ocasionada pela ditadura militar, foi na década de 1970, que as primeiras manifestações feministas ocorreram no Brasil, sempre vigiadas pelos “olhares desconfiados” da ditadura.

Na década de 1980, com a redemocratização política, o feminismo ganhou mais espaço no país e surgiram então “inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais” (PINTO, 2010, p.17) e todas essas reivindicações resultaram de anos de luta e resistência para que se fizesse valer o direito de ir e vir. A mulher, mesmo que timidamente, ganhou mais espaço na sociedade e passou a lutar cada vez mais por seus direitos e para fazer valer sua voz.

Os coletivos feministas são desdobramentos atualizados das lutas feministas, e também, uma forma de reação a uma situação excludente e opressora. São grupos de mulheres feministas que procuram dar visibilidade às suas lutas e para isso pensam em práticas que buscam impactar a sociedade, ou o meio em que estão inseridas. Reúnem-se para discutir sobre seus direitos, empoderar o maior número de mulheres possíveis, desenvolver atos públicos nas mais variadas esferas e também atuam como um grupo de apoio às mulheres que passam por atos de violência.

O emprego da formulação “coletivos feministas” é bastante utilizado na contemporaneidade, em especial, no espaço digital, com o surgimento das redes sociais e com a criação e disseminação de diversos grupos com suas restrições e especificidades. Antes

disso, há outras formas de nomear os coletivos, sendo elas “movimentos” e “grupos”, a fim de sempre disseminar os ideais feministas.

De acordo com Pinto (2003), foi em 1972 que surgiram os primeiros grupos feministas no Brasil, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Eram grupos de mulheres militantes, esquerdistas e intelectuais que discutiam, mesmo que em reuniões “tímidas” e privadas, em virtude do período ditatorial pelo qual o Brasil passava, seus direitos e lugares na sociedade.

Os grupos eram informais, compostos por mulheres que já se conheciam. “[...] as mulheres uniam-se por amizade, afinidades intelectuais e até políticas; a entrada nesses grupos acontecia por meio de convites” (PINTO, 2003, p. 49), mas mesmo com esse caráter privado, em alguns casos, essas mulheres praticaram atividades públicas importantes no país.

Esses grupos, movimentos ou coletivos evoluíram com o passar dos anos e procuram disseminar seus ideais e empoderar o maior número de mulheres possíveis com suas especificidades e diversidades. A tentativa é apoiar as mulheres que passam pelos mais diversificados tipos de violência e que cada vez mais estão presentes na sociedade machista, na qual vivemos. Convocam um considerável número de membros, principalmente nas redes sociais, onde as informações circulam rapidamente. É uma reação contra a linguagem da cultura do machismo, da cultura do estupro, da violência doméstica, dos preconceitos de raça, gênero e classe.

Para que todas essas lutas façam sentido, os coletivos trazem consigo nomes apelativos. Um exemplo é o coletivo “Não me Khalo”¹, criado primeiramente no *Facebook* e depois no *Instagram*, e que configura um movimento de resistência, repercutindo em ambas as redes sociais, pelo fato de carregar consigo o nome de Frida Kahlo, e sobretudo, por colocar em evidência através do coletivo a representatividade da artista para o imaginário que se tem sobre o lugar da mulher. Isto porque, o estilo de vida da artista, suas dificuldades, perdas e conquistas vão construindo esse lugar para algumas mulheres como representantes de um movimento maior.

Na cidade de Guarapuava/PR, existe o coletivo feminista “Claudia da Silva”, um movimento classista que tem por objetivo lutar pelos direitos das mulheres e pelo empoderamento feminino desde 2015. O coletivo leva esse nome em virtude do ato de violência que a polícia militar do Rio de Janeiro cometeu contra Claudia da Silva Ferreira, no

¹ Disponível em:

https://www.facebook.com/NaoKahlo/?hc_ref=ARS_ho9wTGe1FWxR2kiQP73btwCV7Qb77jhAeSFz_U35UF_TkiXPIF8id9pOwP5mBA3Y Acesso em: 15/07/2017.

ano de 2014 e busca empoderar, por meio do feminismo, mulheres que sofrem qualquer tipo de violência, mas também as que convivem, ou não, com esse tipo de situação.

Cláudia era mulher, auxiliar de limpeza, carioca, negra e pobre. Ela foi baleada pela polícia e num ato de brutalidade arrastada pelas ruas do Rio de Janeiro. Com o porta-malas aberto, a viatura da polícia fez ultrapassagens velozes, mesmo sendo avisada de que o corpo de Cláudia da Silva estava suspenso e sendo arrastado no asfalto.

O coletivo “Cláudia da Silva”, da nossa região, traz esse nome como uma forma de homenagear essa mulher, mas principalmente de empoderar as mulheres para que lutem contra a violência de gênero, classe e raça. Ele possui mais de mil seguidores no *Facebook*, rede social que auxiliou no processo de disseminação de informações sobre o coletivo e também sobre os conteúdos de luta e resistências compartilhados por ele.

Podemos dizer que o espaço digital dá bastante visibilidade ao movimento feminista, já que convoca um número considerável de mulheres a lutar pelos seus direitos perante uma sociedade que as marginaliza. Páginas do *Facebook* intituladas “Empodere duas mulheres”, “Feminismo sem demagogia”, “Não me Kahlo”, “Feminismo Revolucionário” dentre outras, contam com inúmeros seguidores que constantemente compartilham postagens sobre o papel da mulher na sociedade, defendendo a igualdade de gênero.

De acordo com Ngozi Adichie (2015, p. 15), ser feminista é um ato de resistência, pois o próprio termo carrega consigo uma carga bastante negativa: “a feminista odeia os homens, odeia sutiã, odeia a cultura africana, acha que as mulheres devem mandar nos homens; ela não se pinta, não se depila, está sempre zangada, não tem senso de humor, não usa desodorante”, entretanto, do nosso ponto de vista e consoante com a autora, esse é um imaginário equivocado acerca de um movimento que busca igualdade de direitos entre homens e mulheres e é pela resistência que ele acontece na sociedade.

Alguns sujeitos que deslegitimam esse movimento, passaram a designar as feministas como “feminazis”, desqualificando as mulheres que participam desses movimentos. Basta que uma mulher saia do espaço a ela “delimitado” para que seja submetida à soberania do termo, logo, desacreditada e calada, pois, ele aponta para a voz de uma minoria dita como raivosa, descontrolada e perigosa. Cria-se o estereótipo de uma mulher opressora de homens e irracional, tal qual, a Alemanha nazi-facista da Segunda Guerra mundial que praticava a opressão da população e práticas desiguais de direitos.

Esses sentidos de feminismo estão tão cristalizados na sociedade que qualquer movimento feito pela mulher, que vá ao encontro de seus próprios gostos e desejos como o

gesto de não se depilar, por exemplo, abre espaço para uma série de críticas feitas por homens e mulheres que não se identificam com esses discursos.

São os discursos sobre a mulher, por meio da viralização da formulação “Bela, recatada e do lar”² sob a forma de *memes*, que nos interessam neste trabalho, tendo em vista que essa formulação contradiz o que é pregado pelo movimento feminista e sua circulação causa estranhamento, principalmente, quando se pensa que o tempo no qual a mulher era submissa já devia ter sido superado diante de tantas lutas travadas ao longo dos anos.

Nosso objetivo principal, portanto, é o de investigar o funcionamento da memória no espaço digital, a partir da formulação “Bela, recatada e do lar”, cujo efeito de origem teria sido uma matéria publicada pela Revista *Veja*, em meados de abril de 2016, sobre Marcela Temer, na época, esposa do então vice-presidente da república, Michel Temer e que de tanto se repetir, adquiriu o estatuto de *meme*. A questão de pesquisa que nos move, então, é: Como a memória metálica, horizontal e achatada, se imbrica com a memória discursiva, por seu turno, intervalar e marcada pela falha, e se entrecruzam no processo de produção/circulação dos *memes*, no espaço digital? Em sentido mais estrito, objetivamos: a) como a cidade, o espaço urbano e o espaço digital são significados pelo viés da teoria materialista do discurso; b) investigar o funcionamento dos *memes* no espaço digital, considerando a relação existente entre discurso e repetibilidade própria das práticas discursivas; c) verificar os efeitos de sentidos produzidos pelos *memes*, que irromperam a partir da formulação-origem “Bela, Recatada e do lar”; d) verificar que sentidos e memórias ressoaram sobre a mulher nos *memes*, que passaram a circular a partir da formulação-origem “Bela, recatada e do lar”.

Assim sendo, sustentamos nossas análises nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, pautada nos conceitos propostos por Michel Pêcheux e desenvolvidos no Brasil, por Eni Orlandi e por pesquisadores que com ela tecem redes.

Para que nossos objetivos se cumpram, dividimos o trabalho em três capítulos: No primeiro deles, intitulado “o *ciberespaço* como lugar de produção e de circulação de sentidos”, nos propomos a pensar no *ciberespaço* como um lugar em que discursos circulam e no qual os sujeitos se significam e significam o mundo.

Abordamos, brevemente, o surgimento do *Facebook*, atentando para a corporeidade existente no espaço digital, respaldando-nos em Dias (2004; 2008) e em Gallo e Romão (2011). Em seguida, pensamos o *ciberespaço* como um lugar de circulação de sentidos e na

² Metodologicamente, neste trabalho, a formulação verbal “Bela, recatada e do lar”, será tomada como uma “formulação-origem” (Courtine, 1981), a partir da qual, outras derivam.

efemeridade dos discursos que nele circulam, abordando os momentos da produção dos discursos, como aponta Orlandi (2012a). Por fim, estabelecemos as diferenças entre interdiscurso, memória discursiva e memória metálica para compreender como se dá o processo de formulação dos discursos.

No segundo capítulo, designado por nós “*We can do it!*”: o funcionamento discursivo dos *memes*, no espaço digital”, nos detemos no funcionamento discursivo dos *memes* traçando um percurso que vai desde o surgimento dessa designação – empregada pela primeira vez, ao que consta, pelo biólogo Richard Dawkins – até o seu funcionamento discursivo no espaço digital e os compreendemos como um texto composto por diferentes materialidades significantes (LAGAZZI, 2009; 2011) e que circula desenfreadamente na *internet*. Ainda neste capítulo, abordamos os processos parafrásticos e polissêmicos, forças que trabalham continuamente o dizer, possibilitando a repetição e o deslocamento de sentidos, nesse tipo de texto que viraliza no espaço digital. Nos respaldamos em Indursky (2011; 2013) para tratarmos da repetibilidade dos discursos, própria dos *memes* no espaço digital e do funcionamento do pré-construído, bem como da resistência nesse tipo de texto. Por fim, estudamos os principais efeitos de sentidos produzidos pelos *memes*, em especial, o humor e a ironia

Feito isso, no último capítulo intitulado “Bela, recatada e do lar”: replicação e ressignificação dos sentidos no espaço digital”, analisamos os *memes* por nós selecionados e que circularam em diferentes lugares no espaço digital, principalmente nas redes sociais e no site de busca *Google*. As análises foram feitas a partir do entrecruzamento da/na memória metálica com a memória discursiva, bem como do movimento existente entre a paráfrase (repetível) e a polissemia (discurso novo) no processo de produção de sentidos do/nos discursos.

PRIMEIRO CAPÍTULO

O CIBERESPAÇO COMO LUGAR DE PRODUÇÃO E DE CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS

O ciberespaço é um tapete tecido por milhões de pessoas e devolvido sempre ao tear.

(Levy. P)

Neste capítulo, nosso objetivo é compreender como a cidade, o espaço urbano e o espaço digital são significados pelo viés da teoria materialista do discurso. Para tanto, no item 1.1, nos alicerçamos nos pressupostos teóricos de Orlandi (2001, 2004a, 2004b, 2010, 2012a), que compreende a cidade como espaço de produção de sentidos, que convoca gestos de interpretação particulares e, em Venturini (2009), que compreende a cidade como texto a ser lido.

Por esse viés, consideramos o espaço como parte do acontecimento discursivo urbano e o espaço urbano como o enquadramento das práticas que acontecem na cidade, nos termos de Orlandi (2004b). Consideramos o espaço digital como fenômeno fundamentalmente urbano e os *memes* como parte da narratividade digital. Com base em Dias (2011a, 2011b), analisamos o estatuto do “e-” de eletrônico na nossa formação social, bem como ele modifica a cidade. Abordamos ainda, as modalidades de tomada de posição do sujeito, propostas por Pêcheux (2014), para compreender o modo como o sujeito se identifica/contratida/contratida/desidentifica com os discursos postos em circulação na/em rede.

No subitem 1.1.2, trabalhamos com o surgimento do *Facebook*, a partir de algumas considerações feitas por Kirkpatrick (2011), atentando para a corporeidade existente no espaço digital, respaldando-nos em Dias (2004; 2008) e em Gallo e Romão (2011). Em 1.2, tratamos o espaço digital como espaço de produção e de circulação de sentidos. Para tanto, iniciamos com algumas considerações feitas por Gallo e Romão (2011) acerca da efemeridade e rapidez próprias deste espaço e pensamos nos três momentos que constituem o processo de produção dos discursos, em especial, a formulação e a circulação, nos apoiando em Orlandi (2012a).

Posteriormente, estabelecemos as diferenças entre interdiscurso e memória discursiva, embasados em Pêcheux (2014), Courtine (1999, 2009), Orlandi (2015) e Indursky (2011), para compreender como os discursos são formulados.

No item 1.2.1, abordamos o funcionamento da memória no espaço digital e trazemos à baila o conceito de memória metálica, achatada e horizontal, pensado pela primeira vez por Orlandi, em 1996, que o desenvolve em obras posteriores (2006a, 2006b, 2007, 2012a,), bem como por Dias (2004; 2011b, 2015), que tem proposto avanços teóricos importantes no que se refere à produção e circulação de sentidos no espaço digital. Por fim, retomamos a noção de memória discursiva, com base em Courtine (2009), Pêcheux (2015b), que a entendem como uma memória lacunar e com falhas. Pensamos que essa distinção foi necessária para compreender o funcionamento e o imbricamento desses dois tipos de memória no processo de produção de sentidos no espaço digital.

1.1 O espaço digital como fenômeno fundamentalmente urbano

O sujeito utiliza a linguagem para se relacionar com outros sujeitos e com mundo e o espaço digital tem se tornado, principalmente, a partir do século XX, um dos lugares em que essa rede de relações tem se intensificado cada vez mais. Para compreender o processo de produção de sentidos nesse espaço, é necessário, inicialmente, saber como a cidade e o espaço urbano são significados pela teoria materialista do discurso e, especialmente, como nele se dá o processo de produção de sentidos.

Conforme Orlandi (2004b, p. 09), a cidade é o acontecimento social da modernidade, por excelência, e até mesmo aquilo que lhe é exterior (o campo) é por ela significado. Ela constitui então, uma realidade que se impõe de maneira inquestionável na nossa formação social e nada pode ser pensado sem tê-la como pano de fundo, pois “[...] todas as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida, cruzam-se no espaço da cidade” (ORLANDI, 2004a, p. 11). Assim compreendida, a cidade é um espaço de produção de sentidos, no qual o sujeito se significa e é significado (ORLANDI, 2001, p.7) e não é possível desatar o corpo de um do corpo do outro, porque estão intimamente relacionados, em suas variadas dimensões: cultural, material, econômica, histórica (ORLANDI, 2004a, p.11).

Para Venturini (2009, p. 140), a cidade “[...] constitui-se e deixa-se constituir numa ordem que, de um lado, é própria dela e, de outro, caracteriza-se pela sua ligação com os cidadãos que a habitam e a constituem como texto” a ser interpretado. Assim, pensamos que a cidade, do mesmo modo que o texto, está sempre aberta a gestos de interpretação que se modificam em razão da inscrição do sujeito na história.

Contudo, o objeto de interesse para a Análise de Discurso não são os dizeres **sobre** a cidade (ORLANDI, 2001, p.07), que se referem a sua organização e estão relacionados a sua

forma empírica, à administração e ao arranjo das suas unidades (ORLANDI, 2012a, p. 186) e irrompem da forma como os profissionais como sociólogos e antropólogos ou arquitetos e urbanistas a textualizam. O que lhe interessa são os discursos **da** cidade (ORLANDI, 2001, p.07), que dizem respeito a sua ordem, àquilo que é do “[...] domínio do simbólico (a sistematicidade sujeita ao equívoco) em sua relação com o real” (ORLANDI, 2012a, p. 186). Conforme a autora, a teoria discursiva busca:

[...] apreender o jogo da interpretação e seus efeitos nesse espaço em que o que é urbano e o que é social se sobrepõem. Interessa-nos desse modo compreender outras formas de significação já em processo na história urbana e movimentos sociais que não são perceptíveis por categorias fechadas das ciências sociais, mas detectáveis por um estudo que tem como objeto o discurso, sentidos em processo, sujeitos em vias de deslocamento, no movimento da (sua) história. (ORLANDI, 2004a, p. 26).

Em outras palavras, a Análise de Discurso não lança seu olhar para o discurso urbano e cujo ponto de origem possível deriva do modo como os especialistas do espaço urbano significam a cidade, homogeneizando os dizeres e silenciando o seu real e, logo, o social que o acompanha. O que lhe interessa são os discursos que irrompem **dela/por ela** e faz isso levando em consideração a espacialização da linguagem e a simbolização do espaço urbano (ORLANDI, 2001, p.7).

Com relação ao espaço, a autora explica que quando o pensamos em relação à cidade, é necessário considerar as condições de produção que constituem a prática significativa da/na cidade. Conforme ela, o espaço faz parte do acontecimento discursivo urbano e tem suas características e configurações próprias (ORLANDI, 2010, p. 12), por isso, não pode ser compreendido como espaço empírico, mas como espaço de significação, que tem sua historicidade. Segundo a autora:

[...] Estamos, assim, considerando o espaço como parte do acontecimento discursivo urbano. Portanto, não se trata nem do espaço empírico, nem do espaço concreto, material, em si, mas desse espaço material que significa, que tem sua historicidade: espaço de significação, afetado pela interpretação, pela ideologia, em que sujeitos vivem. O que nos leva à distinção de espaço empírico, espaço concreto, material e espaço de significação (ORLANDI, 2010, p. 12-13).

Nesse sentido, o espaço urbano, segundo a autora, “[...] é o enquadramento dos fenômenos ou práticas que acontecem na cidade” (ORLANDI, 2010, p. 12). Ele é um “[...] espaço material concreto funcionando como sítio de significação, que requer gestos de

interpretação particulares. Um espaço simbólico trabalhado na/pela história, um espaço de sujeitos e de significantes” (ORLANDI, 2004a, p. 32). Desse modo, o espaço urbano constitui um espaço de produção de sentidos, que somente podem ser determinados a partir das suas condições de produção.

O discurso urbano se textualiza sob diferentes formas, dentre as quais, os nomes de ruas, os letreiros, painéis e *outdoors*, os grafitos, as pichações e inscrições, a música, as rodas de conversa, etc., que constituem “[...] *flagrantes* de um olhar (um corpo) em movimento” ou da “narratividade urbana”, compreendida como “cenas de que o sujeito participa, sem distância”, pois ele não relata de fora, mas “se narra” como parte da cena (ORLANDI, 2004a, p. 30).

O espaço digital também é um fenômeno fundamentalmente urbano (ORLANDI, 2010, p. 14) e pensamos que também funciona como um sítio de significação, o qual também convoca gestos de interpretação específicos. Como em outros espaços de produção de sentidos, nele, os discursos se materializam por meio de uma vasta gama de textos, compreendidos não como unidades fechadas, mas como “peças” de linguagem dotadas de significação (ORLANDI, 2001, p. 65), que circulam nas telas dos *smartphones*, computadores ou *tablets*, em *sites* de buscas e pesquisas, como o *Google* ou nas redes de relacionamentos pessoal como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Tumblr*, entre outros.

Essas plataformas constituem o lugar em que discursos se materializam, atestando o movimento da língua na história, convocando o sujeito a se posicionar diante daquilo que lhe é dado a ver/ler. Por esse viés, podemos dizer que os *memes* constituem um tipo de texto que compõem a “narratividade do espaço digital³”, pois são “peças de linguagem”, dotadas de significação das quais “o sujeito participa, sem distância”,

Essas peças de linguagem viralizam rapidamente, em especial, nas redes sociais, colaborando para reforçar sentidos já cristalizados na nossa formação social ou promovendo deslizamentos e desfazendo a ilusão da transparência da linguagem.

Com base nisso, é importante compreender como o avanço das novas tecnologias vêm produzindo seus efeitos e afetando as relações do sujeito com o seu outro e com o mundo. Para Dias (2011a, p. 11), os efeitos de sentido produzidos pelo “e-” de eletrônico⁴ – que

³ Aproximamo-nos aqui, do conceito de “narratividade urbana”, proposto por Orlandi (2004a, p. 31) e que diz respeito ao modo de o sujeito se significar no espaço urbano. Para nós, a “narratividade digital” se refere à forma como o sujeito se significa nesse espaço de produção de sentidos.

⁴ Para mostrar como esse “e-” afeta a vida dos sujeitos, na sociedade contemporânea, a autora elenca algumas palavras que passaram a fazer parte da nossa urbanidade, como *e-book*, *e-comércio*, *e-gov*, *e-cidadania*, dentre outras. (DIAS, 2011a, p. 11).

passou a constituir o espaço urbano em sua própria formulação – vão além da simples adjetivação e dizem respeito a um processo de ressignificação do espaço urbano, que afeta a vida cotidiana, as instituições e o modo de subjetivação do sujeito da sociedade da informação. Segundo a autora:

[...] a cidade se modifica em função do e-, há uma ressignificação da própria sociedade em função de instrumentos tecnológicos que fazem parte do nosso cotidiano, como os celulares, os quais instituem uma nova forma de relação entre os sujeitos e dos sujeitos com o espaço urbano (DIAS, 2011a, p. 12-13).

Existe, portanto, conforme ela, uma relação de mão dupla entre o eletrônico e o urbano, que afeta a forma de existência dos sujeitos e o modo como eles (se) significam a/(na) cidade. Por essa perspectiva, o eletrônico significa o social, na ordem do discurso urbano:

O e-urbano é a forma material da cidade contemporânea, através dele, da forma material da palavra, mas também da forma material da cidade, compreendemos 1) o processo de produção de sentido no e do espaço urbano, significado pelo eletrônico, e 2) o processo de produção da vida no que diz respeito às suas relações sociais nesse espaço significado pelo eletrônico (DIAS, 2011a, p. 14).

Para a autora, o e-urbano diz respeito a um modo de compreender o espaço urbano a partir da discursividade do eletrônico e dos efeitos de sentido que ele produz na cidade e nos sujeitos, pois a tecnologia constitui “[...] a base da formação das cidades, no que diz respeito aos seus aspectos topográficos, mas também no que diz respeito às relações sociais, ao espaço urbano” (DIAS, 2011b, p. 267). O eletrônico modifica a paisagem urbana, já que é possível, a partir de um simples clique, acessar informações sobre tudo e sobre todos em tempo real, ver anúncios publicitários, participar de comunidades e jogos, ler mensagens, assistir televisão, ouvir música, consultar saldos e extratos bancários, falar com amigos/amores, além de outras inúmeras práticas que poderiam aqui ser elencadas.

O eletrônico modifica a vida cotidiana dos sujeitos e até mesmo as relações sociais que se tornaram mais “democráticas”, tendo em vista que é permitido ao sujeito abrir o *feed* de notícias da sua rede social favorita, por exemplo, e filiar-se, ainda que inconscientemente, a certos discursos ou contestar, rejeitar e polemizar outros que irrompem na sua *timeline*.

Essa identificação/desidentificação/contratificação do sujeito com os discursos que irrompem, inclusive no espaço digital, resultam da sua inscrição em uma ou mais

formações discursivas, como ensina Pêcheux (2014, p. 147, grifos do autor), compreendidas por ele como “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*”, e que, no discurso, representam as formações ideológicas que o afetam.

Segundo o autor, a ideologia é constitutiva da prática discursiva e efeito da relação necessária entre o sujeito e a linguagem, pois “[...] os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 2014, p. 147, grifos do autor).

Para Pêcheux (2014), existem três modalidades de tomada de posição que atestam a relação entre o “sujeito enunciador” (a quem é atribuído o discurso) e o “sujeito universal” (o sujeito da ciência, aquele que organiza os saberes). Na primeira delas, ao formular seu discurso, o sujeito enunciador se identifica plenamente com o sujeito universal, sob a forma do “livremente consentido”. Essa modalidade caracteriza o discurso do “bom sujeito” (PÊCHEUX, 2014, p. 199), uma vez que o sujeito enunciador não contesta o discurso do sujeito universal, mas assujeita-se espontaneamente a ele.

A segunda modalidade caracteriza o discurso do “mau sujeito”, pois o sujeito da enunciação contesta, duvida, questiona, se distancia e se revolta com aquilo que o sujeito universal lhe dá a pensar (PÊCHEUX, 2014, p. 199). Em outras palavras, ele questiona os dizeres inscritos numa dada formação discursiva, contudo, não sai dela. Esse sujeito, como assinala Pêcheux (2014), respeita o sujeito universal, porém luta contra a evidência ideológica.

Por fim, para Pêcheux (2014, p. 201-202, grifo do autor), a *desidentificação* “constitui um *trabalho* (transformação - deslocamento) da forma-sujeito e não sua pura e simples anulação”. Segundo ele, nessa modalidade de tomada de posição, o sujeito enunciador sai de uma formação discursiva, inscrevendo seu dizer em outra(s). Segundo o autor:

A ideologia ‘eterna’ enquanto categoria, isto é, enquanto processo de interpelação dos indivíduos em sujeitos – não desaparece: ao contrário, funciona de certo modo às *avessas*, isto é, *sobre e contra a si mesma*, através de ‘desarranjo-rearranjo’ do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 2014, p. 202, grifos do autor)

A ideologia sustenta, portanto, uma nova prática em virtude dos saberes que compreendem uma determinada forma-sujeito. Há a inscrição de um discurso que não

corresponde mais às formas-sujeitos antagônicas e, por isso, o sujeito inscreve o dizer em um novo domínio discursivo.

No espaço digital, especialmente com o surgimento das redes sociais, como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, essas modalidades de tomada de posição atestam a inscrição do sujeito em uma ou outra(s) formação discursiva(s), pois ele é convocado a todo o momento a curtir/reagir, comentar e/ou compartilhar aquilo que lhe é dado a ver. Nesse funcionamento, a cidade é transportada para uma “cidade virtual”, que comporta diferentes “tribos urbanas”, entendidas por Dias (2008) como grupos de sujeitos, que se reúnem no *ciberespaço* a partir de interesses comuns.

Por esse viés, as Novas Tecnologias de Comunicação e Informação são um importante elemento do espaço urbano e o espaço digital um lugar no qual não se estabelecem apenas relações entre sujeitos. Ele constitui um novo espaço de produção de sentidos, isso porque, conforme a autora, somos todos sujeitos afetados pela discursividade do tecnológico, que não está apenas nos objetos ou no acesso que temos a eles e nem mesmo no acesso à *internet*, mas

[...] no processo histórico e ideológico da sociedade contemporânea, do modo como estamos nela, como significamos os espaços e somos por ele significados, do modo como somos individuados pelo Estado na forma do discurso da tecnologia e no modo como nessa discursividade a informação como excesso, saturação de sentido, não dá margem para a interpretação. O sujeito, contudo, no movimento de compreensão da subjetividade pode deslocar o sentido, *resistir* (DIAS, 2011b, p. 271, grifos nossos).

Não há, pois, como nos desvencilharmos do eletrônico nem tampouco negar que o espaço digital e, em especial, as redes sociais inauguram uma nova forma de o sujeito se significar e de significar o mundo. Afetado pela ilusão⁵ de que pode tudo dizer, nesse espaço, ao mesmo tempo de todos e de ninguém, o sujeito segue reforçando sentidos já estabilizados ou questionando, polemizando, duvidando ou rompendo com eles. Em uma palavra: resistindo.

1.1.2 A inscrição do corpo no espaço digital

⁵ Essas ilusões que afetam o sujeito correspondem aos esquecimentos propostos por Pêcheux (2014): o esquecimento ideológico que é o de número um, e o esquecimento enunciativo que é o de número dois. “*O esquecimento de n° 2* é o esquecimento pelo qual o sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase. [...] *O esquecimento de n° 1* dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o esquecimento de n°1 remetia, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que esse exterior determina a formação discursiva em questão”. (PÊCHEUX, 2014, p. 161-162)

Conforme já adiantamos, o espaço digital é um fenômeno fundamentalmente urbano (ORLANDI, 2010). Marcado pela conectividade e rapidez com que os discursos nele são produzidos, pensamos que ele constitui um lugar privilegiado para gestos de interpretação que vão além da mera decodificação ou atribuição de sentidos.

Para a AD, interpretar é compreender que a linguagem não é transparente e que o sentido sempre pode ser outro. O que essa teoria da leitura busca é explicitar o modo como um objeto simbólico produz sentidos, levando em consideração a opacidade da linguagem (ORLANDI, 2007). Conforme a autora, “[...] a interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história” (ORLANDI, 2007, p. 18, grifos da autora).

Os textos circulam de diversas maneiras no espaço digital e o *Google*, por exemplo, é o maior *site* de buscas e pesquisas existente nesse espaço. Por meio dele os sujeitos podem encontrar conteúdos diversificados, pois nele circulam várias informações e, não à toa, é o website mais visitado no mundo.

O *Tumblr* é uma rede social em que blogueiros compartilham vídeos, fotos, músicas, textos e muitos *gifs*. Qualquer um pode ter um *Tumblr*, porém, assim como na rede social *Instagram*, demora um certo tempo para que o usuário ganhe visibilidade e tenha um número considerável de seguidores e “fãs”. É importante salientar que os assuntos, os quais emergem dessa rede social, em sua maioria, provocam o riso e o sarcasmo.

O *Twitter* é uma rede social, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 280 caracteres, conhecidos como “tweets”, por meio do website do serviço e por softwares específicos de gerenciamento. As atualizações são exibidas no perfil de um usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários seguidores que estejam seguindo a pessoa de seu interesse para recebê-las. Além das micro-mensagens, o *Twitter* atualmente disponibiliza a opção de também compartilhar imagens e vídeos, através de encurtadores de URL's.

O *Facebook*, maior rede mundial de relacionamentos da *internet*, assim como o *Twitter*, o *Instagram* e outras redes sociais constitui um lugar privilegiado para investigar o processo de produção de sentidos, bem como o funcionamento da memória discursiva e da memória metálica⁶, que se entrelaçam no espaço digital, colaborando para reforçar sentidos já

⁶ Estes dois conceitos, caros à teoria discursiva, serão melhor trabalhados na seção 1.2.1 deste capítulo.

cristalizados ou romper com eles, por meio da contestação, da dúvida, da polêmica e da resistência.

De acordo com Kirkpatrick (2011), o *Facebook* foi criado em fevereiro de 2004, por Mark Zuckerberg, um estudante que cursava o segundo ano do curso de Ciências da Computação, na Universidade de Harvard e teria sido criado como uma plataforma que armazenava informações dos estudantes daquela universidade.

Inicialmente batizada de *thefacebook.com* tinha como objetivo principal facilitar a comunicação entre eles, pois permitia a criação de grupos que compartilhavam informações, opiniões, vídeos e conteúdos. A plataforma possibilitava também que novas amizades, ainda que virtuais, se estabelecessem e aos poucos, foi ganhando seu espaço, espalhando-se não só por outras universidades, mas pelo restante do mundo.

Para moldar-se às novas necessidades da sociedade da informação e da comunicação, o *Facebook* foi sofrendo diversas alterações e passou a ser utilizado em grande escala, tanto que em 2012, atingiu a marca de 1 bilhão de usuários. A possibilidade de conversar com alguém distante por meio de *chats* e de mensagens permaneceu intacta, porém, tornou-se possível também compartilhar fotos e vídeos, criar páginas, atualizar o *feed* de notícias, entre outras práticas.

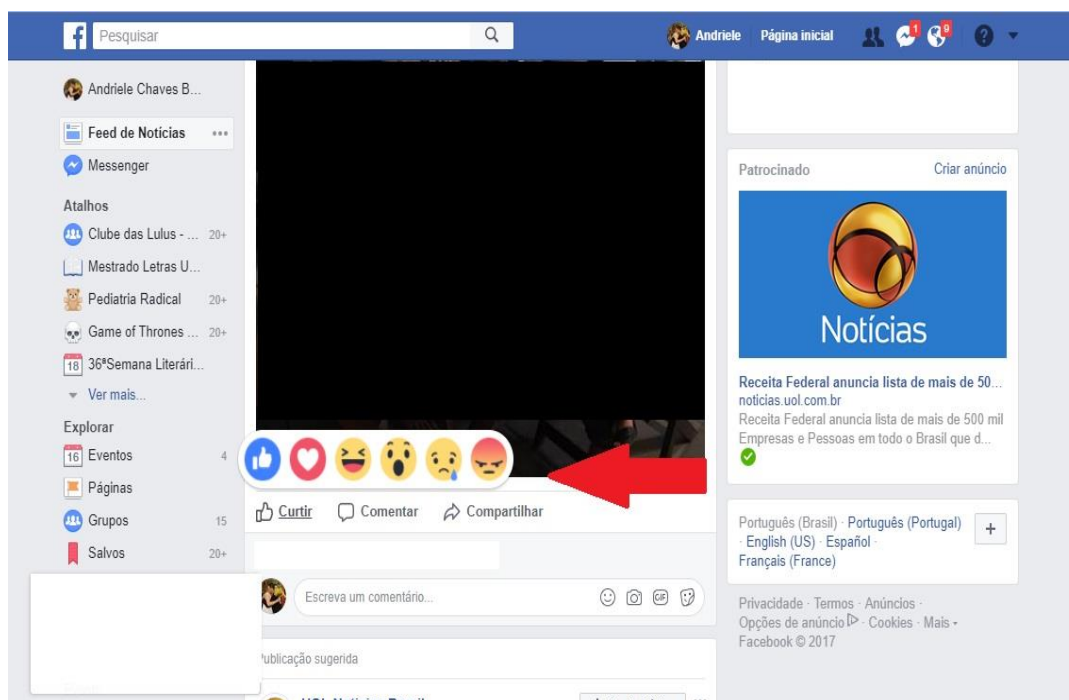
Esse enorme sucesso ocorreu, porque, segundo Kirkpatrick (2011, p. 21), “à diferença de praticamente qualquer outro site ou negócio de tecnologia, o *Facebook* é, profunda e prioritariamente, sobre pessoas. É uma plataforma para que elas obtenham mais da própria vida. É uma nova forma de comunicação, tal como foram as mensagens instantâneas, o e-mail, o telefone e o telégrafo”.

O *Facebook* constitui uma rede social em que “amizades”, ainda que virtuais, se estabelecem e não há outra rede no espaço digital que possibilite isso. É o lugar em que o sujeito “se mostra (se esconde)” (ORLANDI, 2012^a, p. 9), já que ao compartilhar um texto, um vídeo ou uma foto, ou ainda, ao “curtir” (ou não um *post*), ele assume uma posição (PÊCHEUX, 2014) frente aos discursos que irrompem na sua *timeline*.

Essa possibilidade de tomada de posição diante dos discursos que circulam nessa plataforma foi ampliada, recentemente, quando foram criados novos botões, que permitem ao sujeito outras “reações” diante daquilo que lê/vê. Agora, além de “curtir”, os botões "amei", "haha", "uau", "triste" e "Grr" permitem conhecer os efeitos de sentido que os discursos que irrompem na sua *timeline* do perfil da sua conta no *Facebook* provocam nele, sinalizando para

os processos de identificação, desidentificação ou contraidentificação, propostos por Pêcheux (2014).

Figura 1 - Captura do *feed* de notícias da nossa página do *Facebook*



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/>. Acesso em: 25/08/2017.

Essas possibilidades de “reações” diante de uma determinada postagem, apontadas pela seta vermelha no *print* acima, sinalizam para a possibilidade de o sujeito corporizar seu discurso nesse espaço do dizer, uma vez que, conforme Dias (2004, p. 140), “há uma inscrição do corpo na língua, o corpo acontecendo na significação [...] o ‘corpo sem órgãos’: a ‘corpografia’”.

Essa corpografia ocorre por meio das letras na tela ou como no caso do *Facebook*, por meio dos *emoticons*⁷, *emojis*⁸ e *smileys*⁹, que inscrevem o corpo do sujeito no discurso urbano digital, atestando o seu gesto de interpretação. Para Dias (2008), a corpografia é a inscrição do

⁷O *emoticon* é um símbolo gráfico ou uma sequência de caracteres do teclado padrão, geralmente usado na comunicação eletrônica informal, para expressar uma emoção, uma atitude ou um estado de espírito. Ex. (: -), (^ _ ^)

⁸ O *smiley* é um tipo de *emoticon* e se diferencia dele por ser criado a partir de sequências de caracteres especiais, como (^ ° □ °) ^ _ _ _ _ , muito populares nos PCs. Contudo, também é utilizado para expressar sentimentos e emoções, além de diferenciar aquilo que é “sério” do que é passível de riso.

⁹ Os *emojis* também agrupam o *smiley* e outros símbolos originalmente considerados *emoticons*, porém apenas em suas versões em desenho. Embora tenham surgido na década de 90, no Japão, se popularizaram em 2010, quando a *Apple* adotou as figuras, sendo logo acompanhada pelo *Google* e pela *Microsoft*, em seus aparelhos *Android* e *Windows Phone*.

corpo na língua, pensando a escrita na *internet* como uma forma de simulacro que propõe, em seus traços, uma forma do pensamento.

De acordo com a autora (2008, p. 15), a linguagem que circula no ciberespaço é a linguagem da programação, a linguagem da máquina, que engloba os *smileys*, as onomatopeias, a ausência de acentuação e a abreviação de palavras dentro de uma linguagem também chamada *internetês*. Para Gallo e Romão (2011, p. 18):

O português faz-se *internetês* não apenas porque o código foi alterado, visto que, como analistas do discurso, não entendemos como portador de uma mensagem a ser decodificada; tampouco tomamos a língua em seu formato instrumental de uso para produzir clarezas e coerências. [...] tal mudança aponta para um movimento discursivo, qual seja, com o *internetês* tagarela-se muito, muito. Muito, mas o dizer faz-se pequeno; o simbólico marca-se insuficiente para situar o sujeito em seu desejo, por isso, escancara-se a falta como sinal desse excesso de movimento na contemporaneidade.

Por meio dessa linguagem, são produzidos muitos discursos, em sua maioria, regradados pela necessidade da rapidez da contemporaneidade, mas que às vezes deixam a desejar no movimento de situar o sujeito no mundo. A linguagem do espaço digital é, por assim dizer, a linguagem da falta, mas contraditoriamente marcada pelos excessos próprios desse espaço.

Para as autoras (2011, p. 14), esse tempo de dizer *online* faz com que o corpo fique colado na máquina e faça dela uma extensão de si. O aceleração no emaranhado de dizeres recorrentes da rede não permite que o corpo descanse, pare de digitar, navegar, dizer, tão pouco fique lento. A máquina clama dedicação e atenção do sujeito que, de certa forma, torna-se “fiel” a ela, dedicando-lhe boa parte do seu tempo.

Isso acontece porque, o sujeito tem a necessidade de acompanhar a velocidade com que os dizeres circulam no espaço digital, são formulados e reformulados. Ele sente que precisa se manter “vivo”, no *Facebook* ou em outras redes sociais, por meio de postagens diárias, para que de certa forma, os seus amigos virtuais aprovelem (curtam), reajam (por meio dos *smileys*, *emoticons* e *emojis*), comentem e compartilhem seus *posts*, porque no mundo globalizado, precisa da aceitação do outro, sem a qual, ele não existe nesse espaço virtual. Contudo, quando isso não acontece, instauram-se discussões e polêmicas na/em rede.

Portanto, o corpo do sujeito “fala” na rede a partir do momento em que mobiliza recursos gráficos, sonoros e de animação para dar corpo a sua emergência na rede e para fazer falar o (seu) corpo presentificado na letra (GALLO; ROMÃO, 2011, p. 14). É como se por essa emergência, o sujeito não se desligasse um minuto sequer do virtual e estivesse disponível todo o tempo para navegar. Para as autoras:

Esse corpo-em-rede funciona na potência e na errância, mas é clivado pela fragmentação e incompletude, em seu impossível de todo dizer, visto que a certa altura algo manca, o sono pesa, a dor muscular corta e o corpo cede, obrigado a sair da rede ou apaga-se diante da tela que continua acesa. (GALLO; ROMÃO, p. 16)

Por mais que o sujeito saia dessa rede por alguns instantes, ela permanece sempre conectada, pronta para ser explorada. Por esse prisma, ela constitui um lugar em que os discursos são (re-)formulados e voltam a circular novamente nela/por ela, produzindo sentidos por/para outros sujeitos.

1.2 O espaço digital como lugar de produção e de circulação de sentidos

Uma das necessidades dos sujeitos que habitam o espaço urbano é estar sempre bem informado e a quantidade de discursos, que circulam nos mais diferentes lugares da *internet* é cada vez maior. Esse conjunto de redes de computadores, espalhado por todas as regiões do planeta, por meio de um protocolo comum, permite que as informações circulem em massa, numa velocidade ímpar, por meio de jornais eletrônicos e de *sites* de buscas como o *Google*, por exemplo, atualizando sentidos ou rompendo com aqueles já estabelecidos.

Outra necessidade que afeta o sujeito é a de se comunicar rapidamente e até bem pouco tempo, os *e-mails* foram o principal veículo de proximidade e troca de mensagens eletrônicas, mas atualmente, estão sendo rapidamente “esquecidos”, tendo em vista o surgimento do *WhatsApp*, *Messenger* e *Snapchat*, que permitem contatar alguém em questão de segundos, nos mais diferentes lugares, aproximando os sujeitos cada vez mais.

A rede mundial de computadores permite ainda, que entidades e sujeitos que (com) partilham de interesses e/ou objetivos comuns se (re-)unam, virtualmente, ignorando assim, qualquer distância espacial. Em *blogs* ou nas redes sociais, como o *Facebook*, os sujeitos não apenas reforçam laços de amizade, mas formulam discursos, dando corpo às palavras.

É a formulação e a circulação dos discursos no espaço digital que nos interessa, neste ponto do trabalho. Para tanto, retomamos Orlandi (2012a, p. 9), que aponta três momentos no processo de produção dos sentidos: a constituição, pela qual o sujeito inscreve o seu dizer na memória discursiva, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo; a formulação desse dizer, em condições de produção e em circunstâncias de enunciação

específicas e a circulação, que se dá em certa conjuntura e “segundo certas condições” (ORLANDI, 2012^a, p. 9).

Para a autora, esses três momentos são muito importantes, mas é a formulação a responsável por dar vida à linguagem. Esse “é o momento em que o sujeito diz o que diz” em que ele “dá corpo aos sentidos”, a depender da inscrição do dizer na FD da tomada de posição. Para a autora, a formulação “[...] se desenha em circunstâncias particulares de atualização, nas condições em que se dá, por gestos de interpretação e através de discursos que lhe emprestam ‘corpo’” (ORLANDI, 2012a, p. 10).

Entretanto, para a teoria materialista do discurso, só é possível dizer algo porque tudo já foi dito antes, ou seja, porque há uma relação entre o já-dito (interdiscurso) e aquilo que está sendo dito em determinado momento e em condições de produção específicas (intradiscurso). Segundo Pêcheux (2014, p. 149), o interdiscurso “[...] é o todo complexo com dominante das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas”. É ele que fornece “[...] a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita”, pois o intradiscurso é, a rigor, um efeito do interdiscurso (PÊCHEUX, 2014, p. 154).

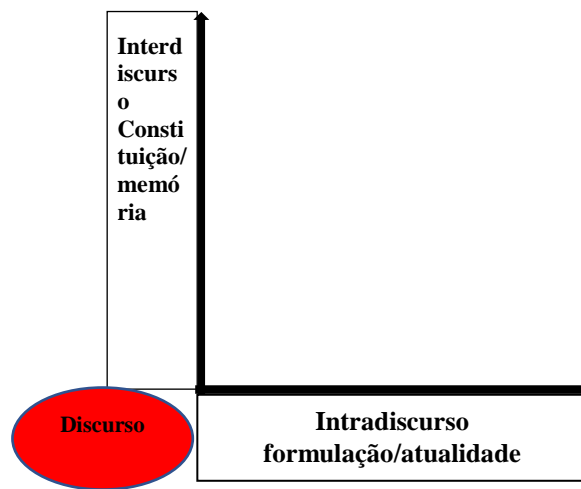
Orlandi (2015, p. 30-31), com base em Courtine (2009), nos diz que o interdiscurso corresponde ao eixo vertical/da constituição, que abarca os discursos já ditos e “esquecidos”, ao passo que o intradiscurso diz respeito ao eixo horizontal/da formulação dos dizeres. Conforme ela:

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que passando para o ‘anonimato’, possa fazer sentido em ‘minhas palavras’ (ORLANDI, 2015, p. 32, grifos da autora).

Isso significa que a formulação é determinada pela constituição, pois só podemos dizer se nos colocamos na perspectiva do dizível. De acordo com a autora, “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos; o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 33).

É esse “jogo” entre o eixo vertical (da constituição/memória) e o eixo horizontal (da formulação/atualidade), ou do interdiscurso com o intradiscurso, que procuramos demonstrar na figura que segue:

Figura 2



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Courtine (1999) assinala que a existência de um enunciado está ligada à noção de uma repetição e que pensar o assujeitamento do sujeito falante na ordem do discurso implica, ao mesmo tempo, em dissociar e articular dois níveis de descrição: a) o nível da enunciação: por um sujeito enunciador em determinada circunstância de enunciação; b) o nível do enunciado: no qual se verá, no interdiscurso (espaço vertical, estratificado e desnivelado dos discursos), “[...] uma série de formulações marcando, cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se em formas linguísticas determinadas (citando-se, repetindo-se, parafraseando-se, opondo-se entre si, transformando-se...)” (COURTINE, 1999, p. 18).

Seguindo Foucault, propõe denominar esse espaço interdiscursivo de “domínio de memória”, no qual o sujeito enunciador não tem um lugar definido e onde ressoa uma ‘voz sem nome’ (COURTINE, 1999, p. 19). Conforme ele, o domínio de memória “[...] constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciador na formação dos enunciados ‘preconstruídos’¹⁰, de que sua enunciação apropria-se. (COURTINE, 1999, p. 18-19, grifo do autor). Conforme o autor:

O interdiscurso, sabe-se, fornece, sob a forma de citação, recitação ou preconstruído, os objetos do discurso em que a enunciação se sustenta *ao mesmo tempo* que organiza a identificação enunciativa (através do regramento das marcas pessoais, dos tempos, dos aspectos, das modalidades...) constitutiva da produção da formulação por um sujeito

¹⁰ De acordo com Courtine (2009, p. 74), o termo “preconstruído” foi introduzido por Henry para “[...] designar uma construção anterior, exterior, independente por oposição ao que é construído na enunciação”.

enunciador. E que acaba, assim, por desaparecer aos olhos de quem enuncia, garantindo, na aparição de um ‘eu’, ‘aqui’ e ‘agora’, a eficácia do assujeitamento. (COURTINE, 1999, p. 20, grifos do autor)

Desse modo, para que as palavras signifiquem, elas precisam estar inscritas, em primeira instância, no eixo do enunciável e que é exterior ao discurso do sujeito. Isso significa que a existência do enunciado está ligada à noção de repetição (COURTINE, 1999, p. 18). Segundo ele, é no interdiscurso que estão presentes os dizeres (“objetos”), dos quais os sujeitos se apropriam para formular seu discurso (COURTINE, 2009, p. 74). Contudo, esses dizeres não estão soltos, mas inscritos no interior de uma ou mais formações discursivas. Nesse sentido, as “escolhas” feitas pelo sujeito não são neutras, mas resultam da sua interpelação pela ideologia.

Por essa perspectiva, o interdiscurso e a memória discursiva não têm o mesmo funcionamento, pois enquanto o primeiro reúne todos os discursos já produzidos “[...] antes, em outro lugar e independentemente”, sob o complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, 2014, p. 149), a memória discursiva¹¹ diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos (COURTINE, 2009, p. 106).

Segundo Courtine (2009), o reaparecimento de uma formulação “faz circular” outras formulações já enunciadas em outras circunstâncias de enunciação: “toda formulação apresenta outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega, isto é, em relação às quais ela produz efeitos de memória específicos” (COURTINE, 2009, p. 104).

Esse imbricamento entre aquilo que já foi dito e aquilo que está se dizendo em condições de produção específicas só é possível, portanto, porque no domínio da memória ressoa uma voz anônima, designada por Courtine (2009) de memória discursiva. É ela que permite ao sujeito fazer “escolhas” (inconscientes), dentro do arcabouço de discursos “esquecidos” existentes no interdiscurso e inscritos em uma ou mais formação discursiva, aquele com o qual se identifica, colocando-o novamente em circulação.

Também Indursky (2011, p. 70) afirma que a repetibilidade sustenta a produção dos discursos e atesta que os saberes preexistem ao discurso do sujeito. Segundo ela, o sujeito produz o discurso sob esse regime, afetado pela ilusão de que é a origem daquilo que diz. Afirma ainda, que há repetição, porque os sentidos são regularizados pela memória social.

¹¹ Nesta parte do trabalho, nosso objetivo foi tratar da formulação, um dos momentos do processo discursivo, estabelecendo a diferença entre interdiscurso e memória discursiva. O funcionamento da memória, no espaço digital, será melhor desenvolvido a seguir.

São os discursos que circulam e que são regidos pelo caráter sócio-histórico que são retomados, repetidos e também regularizados. De acordo com ela:

[...] se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. São os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados (INDURSKY, 2011, p. 71).

Os discursos em circulação só fazem sentido e produzem sentido, porque antes já foram ditos por outros sujeitos em outras condições de produção. É na memória discursiva que estão os já-ditos, repetidos e retomados para que sejam relançados e postos novamente em circulação na forma do discurso “novo”. Conforme Indursky (2011, p. 86):

[...] a memória discursiva é regionalizada, circunscrita ao que pode ser dito em uma FD e por essa razão é esburacada e lacunar. Já o interdiscurso abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FD [...] é uma memória ampla, totalizante e, por conseguinte, saturada.

Outro momento importante do processo de produção de sentidos, apontado por Orlandi (2012a), é a circulação que diz respeito ao lugar onde os dizeres são e como se mostram, aos “trajetos dos dizeres”, aos “meios” que nunca são neutros (ORLANDI, 2012a, p. 11-12). Os sentidos são como se constituem, se formulam e circulam, em diferentes formas materiais, como documentos, cartas, música, e no caso desse trabalho, pelos diferentes tipos de textos que circulam no espaço digital.

De acordo com Dias (2016a, p. 173), o lugar em que os discursos circulam, no espaço digital, não pode ser confundido com o suporte, pois o modo como eles se movimentam faz parte do processo de significação e não está relacionado, meramente ao suporte tecnológico, mas à forma material do discurso:

A materialidade digital não deve se confundir com suporte porque o que chamamos de materialidade digital é o processo de significação que se dá pela emergência da discursividade digital na forma material do discurso (texto, imagem, cena urbana, etc.), e em certo meio material (aplicativo, outdoor, rede social, cidade, etc) (DIAS, 2016a, p.173)

Assim, a materialidade digital está voltada para a discursividade presente no espaço digital que utiliza de aparatos¹² para que seja significada. É o caso, por exemplo, dos *memes*,

¹² Isso será discutido no terceiro capítulo.

que atualmente constituem um dos principais tipos de textos que circulam nesse espaço de produção se sentidos, replicando-se e multiplicando-se em massa, numa velocidade assustadora, às vezes, colocando em circulação discursos polêmicos, que não poderiam ser ditos de outro modo, sob outras condições de produção.

Podemos dizer, então, que os *memes* são textos próprios do espaço digital que irrompem e viralizam nesse espaço velozmente, podendo desaparecer poucos segundos depois. Com relação ao seu surgimento na *internet*, os estudiosos do assunto contam que o primeiro deles teria surgido em 2008, na comunidade artística *devianArt*¹³ e ficou conhecido como *trollface*,, muito famoso principalmente nas redes sociais:

Meme 1

Trollface





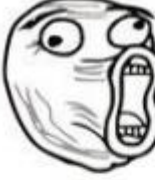

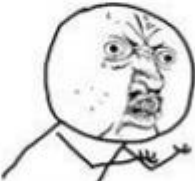


Fonte: Disponível em: <http://knowyourmeme.com/memes/trollface-coolface-problem>.
Acesso em: 20/08/2016.

Contudo, muitos dos *memes* conhecidos hoje, na *internet*, irromperam no 4chan.org e no knowyourmeme.com, que explicita o significado dos primeiros *memes*, os quais circularam na *internet*, principalmente dos “carinhas toscas”, formulados com a ajuda da ferramenta *paint* do *windows* e que cujo efeito de sentido principal era o de, em primeira instância, provocar o riso.

Um pouco mais tarde, entre os anos 2008 a 2010, viralizaram os *Rage faces* ou “faces com raiva” e cujo efeito de origem seria o *Rage Guy*, a partir do qual outros *memes* teriam surgido sempre provocando o efeito de sentido do humor, mas pelo viés do sarcasmo.

¹³ *DevianArt* é uma empresa virtual estadunidense que tem sua sede na Califórnia. Fundada nos anos 2000, é uma rede social, na qual artistas do mundo todo compartilham suas artes digitalizadas e trocam informações numa sala de bate papo. O *site* oficial dessa rede social é <https://www.deviantart.com/account/> e qualquer pessoa pode cadastrar-se e participar dele.

Tabela 1 - Principais *Rage faces*

 <p>Forever Alone</p>	 <p>F*ck Yea</p>	 <p>LOL</p>	 <p>Rage Guy</p>
<p>É utilizado em tirinhas que expressam solidão e desapontamento com a vida.</p>	<p>É usado em situações onde o personagem faz algo totalmente incrível e fica cheio de si.</p>	<p>Expressa uma reação diante de algo bobo ou apenas ilustra uma risada.</p>	<p>Primeira <i>rage face</i> surgiu no 4chan em 2008. É comumente usado para expressar raiva, fúria e frustração.</p>
 <p>"Y U NO" Guy</p>	 <p>Me Gusta</p>	 <p>"Okay" Guy</p>	
<p>Traduz um sentimento de fúria e frustração.</p>	<p>Utilizado em quadrinhos onde há situações repugnantes e desagradáveis.</p>	<p>É usado nas mesmas situações do <i>Rage Guy</i>, mas retrata conformismo com os fatos.</p>	

Fonte: Disponível em knowyourmeme.com. Acesso em: 22/07/2017.

Podemos dizer, então, que o possível efeito de origem dos *memes*, os quais irromperam no espaço digital a partir de 2008 são os *sites* americanos direcionados ao bate-papo e à troca de informações e que eles passaram a ser constantemente re-atualizados e multiplicados em grande escala pelo funcionamento da memória da máquina.

Conforme Orlandi (2003), a noção de efeito de origem diz respeito “[...] a discursos que produzem rupturas localizadas e que são função da atividade discursiva que é em si estrutura e acontecimento, portanto capaz do novo, do deslocamento na filiação da memória” (ORLANDI, 2003, p. 24). A autora faz menção a Foucault quando, também, chama “instauração de discursividade” o discurso fundador, referindo-se aos autores que, no processo de produção de suas obras, produzem algo a mais, não sendo apenas autores, mas possibilitando a formação de outros textos a partir daquele produzido.

Podemos dizer, portanto, que a noção de efeito de origem está relacionada à possibilidade de o sujeito apropriar-se de um discurso já em circulação e de ressignificá-lo de maneira a produzir outros e novos discursos, relançando-os à interpretação de outros sujeitos. É o que acontece com os *memes*, são formulados e rapidamente replicados, ou então ressignificados, viralizando no espaço digital.

Com a expansão da tecnologia, esse tipo de texto ganhou tanta visibilidade, que alguns *sites* já permitem aos sujeitos criar seus próprios *memes*, como, por exemplo, o *geradormeme.com*, um dos mais conhecidos e utilizados, atualmente, e que oferece a possibilidade de buscar, dentre o banco de imagens existentes, aquelas que mais circularam, possibilitando criar um novo *meme*, o qual é devolvido à/em rede ressignificado. O *site* também torna possível enviar fotos e textos, possibilitando ao sujeito a criação do seu próprio *meme*.

Na rede mundial de computadores há até mesmo uma memepédia¹⁴, espécie de “arquivo”, o qual armazena os *memes* mais conhecidos e que se tornaram virais no espaço digital. Há, também, um *site* criado por pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF) intitulado #MUSEUdeMEMES, no qual está à disposição um acervo com os principais *memes* que circularam/circulam na *internet*.

Figura 3 - Captura da tela principal do #MUSEUdeMEMES



¹⁴ A memepédia está disponível em: <http://youpix.virgula.uol.com.br/memepedia/page/2/> e armazena os principais *memes* que circularam na *internet*.

Esse museu de *memes* foi criado por um grupo de pesquisa e extensão daquela universidade e, assim como a memepédia, funciona como um lugar de memória, na medida em que armazena os principais *memes*, os quais circularam na *internet*, bem como vídeos e referências bibliográficas que auxiliam nas pesquisas sobre esse assunto. Enfim, a preocupação é a de não perder, em meio à efemeridade dos acontecimentos no espaço digital, alguns *memes* fundadores e emblemáticos.

Para Venturini (2009, p. 66), o lugar de memória é decorrente da inscrição do lugar na ordem do simbólico e, consiste no retorno a enunciados já-ditos e significados, porém esquecidos. De acordo com ela, o lugar de memória consiste em um “[...] sistema de conservação de arquivo, uma rede de difusão que permite fazer ressurgir os enunciados, tornando-os, uma vez mais disponíveis, quando a necessidade da luta política os reclama”. (COURTINE, 2006, p.88 *apud* VENTURINI, 2009, p. 70).

Para a autora, o lugar de memória é tomado como arquivo, como o compreende Pêcheux (1997), isto é, como o conjunto de documentos disponíveis sobre algo ou alguém, “[...] em formações sociais em que a operação de memória não é mais natural, mas pensada em função das instituições” (VENTURINI, 2009, p. 70). Deslocando esse conceito para o nosso objeto de estudo, podemos dizer que os arquivos, os quais armazenam os *memes*, já circularam no espaço digital e funcionam como lugares de memória, porque impedem o esquecimento e promovem a continuidade, conforme sinaliza a autora.

É a memória da máquina que possibilita o não esquecimento desses *memes*. Além disso, é bastante comum, que no processo de produção de sentidos, os *memes* sejam “pinçados” da rede e depois de ressignificados, devolvidos a ela, multiplicando-se de maneira viral. Para Gallo e Romão (2011, p. 21), podemos compreender a *internet* como uma grande teia, diferentemente de uma rede, pois a teia não possui furos entre os nós, mas uma cola para mantê-la conectada. O sujeito dessa teia não pode esquecer que o sentido se faz para ele, mágico e onipresente.

Isso implica dizer que essa teia, a qual rege a *internet* e mantém os sujeitos conectados funciona por meio da memória metálica, caracterizada pelo acúmulo e pela saturação, conforme Orlandi (2007). No entanto, sustentados na teoria do discurso, podemos dizer que tudo aquilo que circula no espaço digital somente tem sentido porque se inscreve na memória discursiva, a qual por seu turno, é lacunar e marcada pela falha. É esse entrelaçamento da

memória metálica e da memória discursiva no processo de produção de sentidos em/na rede que discutiremos a seguir.

1.2.1.O funcionamento da memória no espaço digital

Diariamente, nos deparamos com as mais diversas formas de tecnologia, as quais vão desde a televisão e o rádio até a mais utilizada, modernamente, ou seja, a *internet* e, mais precisamente as redes sociais, como vimos pontuando, constituem um novo espaço de produção e de circulação de discursos, que se materializam por meio de textos compostos por diferentes materialidades significantes, conforme Lagazzi (2009), como, por exemplo, os *memes*.

Esse espaço digital, marcado pela velocidade e efemeridade, é conforme Orlandi (2010), regido pela memória metálica, conceito proposto por ela, em 1996, no livro *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*, para compreender o funcionamento das novas tecnologias de linguagem,

Ao tratar da memória metálica, em primeira instância, a autora se referiu às telenovelas que, de certa forma, repetem os mesmos enredos, não abrindo espaço para a produção do novo e para a interpretação. Nesse funcionamento, conforme a autora, uma formulação se transforma em outras, sem afetar o eixo da constituição, produzindo uma memória achatada e horizontal:

Uma formulação se transforma em várias outras sem que se toque no domínio da constituição, onde um sentido poderia vir a ser outro, na sua historicidade. Produz-se assim uma memória achatada, horizontal. [...] Não há espaço para interpretação, há uma trama enredada que impede o acesso à profundidade da rede de filiações (historicidade) justamente porque a simula, porém na horizontalidade. [...] por um efeito paradoxal, enquanto acontecimento, ela própria, a Tevé metaforiza a relação do homem com a linguagem. Ou melhor, ela se faz metáfora. Aí está o fato na história: o do homem se significar por essa linguagem que apaga a memória histórica e a substitui por uma memória metálica. Nesse lugar o homem põe uma combinatória infindável de sinais à qual se liga. E é isto afinal o que se historiciza. (ORLANDI, 2012a, p.182).

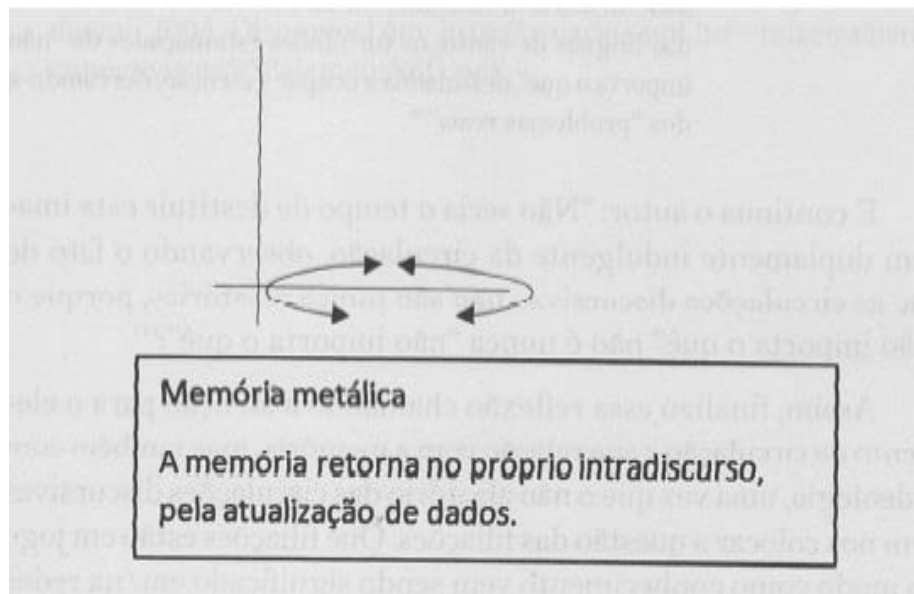
Nesse caso, o que há é a repetição do mesmo, pois a [...] a memória metálica (formal) ‘lineariza’, por assim dizer, o interdiscurso, reduzindo o saber discursivo a um pacote de informações ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições”. (ORLANDI, 2007, p.16, grifos da autora). Para a autora, a particularidade da memória metálica

[...] é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma, como realmente é, em sua estrutura e funcionamento (ORLANDI, 2010, p. 09).

A memória metálica é a memória da máquina, pela qual os sentidos circulam por um construto técnico (televisão, computador, etc.) sem historicizar. É, portanto, uma memória caracterizada pela repetição e pela quantidade, que não produz redes de significação.

Também para Dias (2015, p. 289), a memória metálica não tem profundidade e por meio dela, os dizeres retornam no intradiscurso, conforme exemplifica a seguir

Gráfico 1



Fonte: DIAS, Cristiane. **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia 1** – Campinas, SP: Editores, 2015.

Para a autora, a produção de sentidos no espaço digital, é da ordem da quantidade e não da historicidade, ou seja, é na instância da circulação que os discursos produzem sentidos por meio da repetibilidade e da replicação. No entanto, isso não anula a relação existente entre o sujeito, a história e a ideologia, no processo de produção dos sentidos. Segundo ela:

Falar em memória metálica não quer dizer que ao enunciar o dizer não esteja determinado pela história e pela ideologia, pois, como ensina Pêcheux (1981), as circulações discursivas não são jamais ‘não importa o quê’, como nos querem fazer acreditar. É justamente esse o funcionamento da memória

metálica: produzir, pela quantidade, o esvaziamento do sentido do dizer engajado, significante na história. O excesso, a quantidade, sentidos da repetição em série, esvaziam o dizer, submetendo-o a uma existência técnica, replicável no eixo da própria circulação. Daí dizermos as mais curtidas, mais compartilhadas, os trending topics, que se formulam na quantidade replicável dos dizeres. (DIAS, 2013 – 2015, p. 1, grifo da autora)

Para a autora, a memória metálica é à base do discurso digital e “se constitui pelo excesso, acúmulo, quantidade e não historicidade, acumula e não esquece” (DIAS, informação verbal (vídeo) 1’12”). Entretanto, esse esquecimento não tem relação com as ilusões constitutivas do sujeito, mas dizem respeito àquilo que pode ser reproduzido de maneira idêntica. Em poucas palavras, no espaço digital, o que funciona é a memória metálica, a qual acumula e armazena uma grande quantidade de dados, produzindo o efeito de sentido de completude.

Já a memória discursiva, de acordo com o que já pontuamos, diz respeito “[...] à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos” (COURTINE, 2009, p.106). Por esse viés, ela não pode ser compreendida no sentido psicologista da “memória individual”, como lembrança ou reminiscência, “mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e a memória construída do historiador”. (PÊCHEUX, 2015b, p. 44).

Por essa perspectiva, ela é constitutiva do processo discursivo, pois sentido e sujeito se constituem um pelo outro. Ou seja, ao produzir seu discurso, conforme já assinalamos, o sujeito “fala” a partir de já-ditos, inscrevendo seu dizer em uma ou mais formações discursivas, que representam na linguagem, o conjunto de formações ideológicas que lhes são correspondentes. Para Pêcheux (2015b, p. 46):

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

O autor afirma, ainda, que não é possível delimitar o discurso-vulgata do “implícito”, mas “[...] haveria, sob a repetição, a formação de um efeito de série pelo qual uma ‘regularização’ se iniciaria” (PÊCHEUX, 2015b, p. 46, grifo do autor). Conforme ele, é nessa regularização que “residiriam os implícitos, sob a forma de remissões, retomadas e efeitos de paráfrase” (PÊCHEUX, 2015b, p 46). Entretanto, essa regularização discursiva, na qual forma a lei da série do legível, pode ruir sempre que surgir um acontecimento discursivo novo. Para

o autor, qualquer acontecimento discursivo pode interromper a memória, “desfazendo a regularização e produzindo outra série sobre a primeira” (PÊCHEUX, 2015b, p. 46).

O conceito de acontecimento discursivo foi desenvolvido por Pêcheux para explicar a impossibilidade de delimitar as rupturas, as quais podem ocorrer sempre que um já dito é repetido, atualizado ou ressignificado no eixo da formulação. Para explicar como esses discursos retornam no intradiscorso, Pêcheux, analisa o enunciado “On a gagné” [“ganhamos”], que ressoou nas ruas da capital francesa, por ocasião da eleição do primeiro presidente socialista do país, em maio de 1968. Esse enunciado, conforme consta, foi repetido ao largo, nas ruas pelos cidadãos parisienses e principalmente, pela mídia, constituindo “[...] um eco inesgotável, apegado ao acontecimento” (PÊCHEUX, 2015a, p. 21).

Segundo o autor, houve o deslocamento de um enunciado inscrito em um “universo logicamente estabilizado” no domínio do esporte para o domínio do político, o qual permite compreender como memória e atualidade se entrelaçam no processo de produção de sentidos. Para Pêcheux (2015a, p. 16), o batimento entre estrutura e acontecimento é crucial para compreender o estatuto das discursividades que trabalham os acontecimentos, entremeando proposições de aparência logicamente estáveis e passíveis de respostas X ou Y e formulações irremediavelmente equívocas.

Esse enunciado que eclodiu, especialmente entre os sujeitos tidos como “de esquerda”, permitiu, na época, o surgimento de outros acontecimentos discursivos distintos, dentre eles: “A esquerda francesa leva a vitória eleitoral dos presidencialistas ou a coalização socialista-comunista se apodera da França” e que não estabelecem relações interparafrásticas entre si, já que não constroem as mesmas significações, embora remetam para o mesmo fato (PÊCHEUX, 2015a, p. 20), Isso implica dizermos que um mesmo enunciado pode significar diferentemente, a depender da formação discursiva na qual se inscreve.

Esses outros sentidos somente foram possíveis, porque diferentemente da memória metálica, que é linear e horizontal, a memória discursiva é esburacada e lacunar, logo, constituída pela falha e possui uma relação necessária com a interpretação, e logo, com a ideologia, já que permite aos sujeitos inscreverem o seu dizer em uma ou outra(s) formação discursiva. Tal memória produz efeitos de sentidos sobre os sujeitos e os discursos que circulam na/em *rede* são constitutivos do *e-urbano*.

Do nosso ponto de vista, não há como negar que, no espaço digital, os discursos se repetem e se replicam pelo funcionamento da memória metálica, mas esses discursos retornam no fio do discurso atualizados pelo funcionamento da memória discursiva. Isto é,

assim como em outros espaços de produção de sentidos, só é possível dizer porque os dizeres estão inscritos na memória discursiva.

Ao formular seu discurso ou curtir/compartilhar/reagir diante de determinado *post* ou determinada página, como ocorre nas redes sociais como o *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, por exemplo, o sujeito inscreve seu dizer em uma ou outra formação discursiva se identificando com aquilo que é dito, ou então, se desidentifica ou contraidentifica com aquilo que lhe é dado a ler ou ver, abrindo espaço para a contestação, para o questionamento, para a polêmica e para a resistência, inaugurando assim, uma nova série discursiva.

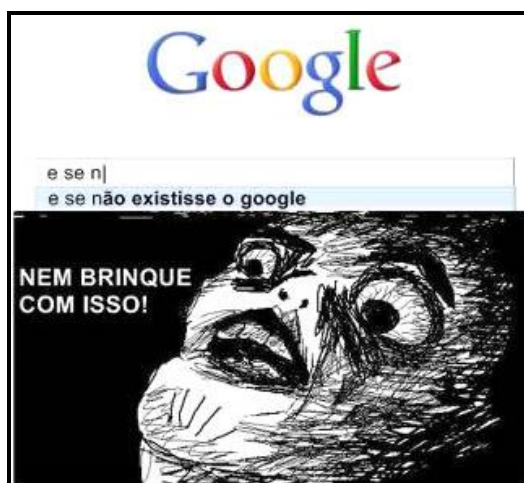
SEGUNDO CAPÍTULO

“WE CAN DO IT!”: O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DOS MEMES NO ESPAÇO DIGITAL

*Quando morremos há duas coisas que podemos deixar para trás:
os genes e os memes.*

(Richard Dawkins)

Meme Gasp



Fonte: Disponível em:

https://www.google.com.br/search?dcr=0&biw=1517&bih=707&tbm=isch&sa=1&q=++e+se+n%C3%A3o+existisse+o+google&gs_l=psy-ab.3..0i24k1.109211.116499.0.116663.33.24.1.0.0.0.651.4388.2-3j3j2j3.11.0....0...1.1.64.psy-ab..21.10.3628.0..0j0i67k1j0i8i30k1.0.-i8wYi6d1nY#imgrc=IiA7hw0XnliK6M: Acesso em: 20/06/2017

Neste capítulo, compreendemos os *memes* como um texto que circula e se replica no espaço digital – cujas características principais são a velocidade e a efemeridade – entrelaçando o verbal e o visual, no processo de formulação dos sentidos. Nosso objetivo, em 2.1, é investigar o funcionamento discursivo dos *memes* nesse espaço, o qual tem constituído um terreno fértil para a formulação e circulação de sentidos.

Baseados em Dawkins (1976), trabalhamos com o possível surgimento da designação *meme* e os compreendemos como quaisquer tipos de textos que irrompem e viralizam no espaço digital, conforme postulam Carrozza e Santos (2012), Coelho (2014) e Costa Moura (2014). Em 2.1, nos preocupamos em mostrar o que são os *memes* e como funcionam no espaço digital. Nesse ponto, retomamos o conceito de forma material proposto por Orlandi

(1995) e de materialidade significativa, desenvolvido por Lagazzi (2009; 2011), já que os *memes* entrelaçam o verbal e o visual no processo de produção de sentidos.

Pautando-nos em Indursky (2011; 2013), discutimos a noção de repetibilidade para compreender como dizeres pré-existentes ao discurso do sujeito retornam no fio do discurso atualizados ora cristalizando os sentidos, ora rompendo com eles, por meio da tensão entre os processos parafrásticos e polissêmicos, de acordo com Orlandi (2012a; 2015) e dos quais nos ocupamos em 2.2. Compreendemos que os *memes* são regidos por esses dois processos e pelo imbricamento da memória metálica e da memória discursiva. Nesse ponto, trazemos alguns *memes* para exemplificar como a formulação-origem “*We can do it!*”, ao ser ressignificada, sofre uma deriva, rompendo com pré-construídos segundo os quais a mulher é o sexo frágil e não tem a mesma “força” para lutar como o homem.

No item 2.3, abordamos os principais efeitos de sentidos produzidos pelos *memes*, sendo eles, o humor e a ironia. Para tanto, nos respaldamos em Indursky (2013), Coelho (2014) e Orlandi (2012b), os quais apontam o humor e a ironia como uma forma de resistência já que por meio deles, os sujeitos contestam, questionam e ousam se revoltar contra aquilo que lhes é dado a ver/ler.

Por fim, no item 2.4 nos alicerçamos em Pêcheux (1990), Indursky (2013), Zoppi Fontana e Ferrari (2017) e Ferreira (2015), que tratam do discurso de resistência, deslocando esse conceito para o nosso objeto de estudo.

2.1 O funcionamento discursivo dos *memes*

Estudar os *memes* consiste em analisar o funcionamento desse tipo de texto que circula massivamente no espaço digital, marcado pela rapidez e pela efemeridade. Eles quase sempre reproduzem um discurso da ordem da realidade e passam pelas nossas *timelines*, produzindo os mais variados efeitos de sentido, em especial, o humor e a ironia. Abarca também, investigar como os sentidos são aí produzidos e circulam, colaborando para reforçar já-ditos ou provocando rupturas e/ou deslocamentos.

O *meme* é um tipo de texto que não apresenta uma estrutura fixa a ser seguida e, nesse sentido, tudo aquilo que viraliza no espaço digital, como vídeos, imagens, *slogans*, *hashtags*, bordões, paródias (em áudio ou vídeo), formulações icônicas ou outras formas que possibilitam a reduplicação, entre outros, constituem *memes*, de acordo com Carrozza e Santos (2012), Coelho (2014) e Costa-Moura (2014). Podemos dizer, então que constitui um

meme todo objeto simbólico, seja ele verbal ou não-verbal, que viraliza rapidamente no espaço digital.

Dito isso, voltamos ao início do segundo capítulo, em que trazemos um *meme* como epígrafe. Trata-se de um *gasp* (traduzido para o português como “espanto”), um dos primeiros *memes* que surgiram e viralizaram na *internet* e que significa um sujeito espantando com determinado acontecimento, nesse caso, com a possibilidade de inexistência do *Google*. Para nós, sujeitos afetados pelo mundo tecnológico, o efeito de sentido produzido é mesmo o de espanto, pois o *Google* é o mais importante *site* de buscas e pesquisas existentes no espaço digital e sua inexistência poderia comprometer seriamente o modo como o sujeito se relaciona com as informações atualmente.

Do mesmo modo, que o espaço de circulação deste tipo de texto é marcado pela velocidade e pela efemeridade, assim é a produção de efeitos de sentidos variados, visto que irá depender de como o sujeito a formula ou interpreta, bem como das condições de sua produção.

Segundo consta, a designação *meme* teria sido empregada, pela primeira vez, em 1976, pelo biólogo Richard Dawkins, em seu livro *O Gene Egoísta*, para comparar informações genéticas dos seres humanos com informações culturais apontando que ambas têm como principal característica a replicação de informações, as quais se proliferam entre os seres humanos.

O biólogo teria partido do pressuposto de que a replicação/imitação poderia ser associada à *mimeme* ou *mimesis*, como a concebe a filosofia grega, mais precisamente, Aristóteles (2008), na sua *Poética*. Nessa obra, o filósofo explicita os elementos essenciais da tragédia grega e, para isso, utiliza a imitação como uma das principais características dessa arte.

Os *memes* não necessariamente precisam ter comprometimento com a verdade, porém, são passíveis de verossimilhança a depender das condições de sua produção, porque, muitas vezes, os sujeitos estabelecem relações entre acontecimentos da ordem da realidade e os textos que produzem ou compartilham nesse mundo virtual.

Para elaborar sua teoria, Dawkins (1976) teria partido dos pressupostos de Aristóteles, no que tange à *mimesis*, para postular a imitação na sua teoria genética, sentindo a necessidade de abreviar essa designação, para estabelecer semelhança em extensão com a palavra *gene*. Teria decidido então, utilizar o termo *meme* para definir a replicação e imitação massivas, relacionando-a à noção de cultura e à forma como os seres humanos se comunicam.

Exemplos de *memes* são melodias, ideias, ‘slogans’, modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no ‘fundo’ pulando de corpo para corpo através dos espermatozóides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes **propagam-se** no ‘fundo’ de memes **pulando** de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de **imitação**. Se um cientista ouve ou lê uma ideia boa ele a transmite a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e conferências. Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela se propaga, por si própria, **espalhando-se** de cérebro a cérebro. [...] quando você planta um *meme* fértil em minha mente, você literalmente parasita meu cérebro, transformando-o num veículo para a propagação do meme, exatamente como um vírus pode parasitar o mecanismo genético de uma célula hospedeira. (DAWINS, 1976, p. 122, grifos nossos).

Na citação acima, destacamos algumas palavras pelas quais o autor mobiliza o conceito de cultura vinculando-a ao *meme*. São verbos que produzem os efeitos de sentido de movimento e de rapidez, já que se proliferam rapidamente, de cérebro em cérebro. No espaço digital, os *memes* funcionam de maneira semelhante aos conceitos trazidos por Dawkins (1976), pois “pulam” de tela em tela de computadores, *smartphones* ou *tablets*, convocando os sujeitos a interpretar.

Os *memes* vêm se tornando um dos principais tipos de texto que circulam atualmente no *ciberespaço* e o seu surgimento tem sido muito estudado nos últimos tempos. Dentre tantos outros objetivos, o que interessa, é compreender como esses textos, nos quais irrompem discursos que se propagam com tanta rapidez funcionam, bem como que efeitos de sentido eles produzem.

A psicanalista e pesquisadora de discursos, os quais circulam na rede, Fernanda Costa Moura, publicou um artigo, em 2014, em que trata das manifestações políticas que aconteceram no ano anterior, no Brasil, principalmente, aquelas convocadas por meio de *hashtags*, ‘perfis das redes sociais’ e pelos *memes* que se multiplicaram em grande escala nesse espaço. A autora define o *meme de internet* como:

[...] um conceito, uma ideia ou mesmo um estilo que se propaga rápida e intensivamente pela WWW, sob a forma de *hiperlink*, vídeo, imagem, *website*, *hashtag*, etc, podendo se espalhar de pessoa para pessoa através das redes sociais, *blogs*, e-mails, fontes de notícias e outros serviços baseados na web, tornando-se em geral o que se costuma adjetivar como ‘viral’ – de onde também se extrai o verbo ‘viralizar’ que empregamos aqui e é muito utilizado nesse contexto para designar a propagação e, em especial, o momento de virada em que uma unidade de informação adquire a capacidade de se transmitir de forma vertiginosa (COSTA-MOURA, 2014, p. 150, grifos da autora)

Para Carrozza e Santos (2012, p. 97-98), “os *memes* são enunciados que podem ter diferentes materialidades e que circulam repetidamente e, principalmente, na *internet* em diferentes contextos. Podem ser imagens, bordões, paródias (em áudio ou vídeo), formulações icônicas e outras formas que possibilitem sua reduplicação”. Conforme os autores, são textos compostos por elementos que já estão em meio à sociedade e já circulam a um bom tempo.

A evolução da *internet* nos últimos anos e o aparecimento das redes sociais, dos fóruns de discussões, dos *blogs* e afins incentivou a replicação e multiplicação desse tipo de texto em grande escala. São textos curtos, que produzem sentidos pelo entrecruzamento de diferentes formas materiais, conforme Orlandi (1995) ou de diferentes materialidades significantes, de acordo com Lagazzi (2009; 2011).

Conforme Orlandi (1995, p. 35), a Análise de Discurso aceita a existência de diferentes linguagens procurando compreender a forma como elas funcionam, afinal, “é no conjunto heteróclito das diferentes linguagens que o homem significa. As várias linguagens são assim uma necessidade histórica” (ORLANDI, 1995, p. 40). Ao significar o mundo e se significar diante dele, o sujeito se vale de formas materiais heterogêneas, isto é, de palavras imagens, sons, entre outras.

Para ela, o que interessa não é a forma empírica, a organização do discurso, mas a sua ordem, a qual diz respeito a sua forma material e implica pensar na relação que se estabelece entre o sujeito que o produz/interpreta e um sistema significante de sentidos já estabelecidos pela/na história, pois “[...] o sentido não é conteúdo, a história não é contexto e o sujeito não é origem” (ORLANDI, 2007, p. 49).

Para compreender o funcionamento de um objeto simbólico materialmente heterogêneo, Lagazzi (2009, p. 68) propõe compreender as diferentes formas materiais que o compõem, considerando as especificidades de cada uma delas, pois de acordo com autora, “[...] não temos materialidades que se completam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra” (LAGAZZI, 2009, p. 68).

O que há, segundo a autora, no processo de formulação dos sentidos, é um imbricamento de diferentes materialidades significantes, as quais não devem ser sobrepostas umas às outras, mas consideradas no entremeio, isto é, pensando nas diferenças existentes entre cada uma delas e na produção e significação dos sentidos na/pela teoria da interpretação. Nessa perspectiva entende que “[...] não se trata de analisarmos uma imagem e a fala e a musicalidade, por exemplo, como acréscimos uma das outras, mas sim de analisarmos as

diferentes materialidades significantes uma no entremeio da outra”. (LAGAZZI, 2011, p. 402, grifos da autora).

Esse imbricamento de materialidades significantes heterogêneas no processo de produção de sentido reafirma o trabalho do simbólico sobre o significante e permite compreender como os discursos produzem sentidos. Conforme a autora:

Assumindo que o discurso se constitui na relação entre a língua e a história, propus falar do discurso como *a relação entre a materialidade significante e a história* para poder concernir o trabalho com as diferentes materialidades e reiterar a importância de tomarmos o sentido como efeito de um trabalho simbólico sobre a cadeia significante, na história. Materialidades prenes de serem significadas. Materialidade que compreendo como *o modo significante pelo qual o sentido se formula*. (LAGAZZI, 2011, p. 401 grifos da autora).

No “jogo” existente entre texto e imagem, “[...] os sentidos têm que ser buscados na composição entre as imagens e as palavras” (LAGAZZI, 2009, p. 76) e cabe ao analista de discurso buscar os efeitos de sentido que esse entrelaçamento produz e no qual concorrem, juntas, a inconclusão e a incompletude:

Trabalhar a significação a partir de uma perspectiva materialista requer que exponhamos a relação significado/significante às condições de produção, a exponhamos à história, na sua contradição constitutiva. Significa compreender a produção do sentido acontecendo sobre uma base material sempre em condições que determinam essa produção. Portanto, deslocamento e incompletude são constitutivos da perspectiva discursiva. (LAGAZZI, 2011, p. 402)

Como sabemos, para que um discurso produza sentido, sob a perspectiva da teoria materialista do discurso, é necessário compreender a sua relação com a exterioridade, com as condições de produção nas quais irrompeu e também as diferentes materialidades significantes que o constituem, sem, contudo, conforme assinalado pela autora, deixar de considerar as particularidades dessas formas materiais heterogêneas.

No ciberespaço, a forma material da cidade contemporânea é representada pelo *e-urbano* (DIAS, 2011a) e o espaço digital é um fenômeno fundamentalmente urbano, funcionando como um sítio de significação, convocando os sujeitos a assumir uma posição diante daquilo que leem e/ou veem. Do nosso ponto de vista, conforme propusemos no capítulo anterior, os *memes* fazem parte da “narratividade digital”, já que também nele, o sujeito se significa e é por ele significado.

Nessa perspectiva, Carrozza e Santos (2012) argumentam que os *memes de internet* são uma forma de divulgação de conteúdos existentes no espaço digital e que as redes sociais são os principais lugares para essa divulgação, porque nelas, os sujeitos podem se colocar diante do mundo e interpretá-lo de maneira ágil. Nesse espaço, e quase ao mesmo tempo em que interpretam, os sujeitos devolvem os discursos em/na rede para que outros os (re)signifiquem:

Uma forma de divulgação que apela para as características da rede, aproveitando a velocidade da transmissão de dados, para criar um recorte que permite a textualização do discurso, criando assim uma versão, um gesto de interpretação, afetando o mundo e afetando outros gestos. Esse recorte flutua pelo mundo virtual, afetando todos os usuários que entrarem em contato com ele, permitindo ainda que o leitor ‘apanhe’ enquanto flutua, e crie seu próprio recorte, sua própria versão, alterando-o como desejar, e novamente solte-o para o mundo. (COELHO, 2014, p.5, grifo do autor)

Segundo Coelho (2014), o que garante a existência e replicação dos *memes* são os gestos de interpretação dos sujeitos, bem como o reconhecimento das condições de produção, nas quais ao irromper não permitem que a sua identidade original seja afetada. Ainda de acordo com o autor, as possíveis alterações que eles sofrem dizem respeito ao funcionamento desse tipo de texto, no espaço digital, as quais garantem que “[...] o *meme* se adapte e continue a ser repostado e compartilhado, garantindo assim seu *status* nesse Darwinismo imagético” (COELHO, 2014, p.6). Para o autor, a fim de que um *meme* tenha sucesso, é necessário reconhecê-lo em sua essência:

Podemos dizer que a criação de um *meme* é um gesto de interpretação frente à memória metálica, filiado à memória discursiva da chamada cultura dos memes. Assim dizendo, a utilização de um determinado *meme* para uma situação específica cria um posicionamento político frente à rede, uma leitura possível de um elemento produzido em série. Os sentidos, através da replicação, se espalham e transbordam, e é através deste gesto que o *meme* se altera, e se ressignifica. E ao se ressignificar, cria novos gestos de leitura, novas interpretações, que por sua vez geram outras ressignificações. (COELHO, 2014, p. 19)

De acordo com Indursky (2011, p. 68), a repetibilidade atesta que os dizeres pré-existent ao discurso do sujeito e esse efeito de série promove a regularização dos sentidos. Contudo, de tanto se repetirem, os sentidos podem se modificar, inaugurando “novas redes discursivas de formulação”, que se reúnem àquelas já existentes, atualizando a memória. Essas novas formulações podem apontar para o mesmo sentido, produzindo a metáfora, a qual

consiste na “transferência”, isto é, na tomada de uma palavra por outra, produzindo o mesmo sentido estabilizado, como ocorre em uma família parafrástica, funcionando como uma matriz de sentido (INDURSKY, 2011, p. 76).

Entretanto, ao fazer retornar um discurso no eixo da formulação, o sujeito pode promover a quebra dessa regularização, promovendo a ruptura e/ou o deslocamento. Isso acontece porque, conforme Pêcheux (2015a, p. 53), “[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Nesse processo, as novas formulações alteram os sentidos já estabilizados e inscritos na memória discursiva, provocando a desestabilização nos processos de regularização.

De acordo com Indursky (2011, p. 77), “[...] se, por um lado, a repetição é responsável pela cristalização dos sentidos, por outro, também é a repetição que responde por sua movimentação/alteração. Ou seja, os sentidos se movem ao serem produzidos a partir de outra posição-sujeito ou de outra matriz do sentido”.

É isso que acontece com os *memes*, que circulam rapidamente no espaço digital e que apontam para os mesmos espaços do dizer já estabilizados, produzindo a variedade do mesmo ou fazem intervir o diferente, deslocando sentidos e inscrevendo o dizer em outras redes de significação.

É na tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos que nos deteremos a seguir e fechamos esta seção, concordando com Coelho, o qual defende que no processo de produção de sentidos dos *memes*, no espaço digital, há o imbricamento entre a memória metálica e a memória discursiva. A memória metálica, conforme discutimos no primeiro capítulo, é a memória do computador/*internet*, que não historiciza, mas apenas acumula/soma (Orlandi, 2007), filiando o dizer/ver às mesmas redes de memória. Já a memória discursiva é a responsável por permitir que já-ditos e já-vistos retornem no fio do discurso, colaborando para a cristalização dos sentidos ou inscrevendo o discurso em outros sítios de significação.

2.2 Paráfrase e Polissemia: entre o mesmo e o diferente

Ao pensarmos em linguagem é quase impossível traçar os limites entre aquilo que já foi dito e aquilo que inaugura o novo, o diferente. Nas palavras de Orlandi (2015, p. 38), entre o efêmero e aquilo que é eternalizado. Conforme a autora, todos os discursos se assentam na tensão entre os processos parafrásticos e polissêmicos, forças motrizes, as quais possibilitam

aos sujeitos produzirem diferentes formulações do mesmo ou promoverem deslocamentos e/ou rupturas:

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2015, p. 34)

Em outras palavras, a paráfrase está voltada para a estabilização dos sentidos, para o retorno aos mesmos espaços do dizer, ao passo em que a polissemia abre espaço para o equívoco, segundo Ferreira (2015, p. 14), constitui uma marca de resistência, a qual afeta a regularidade do sistema da língua, por meio de lapsos, falhas, deslizamentos, mal-entendidos e ambiguidades, entre outras formas.

O equívoco é estruturante da linguagem e efeito da interpelação do sujeito pela ideologia. Como aponta Orlandi (2012a, p. 24-25), ele nos remete ao modo de funcionamento da ideologia e é um efeito da falha na/da língua e da sua ligação com a exterioridade e a história. Isso significa que nem sujeitos nem sentidos já estão prontos e acabados, mas estão sempre sendo ressignificados pelo movimento da língua na história.

Segundo a autora, a incompletude é condição de existência dos sentidos e dos sujeitos: “[...] daí dizermos que os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Todavia nem sempre o são. Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história. Depende de como trabalham e são trabalhados pelo jogo entre paráfrase e polissemia” (ORLANDI, 2015, p. 35).

É pensando no jogo entre a paráfrase e a polissemia que Orlandi (2015) distingue a produtividade da criatividade. Regida pelo processo parafrástico, a produtividade diz respeito à variedade do mesmo e mantém o sujeito preso ao que já foi dito, aos discursos disponíveis no interdiscurso, na memória discursiva, conforme Orlandi (2015, p. 37). Já a criatividade está pautada nos processos polissêmicos e de onde irrompem sentidos diferentes daqueles que já estão instaurados na memória discursiva. Por meio da criatividade, os sentidos são deslocados, implicando na produção do diferente, “[...] produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua”. (ORLANDI, 2015, p. 35)

Orlandi (2015, p. 38) salienta que a mídia trabalha exaustivamente com a produtividade e cita, como exemplo, as novelas as quais contam inúmeras vezes as mesmas

histórias, com poucas variações. No entanto, para passar do irrealizado ao possível, isto é, da produtividade para a criatividade, é necessário, de acordo com ela, colocar em conflito o já instituído/sedimentado com o que vai se instituir, passando do não sentido ao sentido.

Contudo, no processo de produção de sentidos, não há como traçar os limites entre o mesmo e o diferente, pois de acordo com a autora, essas são “duas forças” que trabalham continuamente o dizer. Ou seja, os discursos se constituem na tensão entre a paráfrase e polissemia, processos que caminham juntos e significam os sujeitos e a linguagem na sua relação com o movimento do simbólico e da história. Para Orlandi (2015, p. 36):

Daí decorre a afirmação de que a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico.

Por meio dos movimentos entre paráfrase e polissemia é possível compreender como o linguístico e o político se inter-relacionam e como os sujeitos, pela repetição e por aquilo que se eternaliza estão sempre à procura, mesmo que inconscientemente, do “novo”, do “diferente” num espaço onde o jogo entre as relações de poder é dominante.

Nessa mesma perspectiva, podemos afirmar que os *memes* são regidos pelos processos parafrásticos e, logo, pela produtividade, própria do espaço digital e do funcionamento da memória metálica, pois eles se repetem e se multiplicam, nesse espaço, com pequenas variações. Contudo, quando são “pinçados”, ou nos termos da AD, retomados e ressignificados por meio de processos polissêmicos e postos novamente em circulação atestam a criatividade, que “[...] implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrompem assim sentidos diferentes” (ORLANDI, 2015, p. 37).

Ao fazermos uma busca rápida no *Google*, procurando por *memes* que inscrevem o dizer no domínio do feminismo, encontramos uma variedade muito grande deles, os quais dão visibilidade a mulheres anônimas, famosas na mídia ou aquelas que fizeram parte da história. Em comum, nesses *memes*, a resistência aos discursos machistas, ainda existentes na sociedade. Dentre esses *memes*, um dos que mais viralizaram foram os ressignificados a partir da propaganda “*We can do it!*”.

Meme 2



Fonte: Disponível em

https://www.google.com.br/search?safe=off&dcr=0&biw=1242&bih=525&tbm=isch&sa=1&ei=kDN7WpWQB5G5wgTQo7HwBQ&q=WE+CAN+DO+IT&oq=WE+CAN+DO+IT&gs_l=psy-ab.3..014j0i30k116.377540.379285.0.379522.12.10.0.2.2.0.312.1350.0j6j0j1.7.0....0...1c.1.64.psy-ab..4.8.1060....0.z6evs-ah1M#imgrc=9pxNyIF5ftGIM; Acesso em: 15/07/2017.

O possível efeito de origem desse cartaz e, posteriormente, dos *memes* que irromperam a partir dele teria sido uma fotografia da operária americana Geraldine Doyle¹⁵, em 1943, aos seus dezessete anos, quando os Estados Unidos da América estavam mergulhados na Segunda Guerra Mundial. Na época, os homens eram recrutados para lutar na guerra, desligando-se de suas atividades cotidianas e as mulheres tinham de trabalhar em atividades para além do lar, a fim de suprir as necessidades econômicas de suas famílias e de seus países, uma vez que a mão de obra trabalhadora ficava escassa.

Conta à história, que a princípio, a foto da operária teria sido usada apenas para dar visibilidade ao trabalho feminino em outras áreas que não a doméstica, mas na década de 80, passou a circular como forma de divulgação do movimento feminista, acrescida da formulação verbal “*We can do it!*”, traduzida como “Nós podemos fazer isso!”.

¹⁵ Informações disponíveis na folha uol, online. <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/853068-operaria-que-inspirou-famoso-cartaz-da-segunda-guerra-morre-nos-eua.shtml> Acesso: em 15/07/2017.

Tanto a formulação visual de uma mulher trabalhadora com faixa no cabelo, arregaçando as mangas e mostrando seus bíceps, quanto a formulação verbal “*We can do it!*” encaminham para efeitos de sentidos relacionados à força e à determinação feminina, rompendo assim, com os discursos sedimentados e cristalizados na nossa formação social, de que a mulher é o “sexo frágil” e segundo os quais, tratar dos afazeres domésticos sendo “do lar” é a principal tarefa que precisa e consegue desenvolver com excelência. Ou seja, o batimento entre as diferentes materialidades significantes instaura efeitos de sentidos de que as mulheres são capazes de realizar tarefas desenvolvidas pelos homens com a mesma eficiência.

A partir da formulação-origem¹⁶ “*We can do it!*”, vários outros irromperam no espaço digital e apesar de diferentes, com ele estabeleceram relações parafrásticas, isto é, algo se manteve. Porém, houve também o movimento dos sentidos, sinalizando para o novo e esse pré-construído passou a significar não apenas a entrada da mulher no mercado de trabalho, mas acima de tudo, um discurso de resistência. Houve então, ao mesmo tempo, um retorno aos mesmos espaços do dizer e a ruptura dos processos de significação.

Outro exemplo da relação entre processos parafrásticos e polissêmicos é o *meme* que segue, composto pela formulação visual de duas mulheres que muito bem representam as demais na série norte-americana *Game of Thrones* (Batalha dos Tronos), a qual circula no Brasil desde de 2010 e possui uma legião de telespectadores. A série é inspirada na Idade Média e permeada por elementos sobrenaturais.

As histórias narradas são intrigantes e giram em torno da luta pelo poder, pelo amor, pela glória e pela honra, bem como, pela vida dos habitantes ficcionais dos Sete Reinos que constituem o seu enredo. O objeto mais desejado pelas famílias de maior poderio é o “trono de ferro” e, por conta dele, muitas pessoas são mortas no decorrer dos episódios. Atualmente e já na sétima temporada, duas belas e fortes mulheres lutam para conquistar o “trono de ferro” e a coroa, objetos que lhes darão poder sobre os sete reinos e suas nações.

¹⁶ Conforme Indursky (2013, p. 99) quando se refere ao possível efeito de origem do discurso.

Meme 3



Fonte: Disponível em

https://www.google.com.br/search?q=memes+sobre+we+can+do+it!&tbm=isch&tbs=rimg:CQ3EI_1_1CcypdIjiCXFXHRQOfX0GvcEmT5NMacdTdCVTq3MFszeOuCTST-PlE7C7Wyo_1DpoQpVszhni8ZjniJ07ItyoSCYJcVcdFA59fEepn05zTXNWhKhIJQa9wSZPk0xoRcKgw3BgcEVgqEglx1N0JVOrcwRGR96CjDROZiSoSCWzN464JNJP4EWJVgHh1D Acesso em: 10/07/2017.

Nesse *meme*, o pré-construído “*We can do it!*” irrompe novamente no fio do discurso. Conforme Pêcheux (2014, p. 154), é o “[...] pré-construído que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita” (Pêcheux 1988 [2014], p. 154).

Indursky (2013, p. 100), a partir de Pêcheux, afirma que o pré-construído é um elemento constitutivo do interdiscurso que, como sabemos, é constituído de memórias e saberes. Isso significa que, no interdiscurso, o pré-construído não diz respeito a um único sentido, mas a todos aqueles os quais já lhe foram atribuídos e se encontram deslinearizados no eixo da constituição. Então, de acordo com a autora, para que o “[...] o pré-construído seja dotado de “um” sentido (e não de todos), ele deve passar pelo filtro de uma FD. Só então ele vai tomar um sentido e os demais serão ‘esquecidos’” (INDURSKY, 2013, p. 100).

No *meme* 3, a personagem da esquerda é Daenerys Targaryen representada pela atriz Emilia Clarke, no seriado, conhecida por ser a rainha quebradora de correntes, a senhora dos sete reinos, a mãe de três dragões, que governa um dos sete reinos sozinha. Ela pretende tomar os outros reinos e é conhecida como quebradora de correntes por não excluir nenhuma

pessoa que cruza seu caminho, oferecendo-lhe a oportunidade de fazer parte de seu reino, independentemente da sua condição social ou sobrenome.

A personagem da direita é representada por Gemma Whelan e se chama Yara Greyjoy, única figura feminina na família Greyjoy e, que, por isso, se tornou rainha dessa “casa”. É a primeira personagem lésbica compondo o enredo e relacionando-se com diversas mulheres. Sempre carrega consigo muitas armas, principalmente a armadura e a espada, pois uma das suas principais características é a de ser uma boa lutadora, um “bom e forte soldado”, saindo, na maioria das vezes, vencedora das suas batalhas.

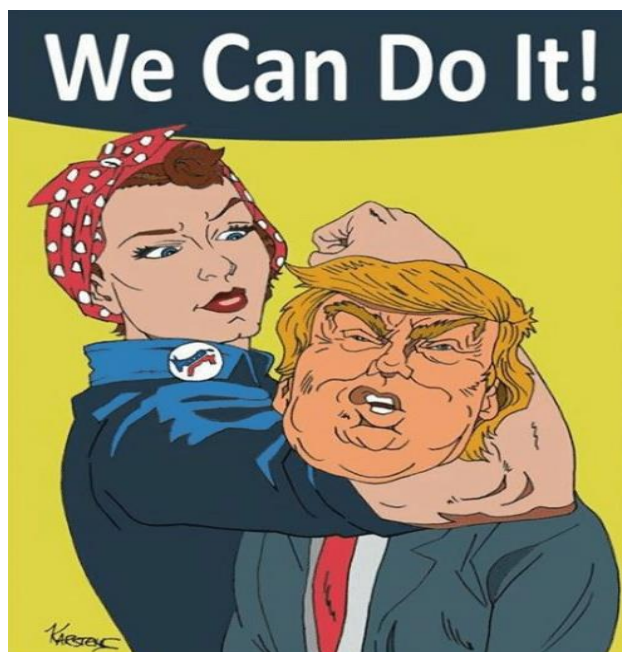
Esse *meme*, assim como o anterior, aliando o verbal e o não verbal, faz retornar o pré-construído “*We can do it!*”, e aponta para efeitos de sentidos sobre a força das mulheres e a luta pela conquista do seu espaço. Elas podem fazer “isso”: tornarem-se rainhas e travar batalhas para proteger seu reino. Por meio do processo parafrástico, isto é, de já-ditos/já-vistos antes e em outro lugar, o *meme* em questão põe em circulação discursos segundo os quais, as mulheres possuem a força necessária para o desenvolvimento de diversas atividades, mais uma vez, rompendo com os discursos sobre a fragilidade, a doçura e a meiguice femininas e que se inscrevem principalmente nas formações discursivas machistas.

Podemos dizer que neste *meme*, a polissemia se dá pela deriva, pelo deslizamento de sentidos, que nesse caso, é a utilização de outras formulações visuais para representar a luta e a força femininas, trazendo personagens as quais estão repercutindo na mídia televisiva. Porém, o sentido desemboca para o mesmo de antes, pois é defendido que a mulher é tão forte e capaz quanto o homem.

No próximo *meme*, demonstramos novamente o batimento entre a paráfrase e a polissemia, a qual se dá por meio do imbricamento da formulação verbal e da formulação visual. A mesma formulação visual da mulher americana trabalhadora retorna no fio do discurso e demonstra sua força ao tentar estrangular o atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, eleito em 2016, após disputar o cargo com Hillary Clinton.

O *meme* somente significa porque, no período das eleições, Trump proferiu discursos extremamente machistas, muitas das vezes, humilhando mulheres por algumas de suas características físicas, como o excesso de peso e enfatizando que Hilary Clinton não seria capaz de governar um país, por ser mulher. É importante observar nas formulações visuais o rosto feminino, o qual ressoa a raiva, enquanto o rosto do presidente sinaliza para a sujeição e impossibilidade de reação.

Meme 4



Fonte: Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=memes+sobre+we+can+do+it!&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ah_UKEwi929v-q7VAhWIFZAKHXxcDBYQ_AUICigB&biw=1517&bih=654#imgrc=DcQj_8JzKI3HFM: Acesso em: 15/07/2017.

O efeito de sentido provocado é o de humor e ironia, próprio dos *memes*, os quais contribuíram para que eles viralizassem e fossem replicados em grande escala no espaço digital. Há a repetição do mesmo e, novamente, ressoa, no fio do discurso, pelo funcionamento da memória discursiva, discursos que apontam para a força feminina, na medida em que a mulher “combate”, com as mãos, o machismo que irrompe nos discursos proferidos por Trump na mídia.

O deslocamento de sentido produzido por esse *meme* em relação ao anterior, deriva da imbricação das formulações visual e verbal, pois como se sabe, historicamente, a força física é atribuída ao sexo masculino. No entanto, quem imobiliza/contém Trump é uma mulher, rompendo com discursos cristalizados sobre a suposta fragilidade feminina.

Para compreender o *meme* em questão, é necessário, ainda, relacioná-lo à exterioridade e considerar o importante momento político dos Estados Unidos, o qual elegeu um presidente polêmico e que, atualmente, detém um dos menores índices de aprovação popular da história do país. Se por um lado demonstrou uma certa reprovação por parte da população, por outro aumentou as forças conservadoras na sociedade norte americana e também dos sujeitos que se identificam com os discursos proferidos por Trump.

“*We cant do it*” ou “Nós podemos fazer isso!” e a formulação visual da operária americana retornam no espaço digital, como pré-construído, sustentando outros discursos, atualizando sentidos sobre a força feminina, inclusive física e rompe com discursos estabilizados, segundo os quais, as mulheres são fracas, frágeis e não tem voz no campo da política, considerado essencialmente masculino.

Há, então, nos *memes* aqui recortados, o movimento contínuo entre paráfrase e polissemia, que permite observar o batimento entre a repetição e o deslizamento dos sentidos. Por meio do humor e da ironia, os *memes* combatem os discursos machistas e atestam a capacidade de representatividade e inserção da mulher na política e nas demais tarefas desenvolvidas ao longo dos anos, somente por homens.

A replicação desses *memes*, no espaço digital, encaminha para sentidos de que os homens têm mais voz e espaço na sociedade, mas que por meio da luta, as mulheres vêm conquistando seu espaço e direitos, rompendo com discursos que se inscrevem em formações discursivas machistas.

Outros *memes* como esses circularam amplamente nas redes sociais, em especial, no *Facebook*, funcionando como discursos de resistência e inscrevendo o dizer em outras redes de sentido. Por meio do humor e ironia, sentidos relacionados à superioridade masculina são negados e ganham visibilidade a força e determinação femininas.

2.3 Memes: “jogando” com o humor e a ironia

O humor e a ironia são os principais efeitos de sentido produzidos pelos *memes*. O efeito de sentido de humor decorre da quebra de expectativas, da surpresa e/ou estranhamento diante daquilo que se lê ou vê, ou seja, de um discurso inesperado, o qual rompe com sentidos já estabilizados. Trata-se, portanto, de “fazer rir” de algo que incomoda, inquieta e/ou perturba e não poderia ser dito sob outras condições de produção.

De acordo com Indursky (2013, p. 99), o riso decorre do contraste que se estabelece entre o discurso sério, da ordem do “todo mundo sabe” e o “desvio” que dele foi feito dele/nele e constitui uma forma de resistência aos sentidos cristalizados pelo regime de repetibilidade da formulação-origem. Ou seja: o humor entra como uma forma de dizer e de relacionar-se com a ideologia e, dessa forma, de interromper a reprodução dos sentidos, produzindo, como consequência, uma nova identificação ideológica que é antagônica àquela expressa pela formulação-origem.

Conforme Coelho (2014, p. 80), “através do humor, o sujeito tem sua voz democraticamente garantida, e principalmente imortalizada na memória metálica”. Nessa perspectiva, o gesto de produzir piadas, charges e também *memes*, garante ao sujeito a possibilidade de dizer aquilo que não poderia ser dito em outras circunstâncias de enunciação e que ficará gravado na memória da máquina e passível de alterações, atualizações, ressignificações, outros efeitos de sentidos ao serem interpretados e lançados novamente na/em rede.

A partir disso, podemos dizer que assim como em outros tipos de texto, nos *memes* o efeito de sentido de humor é produzido, porque retornam, no fio do discurso, por meio das formulações verbais e visuais, discursos não oficiais, proibidos e/ou silenciados e que, muitas vezes não poderiam irromper sob outras condições de produção. É o seu funcionamento que possibilita que já-ditos e estabilizados sejam “distorcidos”, “deformados”, inscrevendo-os em outros sítios de significação. É por meio dele que o sujeito se revolta, contesta, questiona, resiste.

No *meme* 4, analisado no item 2.2 deste capítulo, o efeito de humor decorre do gesto de a mulher exercer força física sobre o atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump e só significa porque, não é muito comum uma mulher ser “mais forte” do que um homem, ainda mais quando se trata do presidente da república dos EUA. No *meme*, o que ressoa, são os discursos sobre a superioridade masculina sobre a feminina, contudo, o efeito de sentido produzido é o de resistência frente a eles e que se materializa por meio do humor e da ironia.

Por esse viés, podemos dizer, que, no processo de produção de sentidos, humor e ironia caminham lado a lado. Orlandi (2012b, p. 10) assinala que, pela perspectiva discursiva, a ironia não é uma figura de linguagem da retórica, como a alegoria, a ênfase, a sinédoque e a hipérbole, mas constitui “[...] um tipo de discurso, um modo de interlocução, um funcionamento típico e não uma figura (desvio)” (ORLANDI, 2012b, 35). Assim sendo, a ironia não consiste em dizer o contrário do que se quer, ela ocorre na prática discursiva, nos processos de significação, pela relação que se estabelece entre o texto, aquele que produz o discurso e aquele que o interpreta. Para ela, a ironia,

[...] não está no locutor, não está no ouvinte, não está no texto: está na relação que se estabelece entre os três. Mesmo o que não parece irônico, pode sê-lo; depende da relação que se estabeleça. Para sermos mais incisivos, diríamos que, na ironia, joga-se com a relação entre o estado de mundo tal como ele se apresenta já cristalizado – os discursos instituídos, o senso-comum – e outros estados de mundo. Essa é uma característica básica da ironia. (ORLANDI, 2012b, p. 26, grifo da autora).

Assim como o humor, a ironia aponta para a ruptura e para a resistência, pois por meio dela, questiona-se a natureza da linguagem, a inserção no senso-comum, o funcionamento da ideologia e a própria constituição da significação (ORLANDI, 2012b).

Existem páginas e comunidades no *Facebook*, por exemplo, que se contraidentificam ou se desidentificam com discursos que se inscrevem no domínio do machismo e do senso-comum sobre o lugar na mulher na sociedade. Para isso, utilizam formulações verbais e visuais irônicas nos seus perfis para mostrar que, o estado de mundo no qual estão inseridas não corresponde aos discursos instituídos e cristalizados na sociedade.

Comunidades como: “Feminismo Revolucionário” com mais de 40.763 mil curtidas, “Feminismo sem Demagogia”, com 1.074.509 milhões de curtidas são alguns exemplos de lugares no espaço digital em que os sujeitos se mostram e se escondem por meio de “curtidas”, comentários e compartilhamentos e em que é possível compreender o funcionamento discursivo da ironia.

Na figura 4, “printada” da página Feminismo Revolucionário, a formulação visual de uma mulher negra, demonstrando força, encaminha para efeitos de sentidos de que toda mulher é destemida e corajosa, Trata-se, mais uma vez, da negação de discursos já cristalizados, segundo os quais somente os homens têm força para lutar e consequente identificação com discursos, os quais defendem a força e a coragem feminina.

Essa formulação visual, pelo funcionamento dos processos parafrásticos, faz circular a variedade do mesmo, no entanto, busca também dar visibilidade à mulher negra, que luta por direitos, que é vítima de preconceito, rompendo também com padrões cristalizados de mulher “ideal” impostos pela sociedade.

Figura 4 - Foto do perfil do *Facebook*



Fonte: Disponível em

<https://www.facebook.com/Feministasrevolucionando/photos/a.431445223624272.1073741825.431442653624529/622515534517239/?type=1&theater> Acesso em: 10/05/2017.

A figura número 5, foi recortada da página do *Facebook* “Feminismo sem Demagogia” e alia diferentes materialidades significantes no processo de produção dos sentidos. O nome da página, “Feminismo sem Demagogia”, por si só, inscreve o dizer/ver no interior dos movimentos feministas e alerta para o fato de que existem outras páginas, no espaço digital, as quais fazem circular discursos vazios sobre os direitos das mulheres e cujo interesse é apenas agradar a massa popular, garantindo-lhes assim, o número de acessos.

Figura 5 - Foto do perfil do *Facebook*



Fonte: Disponível em:

<https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/photos/a.564162297009097.1073741825.564161453675848/1422202057871779/?type=1&theater> Acesso em: 10/05/2017.

Além disso, a formulação visual da cruz que aponta para baixo a 180° e que representa o planeta Vênus, no domínio da Astrologia (único corpo celeste que brilha tanto de dia como de noite), assim como o feminino, sob o fundo vermelho, produz os efeitos de sentido de energia, poder e determinação da mulher, sempre disposta a lutar por seus direitos e ideais, seja nas ruas ou nas redes sociais, de modo a fazer valer sua voz.

Essas formulações são vestígios dos discursos que irrompem no interior da página e se desidentificam ou contraidentificam com outros discursos cristalizados e repetidos ao longo dos tempos, apontando para a resistência, a qual se materializa pela ironia, funcionando e rompendo os sentidos estabilizados sobre a mulher e produzindo seus efeitos tanto nos sujeitos moderadores das páginas, como nos sujeitos seguidores, os quais se identificam com os discursos que nela circulam.

Conforme Orlandi (2012b, p. 28), a ironia é um acontecimento discursivo que serve para comunicar e não comunicar, mantendo o estado de dúvida e apontando para o insólito, para o *nonsense* (sem-sentido) e para a ruptura, funcionando somente porque o sujeito, por meio do mecanismo da antecipação, “prevê” os efeitos de sentidos que suas palavras provocarão no outro.

[...] o sujeito locutor atribui ao destinatário um discurso ‘normal’, um conjunto de opiniões estabelecidas, e produz uma inversão ou mesmo um rompimento. Ele parte da ideia de que o outro diria o estabelecido (o mesmo) e responde a isto, antecipadamente. Daí o efeito de eco e rompimento (o diferente)

Pela ironia é possível estabelecer um “jogo” de linguagem, uma relação com outros estados de mundo. Esse “jogo” entre “eco e ruptura”, consiste no embate entre os discursos já estabelecidos, os quais ao se repetirem são tomados como verdades absolutas pelo senso comum e outros que deles se distanciam, inscrevendo o dizer em outros espaços de significação (ORLANDI, 2012b, p. 29).

Conforme a autora, a ironia atesta o “jogo” entre o mesmo e o diferente. No espaço digital, os *memes* constituem discursos que se replicam e multiplicam, produzindo efeitos de sentidos diferentes, quando produzidos por sujeitos que também se inscrevem em formações discursivas distintas:

A ironia afirma o diferente (polissemia) jogando sobre o mesmo (a paráfrase) e vice-versa. Expõe a indeterminação e a incompletude da linguagem e, por isso, deixa exposta a ilusão de que ao dizer estamos no irreduzível, no único, no definido. Ao fazer isso, ela nos mostra presos da vontade do mesmo. Creio que há forma desse desvelamento/exposição que, ao invés de apontar para o mesmo, apontam para o múltiplo. (ORLANDI, 2012b, p. 39)

Esse processo de desidentificação/contraintentificação pode ser observado no espaço digital, onde muitos sujeitos compartilharam *memes*, os quais colocam em circulação discursos contra o feminismo e os/as feministas. A designação “feminazi”, por exemplo, tem uma carga semântica negativa e é frequentemente mobilizada para designar sujeitos que defendem a superioridade feminina de forma extremista ou radical. Esses *memes* também viralizam no espaço digital, por vezes, provocando o estranhamento, por serem postos em circulação por sujeitos que deveriam defender seus direitos. Vejamos um exemplo deles, a seguir:

Meme 5



Fonte: Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=memes+com+o+termo+feminazis&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjg1ceJwe_VAhUBDpAKHX6HDJYQ_AUICigB&biw=1517&bih=708#imgrc=VSVJJcwZF2jGcM:

Acesso em: 15/07/2017

Neste *meme*, a formulação visual da mulher trabalhadora buscando seu espaço na sociedade, se mantém, demonstrando força e capacidade de exercer funções tidas como “masculinas”. Ressoa, também, no fio do discurso, o pré-construído “We cant do it”. Trata-se, no entanto, de uma “presença-ausente”, conforme Courtine (1999), pois um já-dito retorna no intradiscurso atualizado pelo funcionamento da memória discursiva.

Contudo, a formulação visual da moça trabalhadora com bigode, ressoa Hitler, líder da Alemanha Nazista, entre 1934 a 1945, que iniciou a Segunda Guerra Mundial e instaurou políticas fascistas, que resultaram na morte de milhares de pessoas. Há, nesse *meme*, a repetição do mesmo, mas também a instauração do diferente e, logo, o rompimento com os sentidos já estabilizados.

Isso pode ser dito ao analisarmos a formulação verbal “Generala Feminazi quer que você se renda à supremacia feminina bem quietinho”. “Generala Feminazi” é uma referência negativa às mulheres que conduzem os movimentos feministas, além disso, ressoam discursos produzidos pela ex-presidenta Dilma Rousseff, que defendeu aplicar, na língua, a marca de feminino nos substantivos sobrecomuns. Esse efeito de sentido de negativo é reforçado pelo

uso de “render-se” e “bem quietinho”, que encaminham para a impossibilidade de reação e para a sujeição aos discursos feministas.

Trata-se de um discurso autoritário, o qual não abre espaço para a contestação e para o questionamento e nem para a reversibilidade. É um discurso que tende para a ordem, no sentido militar, e que segundo Orlandi (1996, p. 154), abre espaço para o “assujeitamento ao comando”. Por meio desse discurso, os sujeitos são interpelados a se (re)voltarem contra os discursos feministas, que segundo o *meme*, atestam a superioridade feminina sobre a masculina, assim como Hitler exterminou as pessoas que não eram da raça ariana, como os judeus, por exemplo. Notadamente, este *meme* inscreve o discurso em uma formação discursiva anti-feminista, que não vê no movimento, a possibilidade de igualdade, mas a hegemonia masculina.

Conforme Lara e Rangel et. al. (2016), moderadoras da página “Não me Kahlo” do *Facebook*, que tem mais de um milhão de seguidores e onde circulam discursos os quais repudiam o machismo e os discursos de ódio que dele irrompem, o feminismo consiste em um movimento de luta legítimo.

Em um dos artigos, do livro *#Meu amigo secreto: feminismo além das redes*, no qual abordam assuntos como a violência contra a mulher e a romantização da maternidade, além dos discursos machistas que circulam nas redes sociais, as autoras criticam as piadas que irrompem nesse espaço de produção de sentidos e discriminam grupos minoritários como mulheres, LGBT, negros e pessoas com deficiência. Conforme elas, as pessoas veem essa falta de critério na escolha de seu repertório de piadas como um motivo de orgulho, pois no humor, “vale tudo”.

As críticas ao ‘politicamente incorreto’ – ou seria politicamente conservador? – são vistas, então, como uma reação desproporcional a piadas, como falta de senso de humor ou, simplesmente, como a mais pura chatice. [...] será que estamos mesmo muito sensíveis ou será que despertamos para um nível de consciência política que não mais aceita certos discursos? Não ouvimos piadas com estupro, mulheres burras, negros ladrões somente uma vez. Depois da milésima, é compreensível que qualquer pessoa se levante e diga chega (LARA; RANGEL et. al. 2016, p. 247-248, grifo das autoras)

É comum na/em rede circular discursos antifeministas, os quais atacam as mulheres de forma pessoal, insinuando que sua militância está relacionada à falta de sexo ou à falta do que fazer, lançando mão até mesmo de ameaças com o objetivo de deslegitimar/desqualificar o movimento feminista. Para as autoras,

[...] é o que acontece, por exemplo, quando se referem às feministas como ‘feminazis’, em uma alusão ao nazismo, ou quando atacam nossas bandeiras como o argumento de que elas seriam apenas plataformas para propagar o ódio aos homens ou mesmo para chamar a atenção (LARA; RANGEL. et. al. 2016, p. 248, grifo da autora)

Então, por mais que o humor se faça presente no discurso midiático, em especial, nas redes de relacionamento, por meio das piadas e dos *memes* que circulam e se multiplicam, no espaço digital, para Coelho (2014), esse humor também constitui uma maneira de dar voz aos humilhados e que utilizam esse tipo de texto para reverter as situações às quais, muitas vezes, estão (a)ssujeitados.

Trata-se, portanto, de um humor que desemboca na ironia e que consiste em uma forma de resistência a qualquer tipo de opressão e não ao contrário: um humor feito com o intuito de agredir, por meio do discurso, classes minoritárias como pudemos perceber no *meme* analisado e que ao relacionar o feminismo ao nazismo, significa o movimento como opressor e ilegítimo.

Desse modo, conforme vimos pontuando, discurso memético¹⁷ constitui um tipo de discurso humorístico, não raras às vezes, produz também o efeito de sentido da ironia, apontando para o desejável. É o que “vaza” (ORLANDI, 1996, p. 154-155), ou seja, ao mesmo tempo em que funciona como “eco” de discursos instituídos pelo senso comum (paráfrase), produz rupturas, abrindo espaço para a multiplicidade de sentidos (polissemia).

Todos esses questionamentos são fundamentais para compreender o funcionamento dos *memes*, tipo de texto que viraliza sem cessar, no espaço digital, pondo “[...] em funcionamento mecanismos que impedem que a linguagem estacione e pare de significar” (ORLANDI, 2012a, p.37), como o humor e a ironia, sinalizando para a tensão entre a paráfrase e a polissemia.

Tal como a piada, os *memes* possibilitam rir daquilo que nos incomoda e perturba e configuram discursos de resistência, os quais se utilizam do humor e da ironia para se rebelar/revoltar contra o já instituído. Em síntese, constituem uma maneira “democrática” de o sujeito fazer ouvir sua “voz”, revoltando-se, por exemplo, contra discursos machistas, homofóbicos, racistas, enfim, contra qualquer tipo de discurso excludente, possibilitando até mesmo reverter o modo como um determinado grupo social é significado e se significa.

¹⁷ A memética é uma teoria proposta por Richard Dawkins, no ano de 1976, no livro “O Gene Egoísta”, como já mencionamos anteriormente neste capítulo.

2.4 O *meme* como forma de resistência

No *ciberespaço* circulam discursos heterogêneos e os sujeitos também heterogêneos, por meio de gestos de interpretação, podem se identificar/desidentificar ou contraidentificar com eles, instaurando a polêmica, o questionamento, a dúvida e a resistência. No caso dos *memes*, a resistência decorre do humor e da ironia, os quais permitem dizer ou fazer, ver aquilo que não poderia ser dito/visto em outro lugar e em outras circunstâncias. Conforme Coelho (2014, p. 81-82):

O que sabemos é que o *meme* é uma das formas de discurso que democratizou a forma de resistir através do humor. *O meme* representa a lógica que marcamos nossa existência através da nossa divulgação. Para criar um *meme*, basta ter o desejo de comunicar algo, ou ainda, de resistir a algo. Não é preciso ser um humorista para criar um *meme*, ou ter um profundo conhecimento do assunto em questão, apenas ter o desejo de experimentar a catarse através da ironia, e por fim, resistir. (COELHO, 2014, p. 81-82)

Conforme afirma o autor, não é necessário que o sujeito seja um *expert* no assunto ou domine as ferramentas tecnológicas que possibilitam a edição de textos e de fotos, no espaço digital, para formular ou colocar em circulação um *meme*. Basta apenas, possuir o desejo de comunicar algo e, sobretudo, como vimos frisando veementemente, ainda que de forma inconsciente, compreenda este tipo de texto como uma forma de resistir a algo, por meio do humor e da ironia.

Resistir é, pois, um gesto de coragem, porque provoca uma movimentação nos sentidos estabilizados. Pêcheux (1990), quando trata da resistência na língua, diz que resistir é:

[...] não entender ou entender errado; não ‘escutar’ as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... (PÊCHEUX, 1990, p.17, grifo do autor).

A resistência é movimentada por uma série de verbos, como nos explica o autor, que apontam para a negação, como: “não entender ou entender de forma equivocada”, “não escutar”, “não repetir” “repetir de forma errônea”, “falar mal”, “mudar”, “desviar”, “alterar”, “deslocar”, “desestruturar”. Enfim, significa, principalmente, “romper” com aquilo que está

em jogo ou que nos foi imposto como verdade absoluta. Discursivamente, pensamos que “resistir” significa questionar, duvidar, negar aquilo que nos é dado a ler/ver. Enfim, significa se contraidentificar ou desidentificar com discursos estabilizados, inscrevendo o dizer/ver em outras redes de filiação de sentidos. Esse rompimento ou desestruturação são possíveis de serem feitos nos discursos num jogo que nos é permitido pelas palavras, pois com elas os sentidos e as frases podem ser alterados surtindo novos discursos e novos sentidos, desestabilizando o discurso dominador.

De acordo com Indursky (2013, p. 99), a resistência se instaura pela associação do sentido já estabilizado com o sentido estranho, fazendo com que haja um desvio daquilo que é da ordem do ‘todo mundo sabe’, inscrevendo o dizer em uma nova rede de filiação de sentidos. Podemos mesmo dizer, que a autora entende que a resistência corresponde às modalidades de tomada de posição do sujeito frente aos discursos, na medida em que resiste, não se deixando assujeitar pela forma-sujeito que regula a formação discursiva de onde os discursos irrompem e na qual se inscreve.

Trata-se de um movimento que procura começar a se “despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação” (PÊCHEUX, 1990, p. 17), dando espaço a sentidos que antes eram da ordem do irrealizado. Nessa mesma perspectiva, Zoppi Fontana e Ferrari (2017) apontam que as práticas de resistência surgem do processo de interpelação do sujeito pela ideologia.

Afirmam ainda, que as redes sociais têm se tornado uma forte aliada na disseminação, convocação e na construção dos coletivos, em especial, aqueles que se voltam para as de questões de gênero/sexualidade. Para as autoras, a problemática de gênero abre reflexão sobre a “[...] contradição constitutiva dos processos de produção de sentido e do sujeito, que tanto reforçam o imaginário social quanto irrompem como acontecimento, abrindo brechas sociais e discursivas para o deslocamento de sentidos e a emergência de novas modalidades de identificação” (ZOPPI FONTANA; FERRARI, 2017, p. 8).

Desse modo, as redes sociais constituem um lugar, onde os sentidos já sedimentados sobre as mulheres são questionados, polemizados e negados. Pelo viés da teoria materialista do discurso, essa contraidentificação ou desidentificação abre espaço para a resistência e para a conseqüente inscrição do dizer em outras formações discursivas.

Para Ferreira (2015, p. 160), é pela falha que algo escapa dando brecha à resistência: “o sujeito do inconsciente¹⁸ resistiria à interpelação ideológica, afastando-se da condição de bom sujeito plenamente identificado às evidências da formação discursiva (FD) que o constitui”. Também para ela, a resistência “se torna visível” e se faz presente quando o sujeito não se identifica com um determinado discurso e procura, nas falhas, nos equívocos e nas brechas da língua, da história e da própria ideologia, uma forma de contestá-lo e questioná-lo (FERREIRA, 2015, p. 160).

Para melhor exemplificar esse funcionamento, a autora propõe um quadro no qual compreende a resistência não como um acréscimo de fundamentos para AD, mas como uma refundação histórica:

QUADRO 1



Fonte: FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Discurso, resistência e...** – Cascavel, PR: EDUNIOSTE, 2015.

Conforme a autora, o imbricamento entre língua, sujeito e história é essencial para compreender a resistência. Ela afirma que esses espaços ou rupturas existentes no quadro entre o desejo, a memória e a ideologia servem para pensar a equivocidade, a falta e o acontecimento, já que a AD é permeada pela incompletude, pela heterogeneidade de discursos e sentidos e pelo estranhamento.

¹⁸ Para a autora, o inconsciente não é uma hipótese de cura, tal como postulava Freud, mas “[...] se manifesta por via da materialidade significativa e devidamente afetado pela ideologia com a qual estabelece um limite poroso de afetação. A hipótese, portanto, que interessa à AD é considerar o inconsciente como via de acesso ao sujeito, por meio da linguagem, onde o mesmo irrompe ao falhar” (FERREIRA, 2015, p. 160).

Para ela, o sujeito resiste nem sempre de forma consciente e com êxito, porém resiste sem cessar. “[...] resiste à dominação, resiste ao enquadramento, à manipulação” (FERREIRA, 2015, p. 165) e no fio do discurso, ao resistir, deixa materializados suas falhas, seus enfrentamentos e suas contradições.

TERCEIRO CAPÍTULO

“BELA, RECATADA E DO LAR”: REPLICAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DOS MEMES NO ESPAÇO DIGITAL

*Não há resistência sem sujeito,
Não há sujeito sem ideologia,
Não há ideologia, sem linguagem,
Não há linguagem sem equivocidade,
Não há equivocidade sem historicidade,
Não há historicidade sem sentido,
Não há sentido sem interpretação,
Não há interpretação sem gesto de leitura,
Não há gesto de leitura sem desejo,
Não há desejo sem falta,
Não há falta sem discurso,
E não há análise do discurso sem
R.E.S.I.S.T.Ê.N.C.I.A*

(*Maria Cristina Leandro Ferreira, 2015, p. 166*).

Nesta parte do trabalho, analisamos os *memes* que irromperam, no espaço digital, a partir da reportagem posta em circulação pela *Revista Veja*, em 18 de abril de 2016, e que significou Marcela Temer, como “Bela, recatada e ‘do lar’”. A reportagem teve grande repercussão no espaço digital, seja nos *sites* de buscas e pesquisas como o *Google* ou em redes sociais, como o *Facebook*, o *Tumblr* e o *Instagram*.

Nesse espaço virtual de produção dos sentidos, essa formulação-origem foi reformulada à exaustão e, a partir dela irromperam *memes* que ora colaboraram para reforçar o imaginário de mulher submissa, já cristalizado na nossa formação social, inscrevendo o dizer no mesmo espaço de significação ora o questionaram ou negaram, abrindo espaço para a ruptura dos processos de significação e configurando um discurso de resistência, conforme defendemos no segundo capítulo.

Do nosso ponto de vista, essa viralização dos *memes* e dos discursos que neles/por eles foram formulados e circularam atestam que ao produzir o discurso, embora afetado pela ilusão constitutiva de que é a origem do que diz, o sujeito o faz sob o regime da repetibilidade – de onde decorre a regularização – produzindo a variedade do mesmo ou deslocando sentidos, fazendo intervir o diferente, inscrevendo-os em outras redes de significação.

Essa regularização inscreve o dizer na ordem da memória discursiva, lacunar e com falhas, a qual se imbrica com a memória metálica, permitindo a replicação dos *memes* em massa, já que se trata de uma memória que funciona pelo acúmulo e pela soma.

3.1 “Há repetições que fazem discurso”

Conforme já mencionamos a publicação da reportagem intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”, assinada por Juliana Linhares, e que circulou na revista *Veja*, em 18/04/2016, gerou uma grande polêmica e ganhou grande visibilidade na mídia. O título da matéria jornalística, em especial, foi retomado/reformulado à exaustão, em inúmeros textos que irromperam no espaço digital, dentre eles, os *memes*, por nós compreendidos como textos materialmente heterogêneos, uma vez que, para produzir seus efeitos, neles se entrecruzam diferentes materialidades significantes (LAGAZZI, 2009), que não são complementares, mas funcionam juntas no processo de produção dos sentidos.

Esses *memes* viralizaram rapidamente no espaço digital, funcionando como forma de resistência contra os discursos postos em circulação pela *Veja*, que relegava a mulher ao espaço do privado, apontando os predicativos da esposa ideal e ditando normas e comportamentos a serem por ela seguidos, apagando assim a história de lutas e conquistas de direitos femininos.

Figura 6 - Captura da tela da *Revista Veja* – online

Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice

Por Juliana Linhares
18 abr 2016, 19h14



Marcela, mulher do vice. Michel Temer: iantares românticos e apelidos carinhosos (Bruno Poletti/Folharess)

Fonte: Disponível em <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acesso em 20/04/2016.

Esses sentidos sobre a esposa ideal são reforçados já no título da reportagem, que inscreve o dizer em uma formação discursiva machista e patriarcal, segundo a qual, a esposa “ideal” deve aliar tanto atributos físicos como morais, ou seja, além de ser bonita, deve ser comedida e não desempenhar atividades profissionais, ocupando-se apenas das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos e o marido, isto é, ela deve ser “bela”, “recatada” e “do lar”. As aspas ressoam esse pré-construído¹⁹ já sedimentado na nossa formação social, além de constituírem uma tentativa de imparcialidade da jornalista, que por meio delas, ancora seu dizer em outros já ditos antes e em outros lugares.

A linha fina²⁰ da reportagem: “A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice” (REVISTA VEJA, 2016), também reforça esses sentidos e elege Marcela Temer como modelo a ser seguido, pois ela é jovem (aliás, bem mais jovem que o marido), discreta e deseja aumentar a família, fazendo retornar sentidos também já sedimentados sobre a maternidade, vista como “regra” para o universo feminino e cuja negação provoca, ainda hoje, o estranhamento.

Outros discursos, os quais irrompem no texto da matéria jornalística corroboram com esses efeitos de sentidos de esposa ideal: Marcela cuida da casa, do filho e de si mesma, conforme a jornalista. De acordo com a irmã, “sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, pois “gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”. O uso do “mas” encaminha para sentidos contrários e segundo ela, parece não ser possível ser “bonita” e “recatada” ao mesmo tempo. Além disso, quem diz o que diz sobre Marcela é sua irmã e a sua estilista e, logo pessoas autorizadas a fazê-lo. O discurso da jornalista entrecruza-se a esses outros discursos e inscrevem os dizeres na mesma rede de significação.

Marcela é uma **vice-primeira-dama do lar**. Seus dias consistem em **levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa**, em São Paulo, e um pouco **dela mesma também** (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele). [...] Em todos esses anos de atuação política do marido, ela **apareceu em público pouquíssimas vezes**. “**Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada**”, diz sua

¹⁹ Conforme Pêcheux (2014, p. 151), o pré-construído é um dos elementos do interdiscurso e cujo funcionamento “[...] determina o sujeito, impondo-dissimulando-lhe seu assujeitamento sob a aparência da autonomia, isto é, através da estrutura discursiva da forma-sujeito”.

²⁰ A linha fina de uma notícia completa a informação do título e normalmente é escrita sem ponto final.

irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “**Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras**”, conta a estilista Martha Medeiros. (grifos nossos)

Conforme já assinalamos, após a publicação da matéria jornalística irromperam uma grande quantidade de *memes*, no espaço digital, que passaram a constituir um discurso de resistência contra os discursos machistas que nela circularam. Por meio do humor e da ironia, o já instituído foi polemizado, questionado, negado e o sentido de “Bela, recatada e do lar” derivou para outros sítios de significação.

Discursivamente, podemos dizer que essa ressignificação de sentidos decorreu da interpelação dos sujeitos pela ideologia e da sua inscrição em outra(s) formação discursiva. Dizendo de outro modo, houve uma “mexida na rede de filiação dos sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 36), pois ao proceder ao seu gesto de interpretação, o sujeito “toma posição” (PÊCHEUX, 2014, p. 160), diante daquilo que lhe é dado a ler/ver. Entretanto, ele o faz mobilizando já ditos/já vistos inscritos na memória discursiva. Conforme Coelho (2014, p. 50):

Quando algum internauta deseja criar um meme, ele já está exposto a todos os discursos que o precederam, todos os pré-construídos. O próprio reconhecimento das imagens, do código, já evidencia que o autor está ciente das condições de produção específicas dessa cultura dos *memes*, logo, sua memória, interdiscursos, e principalmente ideologia.

No entanto, a reduplicação desses *memes* só foi possível porque, após serem ressignificados pelos sujeitos, os *memes* foram devolvidos em/na rede, permitindo outros gestos de interpretação, Segundo Coelho (2014, p. 63), no espaço digital, funciona a memória da máquina:

Os memes, graças à natureza da memória metálica, não substituem um ao outro, mas se somam. Discursivamente falando, o uso de um meme não impede o uso do outro, mas apenas adicionam-se novos memes locais a uma formação discursiva local. Apesar da mudança das condições de produção, os pré-construídos mantêm-se na materialidade, a ideologia intrínseca aos memes.

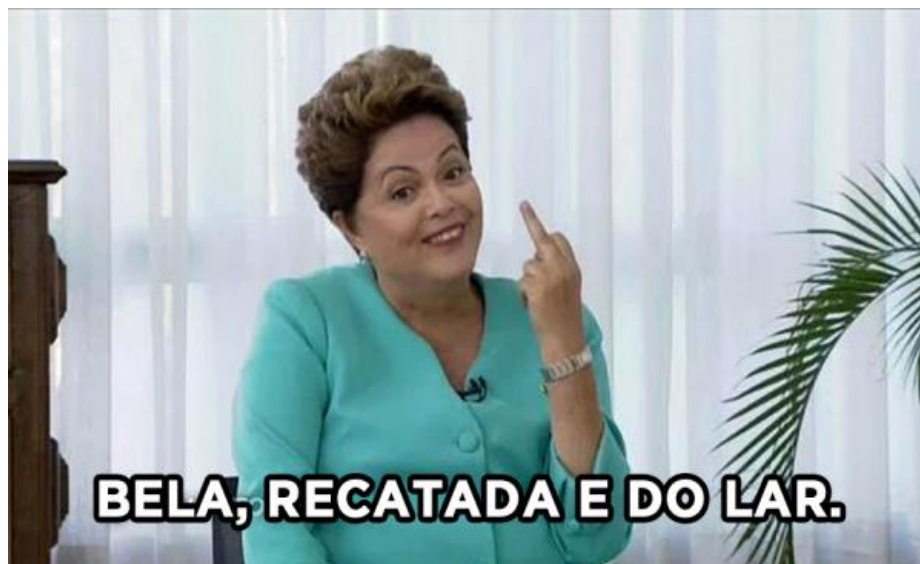
Isso nos leva a dizer, que existe um avizinhamento, no processo de formulação dos *memes*, no espaço digital, entre a memória metálica – saturada e horizontal e que funciona pela soma e pelo acúmulo e a memória discursiva – lacunar e com falhas – que torna possível a ressignificação dos *memes* e sua devolução ao espaço digital, para que outros gestos de interpretação possam ser feitos.

Os *memes* que constituem o *corpus* deste trabalho circularam em um *site* de busca e em três redes sociais e são aqui analisados levando em consideração as regularidades, as quais os constituem. Nesse sentido, os *memes* 6, 7, 8 e 9 foram produzidos entrelaçando a formulação- verbal “Bela, recatada e do lar”, que tomamos como “formulação-origem” e que não sofre alterações, às formulações visuais de mulheres famosas e que se opõem aos predicativos “bela”, “recatada” e “do lar”. É esse imbricamento entre o verbal e o visual que desestabiliza os discursos postos em circulação pela matéria publicada pela *Veja* questionando padrões impostos por uma sociedade patriarcal.

No *meme* 6, a formulação-origem retorna no fio do discurso, sem alterações, mas o olhar irônico e o gesto obsceno da ex-presidenta Dilma Rousseff produz o efeito de sentido de humor, pois não corresponde àqueles tidos como apropriados para o cargo que ocupava. Embora não seja possível afirmar que a ex-presidenta tenha mesmo feito esse gesto, já os sujeitos, muitas vezes, “pinçam” imagens de *sites* específicos para formular os *memes* e após ressignificá-los os devolvem à rede, nesse texto, o efeito de humor é produzido pelo imbricamento do verbal e do visual e pela quebra das expectativas.

Conforme Zoppi Fontana (no prelo, p. 07), é a incongruência entre imagem e enunciado, que faz como que, os sentidos produzidos pelo texto da matéria jornalística sejam desestabilizados e permite questionar a pertinência dos predicativos apontados, pela matéria jornalística, como essenciais para a esposa ideal. Em resumo, o sentido estabilizado da formulação-origem é deslocado pela intersecção com a formulação visual, inscrevendo o discurso em outras redes de sentido.

Meme 6



Fonte: Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=bela,+recatada+e+do+lar+dilma&safe=off&dcr=0&source=lnms&tbn=isc&sa=X&ved=0ahUKEwi-1fzSpJTZAhWHfZAKHWvhAFIQ_AUICigB&biw=1242&bih=525#imgrc=KYa3Rd5miSnIjM:

Acesso em: 09/11/2016.

Nesse *meme*, há uma quebra da imagem ideal, já que o gesto da presidenta não corresponde ao que se espera de alguém que ocupa a sua posição. Segundo Pêcheux (2014, p. 146), é a ‘norma’ identificadora, que designa, ao mesmo tempo, “o que é e o que deve ser”, ou seja, ela determina os lugares sociais ocupados pelo sujeito, em uma formação social, os quais são determinantes no processo de produção dos sentidos, pois delimitam inclusive, aquilo que ele pode dizer ou fazer. Conforme o autor, o que regula os processos discursivos é uma série de formações imaginárias, as quais designam o lugar onde o sujeito atribui a si e ao outro, isto é, a imagem que ele faz de si e do outro no discurso (PÊCHEUX, 2014, p. 148).

A ruptura acontece porque o *meme* mostra “[...] o sujeito – objeto do discurso – como ele é, justamente porque ele é como não deveria ser, faz o que não poderia fazer, e diz aquilo que não poderia dizer, de acordo com a FD que o interpela” (VENTURINI; FERNANDES, 2008, p. 2-3), provocando assim o estranhamento e, por conseguinte, o humor.

Podemos dizer que, neste *meme*, (re)produzido pela revista *Veja*, o que há, é um contradiscurso, negando o modelo de esposa/mulher ideal imposto pela sociedade patriarcal. Isso não significa, no entanto, que ainda não possam existir mulheres que se sentem felizes e completas ocupando esses lugares, porém, a tentativa da revista foi, possivelmente, a de comparar Marcela Temer a Dilma, que não se encaixava no lugar que ocupava nem nos modelos de mulher tradicionalmente aceitos pela sociedade. Há, então, em/na tela, um “jogo” entre a “exemplar” esposa do então vice-presidente da República e a de Dilma Rousseff, muitas vezes, significada pela mídia, como uma mulher “masculinizada” e sem capacidade para governar o país.

No *meme* 7, a formulação visual da artista mexicana Frida Kahlo se imbrica com a formulação-origem “Bela, recatada e do lar” e também produz o efeito de sentido de humor. Como sabemos, Frida foi uma mulher à frente do seu tempo, comunista, revolucionária e uma das maiores pintoras mexicanas. Os muitos percalços pelos quais passou durante sua vida a fizeram ingressar nesse ramo e a produzir autorretratos, sempre muito poéticos. Segundo a própria artista, por ser muito solitária, pintava aquilo que conhecia muito bem: ela mesma.

Esse *meme* também configura um discurso de resistência contra a criação de moldes da esposa/mulher ideal, mas há um esfacelamento/fragmentação da formulação-origem e

também da formulação visual, que se desdobram para contestar esse pré-construído. Nesse esfacelamento, cada formulação visual da artista nega um dos predicativos atribuídos a Marcela, encaminhando para o sarcasmo e para a ironia, que desembocam no humor.

Meme 7



Fonte: Disponível em:

https://www.google.com.br/search?safe=off&dcr=0&biw=1242&bih=579&tbm=isch&sa=1&ei=ZvZ3Wq_1HoL6wQTs8YOgBA&q=bela+recatada+e+do+lar+meme+frida&oq=bela+recatada+e+do+lar+meme+frida&gs_l=psy-ab.3...20705.21464.0.21927.5.5.0.0.0.163.579.0j4.4.0....0...1c.1.64.psy-ab..1.0.0....0.eSS_agYIXcY#imgsrc=lma1DNpXXv-mwM; Acesso em: 09/11/2016.

No primeiro fragmento, a formulação verbal “bela” se contrapõe à formulação visual de Frida Kahlo, que como se sabe, não se encaixava nos moldes de beleza tradicionais, pois ela teve poliomielite na infância, a qual resultou numa seqüela no pé esquerdo, rendendo-lhe o apelido de “Frida perna de pau”. Essa mesma seqüela também a obrigou a usar sapatos com saltos diferenciados para nivelar sua altura e evitar que manquitolasse.

Já adulta, sofreu um grave acidente e passou por 35 cirurgias, que a prenderam na cama por um bom tempo e fez com que tivesse uma perna amputada²¹. Além disso, conforme consta, a artista normalmente usava os cabelos presos ao alto da cabeça por tranças ou flores, não sabia usar o *blush* e o batom e exibia um bigode e uma monocelha, talvez numa tentativa de não seguir padrões de beleza impostos à mulher, na época, que exigiam (e ainda exigem!) que ela esteja sempre com cabelos impecáveis, depilada e maquiada.

²¹ Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2014/07/26/10-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-frida-kahlo-e-que-vaio-te-ins-a-21671995/>. Acesso em: 03/01/2018.

Com relação aos predicativos “recatada” e “do lar”, podemos dizer que, o efeito de sentido produzido pela contraposição entre o visual e o verbal também encaminha para discursos que negam o ideal de mulher, impostos pela sociedade patriarcal e defendidos por Frida Kahlo. Não é raro encontrarmos fotos e quadros em que a artista está com roupas muito coloridas e ricas em elementos florais, ou então, usando corpetes, ao contrário do que se pensa, não eram por ela usados para ficar mais *sexy*, mas para corrigir sua coluna.

Sobre isso, conta a história que, desde a adolescência, a artista sempre gostou de se vestir com roupas masculinas e, por isso, era considerada "estranha" e até "moleca" por algumas pessoas da sua família, exceto pelo seu pai, que sempre incentivou a ousadia da filha para desconstruir padrões impostos e ultrapassar barreiras culturais. Além disso, Frida não foi a mais fiel das mulheres e teria tido um *affair* de aproximadamente um ano com Leon Trotsky, além de outros romances extraconjugais não comprovados, inclusive com mulheres com as quais o marido Diego Rivera teria tido relações sexuais, para dele se vingar.

Esse modo de se portar e vestir não se enquadram, portanto, naquilo que a nossa formação social designa de “recato” e que no discurso posto em circulação pela revista *Veja* consiste em usar roupas discretas, em cores neutras até a altura dos joelhos. Esse *meme* assim como o anterior, aponta para a ruptura com o já instituído, desfazendo a transparência da linguagem e inscrevendo o discurso sobre a esposa/mulher ideal em outro espaço de significação.

No *meme* 8, a formulação visual de uma mulher com trajes curtos e justos, exibindo seu diploma de conclusão de curso pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul ressoa memórias sobre Geisy Arruda, hostilizada na universidade em que estudava por usar roupas curtas e coladas ao corpo e logo, consideradas “impróprias” para o ambiente acadêmico e para o corpo que tinha na época.

Nessa formulação visual, o corpo feminino também é colocado em evidência, apesar de também não corresponder aos padrões impostos pela sociedade, nos dias de hoje. Nela, o corpo não se contrapõe ao diploma e ao ambiente acadêmico. Além disso, as aspas em “do lar” produzem o efeito de sentido de ironia, que conforme Orlandi (2012b, p. 38), “[...]desloca processos de significação já instalados” e “relativiza-se o mesmo (paráfrase, eco, “metalinguagem”) através da alusão ao diferente (polissemia, estados de mundo, “conotação”)”.

Podemos dizer, então, que nesse *meme*, assim como os analisados anteriormente, há algo que se mantém, mas há também o rompimento com discursos já sedimentados sobre a

mulher, ou seja, a formulação-origem “Bela, recatada e “do lar” é repetida, no fio do discurso, mas ao se entrelaçar com a formulação-visual, encaminha para outros espaços de significação.

Meme 8



Fonte: Disponível em <http://belarecatadaedolar.tumblr.com/post/143223915585/> Acesso em: 05/11/2016.

Para Pêcheux (2015b, p. 47), a repetição é um efeito material que possibilita comutações e variações, assegurando o espaço da estabilidade daquilo que se produz por recorrência. Todavia, ela pode também, caracterizar uma divisão da identidade material do item e “[...] sob o ‘mesmo’ da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva...uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de se desdobrar em paráfrase”.

Essa possibilidade de deslocamento de sentidos ocorre porque, de acordo com o autor, a memória não é uma “esfera plena” em cujo interior se inscreve um sentido homogêneo, mas constitui “[...] um espaço móvel de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 2007, p. 56).

Também para Indursky (2011, p. 88), “[...] a repetibilidade está na base da produção discursiva. É ela que garante a constituição de uma memória social que sustenta os dizeres, pois só há sentido porque antes já havia sentido”. Dessa forma, esse *meme* significa porque os

sentidos que ele faz circular já estão inscritos na memória discursiva. Contudo, o imbricamento entre a formulação verbal e a visual provoca a deriva e inscreve o dizer em outras redes de memória e, nesse caso, naquelas que negam os discursos machistas. Mais uma vez, a repetição da formulação-origem se faz presente pela sua ausência, fazendo com que o discurso retorne aos mesmos espaços do dizer pelo movimento parafrástico, porém, a formulação visual e o uso das aspas produzem a ruptura e o deslocamento, abrindo brechas para uma nova forma de significar a mulher e o lugar que ela ocupa na sociedade.

Toda essa movimentação na rede de filiação de sentidos somente é possível, então, pelo imbricamento do verbal e do não-verbal, pois de acordo com Lagazzi (2011, p. 409), “no trabalho simbólico da incompletude e da contradição no social, imagens e palavras compõem possibilidades de deriva, e nos deixam ver a diferença e sua potencialidade de trazer à tona o político”.

Mais uma vez, esse *meme* funciona como um discurso de resistência, já que o sujeito se desidentifica com os dizeres que se inscrevem na formação discursiva machista, na qual se inscreve a formulação-origem e ao reformulá-los, devolvendo-os em/na rede, passa a se identificar com outros discursos, segundo os quais, as mulheres podem e fazem outras escolhas.

Podemos dizer isso, porque as mulheres estão conquistando direitos e embora muitas delas, ainda ocupem apenas o lugar de “do lar”, predicativo ainda hoje utilizado quando lhes são requeridos dados pessoais, outras ocupam lugares tidos como masculinos. O “desvencilhar-se” desse predicativo, no entanto, somente é possível, conforme o discurso produzido no *meme*, pela formação acadêmica e que, por consequência lhe trará sucesso financeiro e logo, independência.

O *meme* 9, que segue, também somente produz sentidos porque o sujeito, no seu gesto de interpretação, mobiliza outros já-ditos e já-vistos que estão inscritos na memória discursiva. Nele, a formulação visual de Geisy Arruda, estudante de turismo, que ficou conhecida por envolver-se em uma polêmica com a Uniban (Universidade Bandeirante), da qual foi expulsa, no ano de 2009, por usar um vestido curto e justo e considerado inapropriado para o ambiente universitário, conforme já mencionamos, aparece somente com as roupas íntimas, numa posição sexy e com um olhar sedutor, rompendo com o imaginário de “recato” cristalizado na nossa formação social, no decorrer dos anos, e que foi atualizado pela revista *Veja*, na reportagem sobre Marcela Temer.

Nessa formulação visual, a máquina utilizada para tratamentos estéticos, encaminha para sentidos relativos aos inúmeros procedimentos, inclusive cirúrgicos, aos quais ela teria se submetido após se tornar famosa. Como se sabe, especialmente no meio artístico, muitas vezes, o corpo constitui um instrumento de trabalho e, por isso, precisa estar bem cuidado. Além disso, também ressoa, pelo funcionamento da memória discursiva, a ditadura da beleza tão apregoada nos nossos dias, pela mídia, que considera “feios” os corpos que não se enquadram nos padrões exigidos.

Meme 9



Fonte: Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=memes+bela+recatada+e+do+lar&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjo8Hv3ezQAhWFHpAKHf8vBNQQ_AUICCGB&biw=1517&bih=654&dpr=0.9#imgrc=qMyP_nh0tb3r-M%3A. Acesso em: 09/11/2016.

O episódio na Uniban retorna atualizado no fio do discurso, mas no *meme*, a estudante não se envergonha do seu corpo, considerado fora dos padrões para usar o vestido que usava na ocasião, muito pelo contrário, tem o prazer de exibi-lo, justamente para contrapor-se às críticas e aos comentários maldosos dos quais foi vítima, na época.

Trata-se, dessa forma, de fazer circular outros sentidos sobre a mulher e sobre o corpo feminino, que ao ganhar visibilidade, não a coloca na condição de mais ou menos recatada, já que a reputação de uma mulher não pode ser medida pelas roupas por ela usadas ou pela forma como usa o corpo, na mídia. O sentido de “recato” é posto em suspenso e não aponta

mais para uma mulher que esconde o corpo como Marcela Temer, mas, ao contrário, o coloca em evidência e orgulha-se dele.

Nesse *meme*, o predicativo “do lar” foi apagado, possivelmente, porque após ter ficado famosa na mídia, Geisy Arruda recebeu muitas propostas de trabalho e isso não permitia, por exemplo, que ela tivesse tempo para cuidar de uma família e dos afazeres domésticos. Há, nesse *meme*, uma crítica aos discursos segundo os quais sucesso/carreira profissional e família não pudessem ser conciliados, por serem excludentes, obrigando a mulher a escolher ocupar um ou outro desses lugares.

O *meme* 10 foi recortado do *Facebook*, a maior rede de relacionamentos da *internet* e nele, Beyoncé, famosa cantora norte-americana negra e a mais premiada na história da música, inclusive com o Grammy, está acompanhada de outras mulheres, que usam roupas curtas e fazem poses sensuais, encaminhando para sentidos sobre o empoderamento feminino.

O corpo da cantora, em especial, os glúteos, é enfatizado e o secador de cabelos nas mãos, bem como a bancada com maquiagens desconstrói o imaginário de mulher pudica e discreta e, por esse viés, o de “recato”. Nesse *meme*, o predicativo “recatada” entra em contradição com a formulação visual e o efeito de sentido produzido é o de ironia, que de acordo com o que afirmamos no segundo capítulo e retomando Orlandi (2012b, p. 154-155), nega discursos instituídos pelo senso comum, promovendo rupturas e, por consequência, abrindo espaço para a multiplicidade de sentidos (polissemia).

Meme 10



Fonte: Disponível em

<https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/photos/a.793090670764923.1073741827.282908221783173/1061810947226226/?type=3&theater> Acesso em: 05/11/2016.

Neste *meme*, o saber veiculado pela formulação-origem é retomado, mas, ao mesmo tempo, há um deslizamento de sentidos que leva ao rompimento com a FD machista e à identificação com outros discursos que a eles se opõem. Entretanto, apesar do “desvio” – que aponta para o modo como o sujeito se relaciona ideologia que determina o corpo social – produzido pela formulação visual, o espaço de memória não se apagou (INDURSKY, 2013, p. 97).

No *meme* recortado para análise, a formulação-origem é acrescida da *hashtag*, um dos mecanismos de que se utiliza a memória da máquina para agrupar informações em qualquer ponto da rede. Para Silveira (2011, p. 1), citando Pêcheux (2012), a *hashtag* marca o “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”, tornando possível que já-ditos em outro lugar e em outras condições de produção retornem atualizados, na rede.

Para Dias e Coelho (2014), as *hashtags* funcionam como “indexadores”, que permitem aos usuários das redes sociais se reunirem de acordo com interesses comuns e para Zoppi Fontana (no prelo, p. 08), o gesto de vincular um *meme* a uma *hashtag* produz o efeito de série que está na base do funcionamento discursivo e constituiu um “[...] convite para ver, responder, e contribuir para a construção da memória horizontalizada da rede”. De acordo com a autora, “a *hashtag* organiza um trajeto de leitura no arquivo, ao estabelecer laços explícitos com outros enunciados e textos, aos quais se integra pelo *efeito de série* produzido pela repetição” (ZOPPI FONTANA, no prelo, p. 08, grifo da autora). Assim, a formulação *#belarecatadaedolar* organiza os dizeres que irromperam, no espaço digital, a partir da matéria jornalística, além de convocar os sujeitos assumirem uma posição diante deles.

Os *memes* anteriormente analisados retomam a formulação-origem, que é reatualizada no fio do discurso, mas pela imbricação com o não-verbal, rompem com o pré-construído de mulher ideal, se contraidentificando com os discursos postos em circulação pela revista *Veja*, especialmente, o pré-construído estabelecido pelo predicativo “recatada”, porque as mulheres representadas, nos *memes*, emanam sensualidade e não se envergonham de seus corpos, mostrando sua ousadia diante da mídia e da possível discriminação e repressão que possa existir pelo fato de orgulharem-se deles e de os colocarem em evidência.

Essa forma de “desvio” produz um efeito de sentido de “estranhamento absurdamente familiar”, decorrente da associação com a formulação-origem, que funciona como um pré-

construído, portador de traços discursivos de memória (INDURSKY, 2013), com aquilo que retorna no fio do discurso pelo apagamento de “do lar”. De acordo com a autora, é da “[...] associação do sentido conhecido de todos com o sentido estranho, proveniente de outra FD, que se instaura a resistência”. (INDURSKY, 2013, p. 99).

No *meme* 11, a formulação visual de Monica Iozzi, atriz da Rede Globo, muito conhecida nas redes sociais por suas postagens críticas acerca da política no Brasil e por defender a luta em favor do empoderamento feminino, produz o efeito de sentido de tristeza, pois a maquiagem está borrada, apontando para um possível choro/lamento diante dos discursos que circularam na revista *Veja*.

O corpo da atriz está parcialmente despido e coberto apenas com um cartaz, no qual irrompe a formulação verbal “Bela, recatada e do lar”, que é, mais uma vez ressignificada, neste *meme*.

Meme 11



Fonte: Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=memes+bel+recatada+e+do+lar&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjo8Hv3ezQAhWFHpAKHf8vBNQQ_AUICCGB&biw=1517&bih=654&dpr=0.9#imgrc=qMyP_nh0tb3r-M%3A. Acesso em: 09/11/2016.

O cartaz na cor branca com a formulação-origem escrita em preto ressoa, pelo funcionamento da memória discursiva, ao mesmo tempo, o luto das mulheres frente aos padrões pré-estabelecidos pela sociedade patriarcal e um pedido de paz. Ou seja, a formulação-origem permanece a mesma, porém ao se entrelaçar à formulação visual, os sentidos são deslocados para a luta das mulheres para ocupar seus lugares na sociedade.

Para Pêcheux (2014, p. 79), um discurso sempre aponta para outro, de modo a reforçar ou anular seus argumentos. Assim, se faz necessário referir o discurso ao conjunto de discursos possíveis produzidos sob as mesmas condições de produção. Conforme ele:

[...] o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar proveito. (PÊCHEUX, 2014, p.77, grifos do autor)

Para Indursky (2011, p. 71), a repetição somente é possível porque há uma regularização de sentidos inscritos no interior de uma memória social, que se apresenta ao sujeito do discurso como da ordem do não-sabido. De acordo com a autora: “[...] são os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos e regularizados” (INDURSKY, 2011, p. 71).

Segundo a autora, toda atividade discursiva do sujeito está pautada em já-ditos inscritos na memória discursiva, que se entrelaçam na superfície textual, produzindo no sujeito a ilusão de que é a origem do dizer (INDURSKY, 2011). Desse modo, só podemos compreender os *memes*, porque os discursos que neles circulam remetem a já-ditos/já-vistos antes, em outro lugar e porque eles comportam uma memória social que ressoa nos discursos.

O *meme* 12 foi recortado do *Tumblr*, rede social cujo funcionamento é similar ao *Facebook* e *Twitter*, já que apresenta a possibilidade de os usuários seguirem uns aos outros e receberem as atualizações no seu *feed* de notícias, além de compartilharem vídeos, fotos, músicas, textos e muitos *gifs*, conforme destacamos no segundo capítulo.

Meme 12



Fonte: Disponível em: <http://belarecatadaedolar.tumblr.com/post/143322013180/> Acesso em: 09/12/2016.

Neste *meme*, uma mulher sem rosto está cercada de livros sobre guerra e sobre a história da humanidade, desconstruindo o imaginário de que ela deveria cuidar somente “do lar”, encaminhando para sentidos segundo os quais ela é capaz de discutir qualquer assunto, inclusive aqueles tidos, por muito tempo, como do domínio do masculino. O fato de o seu rosto ter sido ocultado não aponta, no entanto, para a falta de identidade, mas para a coletividade, isto é, de que poderia ser qualquer outra a ocupar o seu lugar.

Também nesse *meme*, a formulação-origem “Bela, recatada e do lar” retorna, no fio do discurso, como um “elo invisível” que conecta a materialidade à discursividade. Conforme já mencionamos, para a teoria materialista do discurso, todo discurso se assenta em outros e só é possível dizer, porque tudo já foi dito antes, embora o sujeito tenha a ilusão de ser o “senhor” dos sentidos.

Todavia, neste *meme*, há uma reformulação do “Bela, recatada e do lar”, que deriva da utilização das reticências e da interrogação, embora não modifiquem a estrutura formal da formulação-origem, faz com os sentidos deslizem para outra formação discursiva, já que encaminham para a dúvida, para o questionamento e para a contestação, atestando a

desidentificação²² do sujeito com a forma-sujeito que regula a formação discursiva, na qual se inscreve a formulação-origem.

Há, nesse *meme*, a tensão entre a paráfrase e a polissemia, pois há algo do mesmo que se mantém, porém há também o deslocamento e a ruptura dos sentidos, aos quais somente é possível chegar pelo imbricamento das diferentes materialidades significantes que compõe o texto. Nesse processo de produção de sentidos, o sujeito resiste aos discursos machistas e inscreve o dizer/ver em outra rede de memória, de acordo com a qual, a mulher pode ocupar outros lugares na sociedade, que não a de submissa e dona de casa.

No *meme* 13, ressoam memórias sobre outras formas de uniões familiares, as quais não se enquadram nos padrões pré-estabelecidos pela nossa formação social e que se inscrevem, sobretudo na FD da igreja. Essa ressignificação promove um deslize, rompendo com sentidos já estabelecidos sobre o casamento e permitindo que dogmas religiosos sejam quebrados e que outros sentidos sobre ele passem a circular.

Essa deriva ocorre pelo acréscimo do “-s” nos predicativos “bela”, “recatada” e “do lar” na formulação-origem, que é complementada pela formulação visual de duas mulheres anônimas, vestidas de noivas, se beijando, em frente a um muro na cor rosa e, que historicamente, foi significada como do domínio do feminino. Esse imbricamento entre verbal e visual faz, portanto, como que os sentidos se desloquem, inscreve o discurso em outro espaço de significação.

²² De acordo com Indursky (2011, p. 96), há diferentes formas de o sujeito se identificar com uma FD, entretanto, algumas vezes, o questionamento é tão forte que conduz o sujeito a desidentificar-se de uma FD e identificar-se com outra.

Meme 13



Fonte: Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=memes+bela+recatada+e+do+lar&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj08Hv3ezQAhWFHpAKHf8vBNQQ_AUICCG&biw=1517&bih=654&dpr=0.9#imgrc=-bvTdmSY5ojBM: Acesso em 09/11/16.

Ecoa, no *meme*, a história de luta dos homossexuais para legalizar uniões, cuja base não é a diferença entre os sexos, mas o desejo de construírem um lar a partir dos sentimentos dos seus sentimentos em comum. Podemos dizer que até hoje esse *meme* produz o estranhamento, porque por muito tempo o casamento imposto pela Igreja era uma forma de a pessoa heterossexual provar sua sexualidade à sociedade e para que um casamento fosse consumado, deveriam estar presentes o homem e a mulher diante de Cristo e da Igreja. Esse modo de compreender o casamento pela igreja, até hoje produz seus efeitos e faz com que outras formas de união, como as homoafetivas gerem polêmica e ainda sejam condenadas por uma parcela da população, em especial, por sujeitos que são fortemente marcados pela FD religiosa, embora o maior representante da igreja católica tenha se manifestado favoravelmente sobre a questão a pouco tempo.

No Brasil, as polêmicas sobre o casamento homoafetivo ganharam bastante visibilidade após a aprovação do Projeto de Lei 6583/13 (PL 6583), conhecido como “Estatuto da Família”, em 2013. Proposto pelo deputado evangélico Anderson Ferreira (PR-PE), o PL definia a entidade familiar como o núcleo social formado, unicamente, a partir da

união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento civil. Essas discussões se intensificaram mais ainda, quando o juiz Waldemar Cláudio de Carvalho, da 14ª Vara do Distrito Federal, concedeu liminar que, na prática, torna legalmente possível que psicólogos ofereçam pseudoterapias de reversão sexual. Essa decisão causou uma onda de indignação e de protestos nas redes sociais e ainda hoje não deixou de produzir seus efeitos, pois sinaliza para sentidos de que a homossexualidade constitui uma doença, que pode ser curada.

Com relação à justiça, é de conhecimento geral, que a Constituição Federal, aprovada em 1988, no seu Art. 5º prevê que: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança, e a propriedade [...]” (BRASIL, 2015, p. 12).

Essa menção ao direito da liberdade e da igualdade ressoa sentidos de que os sujeitos podem viver suas vidas da maneira que quiserem, e isso inclui a constituição de núcleos familiares que se distanciam daqueles impostos pela Igreja e acatados pela nossa formação social, por muito tempo.

Ainda no Art. 266, capítulo VII, a Constituição reza que “a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado” (BRASIL, 2015, p. 129) e que encaminha para sentidos de que o Estado deve garantir a proteção e assegurar direitos a todas as famílias, independente, da sua configuração. No entanto, apesar de as leis garantirem esses direitos, foi somente com a Resolução nº 175, aprovada em 14 de maio de 2013, que as uniões homoafetivas foram legalizadas, numa decisão histórica do plenário do Conselho Nacional de Justiça (CNJ)²³. Essa resolução dispõe que:

Art. 1º É vedada às autoridades competentes a recusa de habilitação, celebração de casamento civil ou de conversão de união estável em casamento entre pessoas de mesmo sexo.

Art. 2º A recusa prevista no artigo 1º implicará a imediata comunicação ao respectivo juiz corregedor para as providências cabíveis.

Art. 3º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação.

A partir dela, os casamentos entre pessoas do mesmo sexo, no Brasil, sempre que requisitados, devem ser realizados, numa tentativa de cumprir os direitos dos cidadãos, assegurados por leis. Mas, apesar da luta para que esse direito fosse conquistado ainda hoje,

²³ Informações disponíveis em: http://www.cnj.jus.br/files/atos_administrativos/resoluo-n175-14-05-2013-presidencia.pdf Acesso em: 10/09/2017.

existem discursos correntes que os condenam, principalmente aqueles que se inscrevem na FD religiosa, como já assinalamos.

Podemos afirmar também, que nesse *meme*, a formulação-origem ecoa no intradiscurso, mas o sentido migra para outra FD, inaugurando o discurso da resistência, que de acordo com Orlandi (2007), constitui uma forma de oposição ao poder, pois o sujeito não se assujeita à FD religiosa que até hoje produz seus efeitos na nossa formação social. Essa resistência à moral religiosa se manifesta, na nova formulação, pela não-repetição exata da formulação-origem inscrita na memória do corpo social e “[...] se faz ao repetir de “modo errado”, produzindo um “desvio” daquele sentido que “todo mundo sabe”, produzindo, como consequência, uma nova identificação ideológica que é antagônica àquela expressa pela formulação-origem (INDURSKY, 2013, p. 99).

Esse mesmo “desvio” se dá na formulação visual, a qual nega os parâmetros e normas sociais impostos pela Igreja e que, do nosso ponto de vista, não deveriam, por certo, existir numa sociedade dita justa e igualitária. Logo, o discurso que se materializa, neste *meme*, é o da resistência frente aos discursos homofóbicos e preconceituosos, que ainda circulam na nossa formação social.

O *meme* 14 circulou no *Facebook* e provocou o estranhamento, porque retoma uma cena do filme *Ninfomaníaca*, drama erótico que narra a vida sexual de uma mulher desde a infância até a velhice. Lançado em 2014, pelo diretor, cineasta e roteirista dinamarquês Lars Von Trier, a produção repercutiu na mídia, em especial, na televisão e nas redes sociais justamente por colocar em circulação cenas de sexo real, nas quais o corpo da mulher é mostrado explicitamente e seus desejos sexuais são revelados sem represálias.

O nome do filme, proveniente do discurso da medicina e que significa “o desejo sexual anormalmente forte nas mulheres” entra em contradição com o predicativo “recatada”. Essa contradição também se dá pela formulação visual da mulher, ao centro, acompanhada por dois homens negros com os quais ela se relaciona sexualmente, uma vez que estão seminus e um deles toca seu corpo. Esse sentido também deriva da forma como os corpos estão posicionados e do olhar de desejo nos rostos dos três.

Outro sentido possível é o de que a mulher está no controle da situação e, por isso, pode, se assim o desejar, relacionar-se sexualmente com mais de um homem, sinalizando para sentidos de liberdade sexual, contradizendo discursos que se inscrevem na FD da igreja, por exemplo, e que delimita os prazeres do corpo feminino, relacionando a sexualidade à procriação.

Meme 14



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/samantha.brasil.1/posts/1107158159357978> Acesso em 09/11/2016.

De acordo com Soares (2013, p. 4) que cita Foucault, na tradição ocidental, não há espaço para uma arte erótica e, por esse motivo, a sexualidade, passa a se tornar um lugar clandestino e cujos discursos devem ser ocultados. Nessa perspectiva, Foucault (2004, p. 61 *apud* SOARES, 2013, p. 4) nos diz que:

No Ocidente, não temos a arte erótica. Em outras palavras, não se ensina a fazer amor, a obter o prazer, a dar prazer aos outros, a maximizar, a intensificar seu próprio prazer pelo prazer dos outros. Nada disso é ensinado no Ocidente, e não há discurso ou iniciação outra a essa arte senão a clandestina e puramente interindividual. Em compensação, temos ou tentamos ter uma ciência sexual – *scientia sexualis* – sobre a sexualidade das pessoas, e não sobre o prazer delas, alguma coisa que não seria como fazer para que o prazer seja o mais intenso possível, mas sim qual é a verdade dessa coisa que, no indivíduo, é seu sexo ou sua sexualidade: verdade do sexo, e não intensidade do prazer.

O que provoca um possível estranhamento, neste *meme*, é justamente a visibilidade dada ao exercício da sexualidade da mulher, pois na tradição ocidental, o prazer não lhe é permitido. Para Soares (2013, p. 6), “mulher e desejo sexuais, sobretudo, são equações

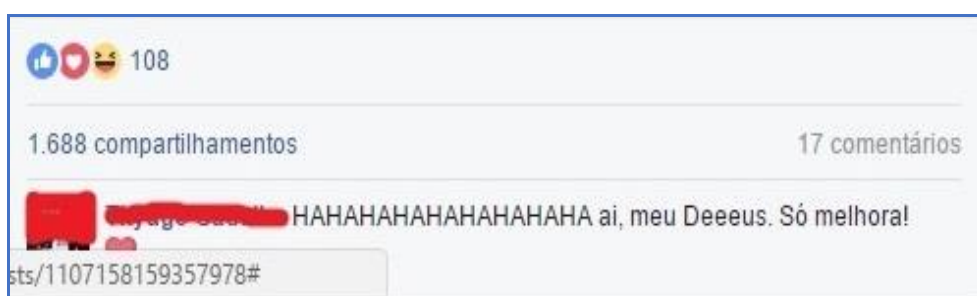
linguísticas que não se completam. À mulher, em geral, digo, na cultura ocidental, branca, não é permitido o prazer sexual”.

Há no *meme*, um duplo movimento entre paráfrase e polissemia, pois a formulação-origem “Bela, recatada e do lar”, retorna no fio do discurso, pelo funcionamento da memória discursiva, porém, há um deslocamento de sentidos para outra rede de significação, pelo imbricamento da formulação visual. De acordo com Indursky (2013, p. 98), podemos dizer que neste *meme*, houve um “trabalho do sentido sobre o sentido”, que atravessou as fronteiras da FD na qual a formulação-origem se inscrevia, produzindo a migração para outro espaço de significação.

Conforme vimos salientando, o discurso se faz sob o regime da repetibilidade, contudo, no processo de produção de sentidos, pode haver alterações de ordem lexical e/ou sintática que podem produzir derivas (INDURSKY, 2013, p. 93). Neste *meme*, não apenas o imbricamento do verbal e do não verbal encaminham o dizer para outro sítio de significação, mas também a substituição de “do lar” por “do lars” coloca em contradição os diferentes lugares assumidos pela mulher: aquela livre para exercer plenamente a sua sexualidade do modo como melhor desejar àquela que, por ser comedida e recatada, atendendo ao que impõe a padrões estabelecidos, é proibida de fazê-lo.

Esse *meme* teve 108 “reações”, 1.688 mil compartilhamentos e 17 comentários dos quais, recortamos apenas um, para ilustrarmos os efeitos de sentido por ele produzidos:

Figura 7



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/samantha.brasil.1/posts/1107158159357978> Acesso em 09/11/2016.

A formulação “**HAHAHAHAHAHAHAHAHAHA, ai, meu Deeeus. Só melhora!**” aponta para a adesão do internauta com os dizeres que irrompem no *meme*, ou seja, para a sua total identificação com os discursos que nele circulam. Segundo Dias (2004, p. 59), “[...] sniff, buááá’, hehehehe, são expressões frequentes nas conversas *on-line*” e caracterizam a

rapidez e fluidez da linguagem utilizada no espaço digital (DIAS, 2004, p. 59). Ainda de acordo com a autora, assim como as abreviaturas, os *smileys* e os *emoticons*, as onomatopeias configuram uma linguagem própria do internetês e reproduzem os gestos de interpretação dos sujeitos, na temporalidade do virtual.

A expressão “Ai, meu Deeeus. Só melhora” produz o efeito de sentido de ironia, que segundo Orlandi (2012b, p. 26), coloca em jogo “[...] a relação entre o estado de mundo tal como ele se apresenta já cristalizado – os discursos instituídos, o senso comum – e outros estados de mundo”. Neste *meme*, esse jogo irônico se estabelece pela oposição entre o sentido produzido pela formulação-origem e os dizeres que nele irrompem.

Acima do *meme*, as formulações verbais #Ninfomaníaca, #LarsVonTrier e #BelaRecatadaDoLar, #VejaMachista funcionam como indexadoras dos discursos na/em rede, pois, conforme já mencionamos, as *hashtags* organizam o trajeto de leitura dos internautas, permitindo-lhe recuperar outros textos que circularam no espaço digital, sobre o mesmo assunto. Nesse funcionamento, as *hashtags* produzem o efeito de série, produzido pela repetição, conforme propõe Zoppi Fontana (no prelo, p. 09).

Figura 8



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/samantha.brasil.1/posts/1107158159357978>. Acesso em 09/11/2016.

A essas formulações verbais somam-se #ForaTemer, #ForaBolsonaro e #Cunha que além de organizar o gesto de leitura dos internautas, configuram um “dizer ecoico”, porque ressoam/repetem outros textos igualmente marcados, no espaço digital, uma vez que “o locutor inscreve sua enunciação em um espaço discursivo, onde sua voz e seus enunciados retomam e reformulam outros enunciados, sendo, por sua vez, reformulados e retomados por outros locutores”. (ZOPPI FONTANA, (no prelo, p.10).

Além disso, essas formulações verbais ressoam memórias sobre o momento político conturbado vivido pelo país, configurando um discurso de resistência, que nega não apenas o

discurso machista e preconceituoso da revista *Veja*, mas também se posiciona contra o *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, compreendido pelos partidos de esquerda, como um golpe de Estado, pois Michel Temer e Eduardo Cunha, na época, teriam assumido o poder após uma manobra política.

A formulação-verbal #ForaBolsonaro também produz o efeito de sentido de negação e de resistência política frente a um “representante do povo” cujos discursos são marcados pelo ódio e pela intolerância. O “fora” que sucede as *hashtags* encaminha para uma ordem, configurando um discurso autoritário, que não abre espaço para a contestação e para a dúvida.

Podemos dizer, então, que essas formulações verbais acompanhadas por *hashtags* não produzem apenas o efeito de sentido de resistência contra o discurso posto em circulação pela revista *Veja*, mas também contra o momento político, no qual o país está imerso e assim como aconteceu com os movimentos de rua, em 2013, as redes sociais passam a constituir um lugar de luta política, por meio das quais a população é convocada a se organizar contra tudo aquilo que lhe oprime.

O *meme* 15 circulou no *Google* e também ressoa sentidos relacionados à formulação-origem “Bela, recatada e do lar”, mas somente significa pelas suas condições de produção e pelo imbricamento do verbal e do visual.

Na época em que o *meme* foi produzido e viralizou no espaço digital, o ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha – que teria influenciado os deputados para que o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Roussef se concretizasse mais rapidamente – e sua esposa Claudia Cruz estavam sendo investigados pela operação Lava-Jato, por corrupção passiva, lavagem de dinheiro e enriquecimento ilícito.

A formulação-origem retorna no fio do discurso, mas “do lar” é alterado para “dólar”, produzindo o efeito de sentido de humor e encaminhando o discurso para outro espaço de significação, pois conforme consta, Claudia Cruz teria gastado quantias exorbitantes em roupas e sapatos de luxo, na Europa, financiados com dinheiro público. Esse efeito de sentido de humor também decorre do entrelaçamento da formulação visual da esposa de Eduardo Cunha com os olhos arregalados, possivelmente, resultado de procedimentos estéticos em excesso.

Meme 15



Fonte: Disponível em

https://www.google.com.br/search?q=memes+bela+recatada+e+do+lar&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjo-8Hv3ezQAhWFHpAKHf8vBNQQ_AUICCgB&biw=1517&bih=654&dpr=0.9#imgrc=Nm2q-dGPTHcAbM%3A. Acesso em: 09/11/2016.

A substituição de uma palavra por outra, no *meme*, faz com que os sentidos deslizem, produzindo o novo. Para Orlandi (2015, p. 36), a paráfrase e a polissemia são forças que trabalham constantemente o dizer, mas enquanto a paráfrase diz respeito à variedade do mesmo dizer já sedimentado, a polissemia, joga com a ruptura e com o deslocamento de sentidos. Conforme a autora, “é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam e fazem seus percursos, (se) significam”. (ORLANDI, 2015, p. 36).

Consideramos que neste *meme*, há essa tensão entre o mesmo e o diferente, pois nele ressoa o discurso da revista *Veja*, sobre Marcela Temer, significada como a esposa ideal, por ser “Bela, recatada e do lar”, que desliza para outro tipo de mulher, relacionando-a à Claudia Cruz, encarregada de administrar os dólares que o marido desviava dos cofres públicos, promovendo uma mexida na rede de filiação de sentidos.

Discursivamente, os deslocamentos de sentidos só acontecem porque nem sujeitos nem sentidos estão prontos e acabados, mas estão sempre sendo ressignificados numa constante movimentação, em que pese o trabalho da história e da memória. Além disso, a

língua não funciona como um sistema fechado sobre si mesmo, mas está sujeita ao equívoco, e a ideologia é um ritual com falhas. Ela interpela os indivíduos em sujeitos e é assim que a língua faz sentido.

Os *memes* que seguem ressoam a formulação-origem, mas os sentidos apontam para outras redes de significação, pela substituição da marca do feminino pelo masculino nos predicativos que constituem o modelo de mulher ideal. Contudo, o efeito de série, que está na base do funcionamento discursivo, se mantém. Conforme Zoppi Fontana (no prelo), há elementos que se repetem nos *memes*, mas “[...] essa repetição não é resultado da mera repetição de elementos formais, mas de uma regularização, que necessariamente implica um jogo de forças entre o linguístico e o histórico, entre as formas significantes e seu modo de existência histórico”.

Com relação ao não-verbal, é dada visibilidade para homens que ocupam os lugares de príncipe da Inglaterra, de representante de Deus na terra e de pagodeiro famoso, mas os efeitos de sentido produzidos também não são os mesmos. No *meme* 16, que circulou no *Instagram*, o Príncipe Philip representa o modelo de homem ideal, pois segundo consta, está casado há anos, pouco aparece na mídia, não se envolve em polêmicas e acompanha a esposa em compromissos políticos.

Esse imaginário de homem ideal é reforçado pela formulação verbal que segue o *meme*: “Rainha Elizabeth, uma mulher de sorte! Revista @Veja seja menas (sic), porque nós somos muito mais do que você pensa!” e que funciona como resposta direta à revista pelo uso do @(arroba). A associação entre a rainha e ser “uma mulher de sorte” sinaliza para o fato, de que não há muitos homens como ele, apontado para a exceção e para a casualidade e “seja menas” encaminha o discurso para a ordem do popular, provocando, o riso.

As aspas em “do lar” da formulação verbal produzem o efeito de sentido de humor e de ironia e atestam a inscrição do discurso nas FDs que defendem a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Contudo, também poderiam apontar para a menor visibilidade do príncipe em relação à rainha, a quem cabe tomar as decisões importantes para o seu país, reforçando o sentido da superioridade feminina.

Meme 16



Think Olga @ThinkOlga · 20 de abr
Rainha Elizabeth, uma mulher de sorte! Revista @VEJA, seja
menas, porque nós somos muito mais do que você pensa!

← 2 ↻ 111 ❤ 128 ...

Fonte: https://twitter.com/ThinkOlga/status/722783465029001217/photo/1?ref_src=twsrc%5Etfw Acesso em 09/11/2016.

O riso ocorre, mais uma vez, pelo rompimento com a ‘norma identificadora’, pois o príncipe ocupa um lugar social que não lhe seria comum, a princípio: o de marido comedido e que vive recluso no palácio. O efeito de humor decorre justamente porque esse não é um discurso corrente na nossa formação social e só recentemente tem ganhado visibilidade a partir das lutas das mulheres pela igualdade de direitos.

Como pode ser visualizado, esse *meme* teve um grande número de curtidas e de *ReTweets*, que atestam a adesão dos sujeitos aos discursos que nele irrompem e que comprovam também o funcionamento da memória metálica, no espaço digital. Ao curtir ou compartilhar o *meme*, no seu gesto de interpretação, o sujeito se identifica com os dizeres linearizados no fio do discurso do espaço digital. Dizendo de outro modo, a substituição da desinência de feminino pela de masculino produz um deslizamento de sentido, mas não chega a romper com a posição-sujeito a partir da qual o sujeito produz o discurso tampouco com a FD feminista que determina o dizer desse sujeito.

Além disso, a possibilidade de compartilhamento atesta o funcionamento da memória metálica no espaço digital e que como já assinalamos, é pautada no acúmulo e na soma. Nesse movimento, os *memes* viralizam, não sendo possível determinar-lhes a origem.

No *meme* 17 também há uma quebra da imagem ideal e o que provoca o riso, além da substituição de uma desinência de gênero por outra, é a formulação visual do Pe Fabio de Melo, bastante conhecido não só por ocupar o lugar que ocupa na igreja, como por estar sempre na mídia, em programas de televisão, em vídeos no *youtube* e pelas postagens nas redes sociais, principalmente no *Instagram*.

Meme 17



Fonte: Disponível em:

https://www.google.com.br/search?safe=off&dcr=0&biw=1242&bih=569&tbm=isch&sa=1&ei=yGZ6WvacEMKNwwSdzIYo&q=meme+belo%2C+recatado+e+do+lar&oq=meme+belo%2C+recatado+e+do+lar&gs_l=psy-ab.3...21392.26966.0.27084.32.24.2.0.0.0.280.3002.0j12j5.17.0....0...1c.1.64.psy-ab..13.7.1284...0j0i67k1j0i30k1j0i5i30k1j0i8i30k1.0.x4IP0DfJoKg#imgsrc=jsRTYNkXB3ECwM: Acesso em: 10/05/2017.

Consoante Pêcheux (2014, p. 146), “ é a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc.” e isso implica dizer que o que funciona, em todo processo discursivo, é uma série de formações imaginárias que delimitam o lugar que “[...] A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1997,

p. 82, grifos do autor). Para o autor, são as regras de projeção, impostas em/por qualquer formação social, que permitem passar das “situações” para as “posições”, que constituem representações das situações objetivamente definíveis.

Podemos dizer então, que há uma formação imaginária do que seja um padre, bem como do lugar social que ele ocupa. No *meme*, o Pe. Fábio de Melo não corresponde àquilo que “todo mundo sabe” sobre o que é ser um padre, pois é bonito, possivelmente metrossexual e está sempre em evidência. Posto isso, os sentidos de “recato” e “do lar” são postos em xeque, resultando na quebra do imaginário sobre os representantes de Deus na terra, produzindo o humor e encaminhando para o riso.

Do nosso ponto de vista, essa constante exposição talvez se deva à necessidade de a igreja manter os seus fiéis ou de “recrutar” outros. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa, em especial, as redes sociais vêm constituindo uma nova forma de evangelizar e nelas, padres e pastores têm seu lugar e público assegurados.

No *meme* 18, que circulou no *Google* e também no *Facebook*, a formulação-origem também ecoa no eixo da formulação, mas a imbricação com a formulação visual faz com que os sentidos deslizem. Neste *meme*, há um jogo entre o predicativo “belo” e “Belo”, nome artístico do cantor Marcelo Pires Vieira, tendo em vista que ele, assim como Frida Kahlo, e, ao contrário do Pe Fábio de Melo, também não se enquadra nos padrões de beleza que circulam na nossa formação social.

Meme 18



Fonte: Disponível em:

https://www.google.com.br/search?safe=off&dcr=0&biw=1242&bih=569&tbm=isch&sa=1&ei=yGZ6WvacEMKNwwSdzIYo&q=belo%2C+recatado+e+do+lar&oq=belo%2C+recatado+e+do+lar&gs_l=psy-ab..3..0i30k1.2700.6501.0.6712.23.18.0.0.0.466.3011.0j11j1j2j1.15.0...0...1c.1.64.psy-ab..8.15.2997...0j0i67k1j0i10k1j0i19k1j0i5i30i19k1j0i8i30i19k1j0i5i30k1j0i8i30k1j0i24k1j0i13i30k1j0i8i13i30k1.0.042FOc1bmvI#imgrc=SB404XLunAOTEM; Acesso em: 10/05/2017

Há, neste *meme*, um jogo entre aquilo que é visto e aquilo que é dito, que desestabiliza o imaginário sobre a beleza, produzindo o riso. Trata-se, portanto, da retomada de um já-dito, em outro discurso, em outro lugar e que ressoa no *meme* em que a troca de uma classe gramatical por outra produz seus efeitos no fio do discurso, embora encaminhe o dizer/ver para as mesmas redes de significação. Para Venturini (2009, p. 249), “o trabalho da língua e do discurso tem como centro o mesmo, mas que, na verdade, é ainda o mesmo”. De acordo com a autora, esses traços de pertencimento e de identificação encaminham para as redes parafrásticas.

Por esse mesmo viés, Indursky (2011, p. 111), afirma que a nova formulação “[...] carrega consigo traços discursivos que fazem ressoar na nova formulação o espaço de memória a que está indelevelmente associado”. Essa é a importância do funcionamento da memória discursiva, pois é ela que possibilita que os dizeres estejam sempre em constante movimento, isto é, que sejam atualizados. Por outro lado, na produção dos *memes*, textos característicos do espaço digital, a memória metálica, que funciona pela soma e pelo acúmulo, permite sempre “lembrar para não esquecer”.

Os *memes* analisados assentam-se na tensão entre os movimentos parafrásticos e polissêmicos, pois a formulação-origem “Bela, recatada e do lar” retorna no fio do discurso sem cessar, mas ao mesmo tempo em que aponta para “algo fala (*ça parle*) sempre antes, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, 2014, p. 149), inaugura novas redes de sentidos. Essas novas redes de sentido se estabelecem pela imbricação entre as formulações verbais com as visuais, encaminhando para sentidos de que o ver/dizer não constituem materialidades significantes opostas, mas se complementam no processo de produção de sentidos.

EFEITO DE FECHAMENTO

Pensar em uma “conclusão” para um trabalho cujo aporte teórico é a Análise de Discurso de linha francesa é bastante perigoso, uma vez que um dos principais pressupostos desta teoria é a incompletude da linguagem, sempre sujeita ao equívoco e a falha. Sendo assim, o que propomos é um “efeito de fechamento”, pois o nosso movimento analítico ante os objetos recortados é apenas “um” diante de tantos outros que podem ocorrer.

Como mencionamos no início deste trabalho, nosso objetivo principal foi investigar como a memória da máquina, horizontal e achatada, se imbrica com a memória discursiva, por seu turno, intervalar e marcada pela falha, no processo de produção de sentidos dos *memes*, por nós compreendidos como textos que viralizam rapidamente no espaço digital. Para dar conta desse objetivo, nos embasamos na teoria materialista do discurso que compreende a cidade como espaço de produção de sentidos, o espaço urbano como o enquadramento das práticas que nela acontecem e o espaço digital como um fenômeno fundamentalmente urbano, onde irrompe uma gama de textos heterogêneos, dentre eles, aqueles que constituem nosso objeto de estudo.

Neste trabalho, os *memes* foram por nós compreendidos como parte da narratividade digital, já que constituem uma das formas de textualização do discurso urbano e dentre a imensa quantidade que circula nesse espaço de produção de sentidos, em especial, em *sites* de busca como o *Google* e nas redes sociais como o *Facebook*, o *Instagram* e o *Tumblr*, recortamos para análise aqueles que irromperam a partir da matéria publicada pela Revista *Veja*, em meados de abril de 2016, que significou Marcela Temer, esposa do então vice-presidente da República Michel Temer, como “Bela, recatada e do lar”.

Entrelaçando diferentes materialidades significantes, esses *memes* viralizaram numa velocidade assustadora, convocando os sujeitos a assumir uma posição diante daquilo que lhes era dado a ver/ler, abrindo espaço não apenas para a repetição de sentidos já cristalizados sobre a mulher, mas também para o questionamento, para a dúvida, para a polêmica e para a resistência, fazendo com que os outros sentidos surgissem, inaugurando, assim, novas redes de significação.

Após as análises, asseveramos que essa movimentação dos sentidos na/em rede somente é possível, porque ao replicar/ressignificar um *meme*, devolvendo-o novamente ao espaço digital, o sujeito aciona a memória metálica, compreendida por Orlandi (2006b), como a memória da máquina, própria das tecnologias digitais. Trata-se, conforme vimos

mencionando, de uma memória que não historiciza, mas apenas acumula/soma, filiando o dizer/ver nas mesmas redes de sentidos. Contudo, não há como negar que o sujeito, durante o seu gesto de interpretação, também mobiliza a memória discursiva, lacunar e sujeita ao equívoco e a falhas e que permite que os discursos retornem atualizados, no fio do discurso.

Dizendo de outro modo e, de acordo com o que constatamos durante nosso gesto analítico, a memória metálica e a memória discursiva funcionam juntas no processo de produção dos *memes*, pois, se de um lado, a formulação-origem “Bela, recatada e do lar” foi repetida/replicada exaustivamente, com poucas variações nos *memes* analisados, por outro, ao imbricar-se com formulações visuais diversas, produziu deslizamentos, negando sentidos já sedimentados na nossa formação social sobre a mulher ideal. Desse modo, destacamos a importância do imbricamento das diferentes materialidades significantes no processo de produção de sentidos dos *memes*, pois eles não seriam os mesmos se as formulações verbais e visuais fossem apartadas umas das outras.

Ainda do nosso ponto de vista, essa relação entre memória metálica e memória discursiva é a mesma que se estabelece entre os processos parafrásticos e polissêmicos, forças sob as quais se assenta todo dizer, pois houve a repetição, mas houve também a inscrição dos dizeres em outras redes de sentidos, provocando uma quebra da regularização do pré-construído, segundo o qual, a mulher ideal é a bonita, pudica e que se ocupa apenas em cuidar dos filhos, do marido e dos afazeres domésticos. Essa quebra ocorreu porque os sujeitos se desidentificaram com dizeres já instituídos/sedimentados sobre a mulher e abriram espaço para que outros sentidos sobre ela irrompessem, no fio do discurso.

Podemos afirmar então, que os *memes* recortados para análise e que irromperam no espaço digital a partir da formulação verbal “Bela, recatada e do lar”, exigiram dos sujeitos um posicionamento político e passaram a configurar um discurso de resistência contra os discursos machistas e preconceituosos postos em circulação pela revista *Veja*, atestando também a migração dos dizeres de uma matriz do sentido para outra e, por consequência, outras relações do sujeito com a ideologia.

Esse discurso de resistência foi pautado no humor, que resulta da quebra de expectativas, provocando a surpresa e/ou estranhamento diante de um discurso inesperado, que rompe com aquilo que é da ordem do “todo mundo sabe” (INDURSKY, 2013). Nos *memes* analisados, o efeito de sentido de humor decorre do “desvio” que foi feito da formulação-origem “Bela, recatada e do lar”, por meio, principalmente, da utilização de outras formulações visuais, que não correspondem aos padrões impostos pela nossa formação

social. Assim, a reprodução dos sentidos foi interrompida e como consequência, houve uma desidentificação ideológica do sujeito com aquela na qual se inscrevia a formulação-origem. Os discursos postos em circulação pelos *memes* encaminham assim, para o riso, para o deboche, para o sarcasmo e para a ironia, porque rompem com o já estabelecido e cristalizado sobre a mulher “ideal”, cuja principal representante é Marcela Temer, conforme a revista *Veja*.

Podemos dizer então, que nos *memes* analisados, o efeito de sentido de humor e de ironia são produzidos, porque discursos já instituídos sobre a mulher são colocados em xeque, cedendo espaço para que outros sentidos possam irromper no fio do discurso. Dizendo de outro modo, os *memes* inscrevem o dizer/ver no domínio da repetibilidade, mas ao serem ressignificados, encaminham para novos discursos, colocando os sentidos à deriva e permitindo que eles deslizem e se transformem. Foi, portanto, por meio do humor e da ironia que os sujeitos se revoltaram, contestaram, questionaram os já-ditos e estabilizados sobre a mulher. Em suma, foi por meio deles, que os sujeitos ousaram resistir...

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. Tradução Sérgio Millet. 2. ed. Rio de Janeiro: Difusão europeia do livro, 1967.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 48. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 2015.

BRASIL. Resolução nº 175, de 14 de maio de 03. **Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas do mesmo sexo**. CÂMARA DO SENADO – Projetos e Leis e Outras proposições. Disponível em <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005> Acesso em: 19/09/2017.

CARROZZA, Guilherme; SANTOS, Mirian dos. **Da repetição ao deslocamento: uma análise do funcionamento dos memes**. In. FERREIRA, Ana Cláudia; MARTINS, Ronaldo Teixeira (Orgs). *Linguagem e Tecnologia*. Campinas: Editora RG, 2012.p. 95-108.

COELHO, André Luis Portes Ferreira. **“Brace yourselves, memes are coming”**: formação e divulgação de uma cultura de resistência através de imagens da internet. Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2014. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade de Campinas, 2014.

COURTINE, J. J. O Chapéu de Clémentis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKI, F; LEANDRO FERREIRA, M (Org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 1999. p. 15-22.

_____. **Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Paulo: Edufscar, 2009.

COSTA MOURA, F. **Proliferação das #hashtags: lógica da ciências, discurso e movimentos sociais contemporâneos**. Revista Ágora. Rio de Janeiro, nº especial, p. 141-158, agosto de 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000300012 Acesso em: 10/06/2017.

DAWKINS, Richard. **O Gene egoísta**. Tradução Geraldo H. M. Florsheim, São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

DIAS, Cristiane. **A discursividade na rede (de sentidos): a sala de bate papo hiv**. Tese de doutorado. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

_____. **Da corpografia**: ensaio sobre a língua escrita/escrita na materialidade digital. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós Graduação em Letras, 68 p. Série Cogitare. v. 7. 2008.

_____. **E-Urbano**: a forma material no eletrônico no urbano. In DIAS, Cristiane. E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. LABEURB/NUDECRI, UNICAMP: Campinas, 2011a. p. 12-24.

_____. Espaço, tecnologia e informação: uma leitura da cidade. In RODRIGUES, Eduardo Alves. et al (orgs). **Análise de Discurso no Brasil**: Pensando o impensado sempre uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas: Editora RG, 2011b. p. 259-272.

_____. A tecnologia como condição de produção do conhecimento na sociedade contemporânea: redes, memória e circulação. In FLORES, G.G.B. et al (orgs). **Análise de Discurso em rede**: cultura e mídia. Campinas: Editora Pontes, 2015. p. 279-291.

_____. **A Materialidade Digital da mobilidade urbana**: Espaço, Tecnologia E Discurso. In: Línguas e instrumentos linguísticos. Revista línguas. n° 37, 2016a. p. 157-175. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao37/artigo7.pdf> Acesso em 20/04/2017.

_____. Memória metálica. **Enciclopédia virtual da Análise do Discurso e áreas afins**. Brasil: 2016. Campinas: UffTUBE. 2016. [vídeo]. (312 minutos). Disponível em: <<http://ufftube.uff.br/video/ADGOD4HW8KHO/Memória-Metálica--Cristiane-Dias>> Acesso em: 20/08/2017.

_____. **Memória Metálica**. Enciclopédia discursiva da cidade: análises e verbetes. ENDICI – FAPESP. Vigência 2013 – 2015. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbeta/view&id=119>. Acesso em 20/08/2017.

FERNANDES, Célia Bassuma; VENTURINI, Maria Cleci. **A Subjetivação do sujeito-objeto Lula em textos humorísticos**. Entretextos (UEL), v. 08, p. 83-97, 2008.

GALLO, Solange Leda; ROMÃO, Lúcia Maria Sousa. Corpo e(m) discurso na rede. In: **Rede eletrônica: sentidos e(m) movimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 13-22.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). **Memória e História na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 67-89.

_____. **O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e a deriva**. Revista signo y seña: Faculdade de Filosofia y letras, 2013. p. 91-104.

KIKPATRICK, David. **O efeito facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significante da memória. In: INDURSKY, Freda. et al (orgs). **O Discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Editora Claraluz, 2009. p. 67-78.

_____. O Recorte e o entremeio: condições para a materialidade significante. In RODRIGUES, Eduardo Alves. et al (orgs). **Análise de Discurso no Brasil: Pensando o impensado sempre uma homenagem a Eni Orlandi**. Campinas: Editora RG, 2011. p. 401-410.

LARA, Bruna; RANGEL; Bruna. et al. **#Meu amigo secreto: feminismo além das redes**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

LAVARDE, Sheila Dias da Silva; OLIVEIRA, Valdirene Baminger. Mulheres africanas e afrodescendentes – perspectivas e abordagens epistemológicas sobre feminismos e mulherismos. In: JESUS, Dánie Marcelo. et al (orgs). **Estudos sobre gênero: Identidades, Discurso e Educação Homenagem a João W. Nery**. Campinas: Editora Pontes, 2017. p. 169-190.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Resistir, resistir, resistir...primado prático discursivo. In: SOARES, Alexandre S. Ferrari. et al (orgs). **Discurso, resistência e...** Cascavel: EDUNIOSTE, 2015. p. 159- 167.

NGOZI ADICHIE, Chimamanda. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia da Letras, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Efeitos do verbal sobre o não verbal**. In: Revista Rua. Campinas: Editora Unicamp, 1995.

_____. **A linguagem e seu funcionamento:** As Formas do Discurso. Campinas: Editora Pontes, 1996.

_____. **Cidade atravessada:** Os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Editora Pontes, 2001.

_____. **Discurso fundador:** A formação do país e a construção da identidade nacional. 3. ed. Campinas: Editora Pontes, 2003.

_____. **Cidade dos sentidos.** Campinas: Editora Pontes, 2004a.

_____. População urbana e seus modos de vida. In: MORELLO, Rosângela. **Giros na cidade.** Campinas/SP:Labeurb/NUDECRI-UNICAMP, 2004b.

_____. Análise de Discurso: conversa com Eni Orlandi. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 7, n 13-14, jan/dez. 2006a.

_____. História das ideias x história de vida: entrevista com Eni Orlandi. In: SCHERER, A. (Org.). **fragmentum**, Santa Maria, n. 7. Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem, Santa Maria, UFSM, p. 11-51, 2006b.

_____. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Editora Pontes, 2007.

_____. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA [online]**. Campinas, n°. 16. p. 6-17, Ago./Nov. 2010. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>> Acesso em: 15/05/2017.

_____. **Discurso e Texto:** formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Editora Pontes, 2012a.

_____. **Destruição e Construção do Sentido:** Um Estudo Da Ironia. In: Revista WEBdiscursividade, 9. ed. Janeiro/2012b - Maio/2012b – Disponível em: www.discursividade.cepad.net.br Acesso em 15/05/2017.

_____. **Análise de Discurso:** Princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Editora Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Cadernos de Estudos Linguísticos, 1990. p. 7-24

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. de Bethania S. Mariani (et al). 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 7. ed. Campinas: Editora Pontes, 2015a.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. et al. **Papel da memória**. 4. ed. Campinas: Editora Pontes, 2015b. p. 43-51.

_____. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

_____. **Feminismo, história e poder**. Revista de sociologia e política, Curitiba, v. 18, n. 36, jun. 2010, p. 15-23.

SILVEIRA, Juliana. **O visível e o invisível no funcionamento discursivo do Twitter**. V Seminário de Estudos em Análise de Discurso - O acontecimento do discurso: filiações e rupturas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/5SEAD/SIMPOSIOS/JulianaDaSilveira.pdf> Acesso em: 15/12/2017.

SOARES, Alexandre S. Ferrari. **A heterossexualidade na ordem do discurso da imprensa nacional**. In: XVI Jornada de Estudos Linguísticos e Literários, Marechal Cândido Rondon: Anais Eletrônicos, 2013. v. 1. p. 1-9. Disponível em: http://s3.amazonaws.com/jell/trabalhos/arquivos/000/000/028/original/A_heterossexualidade_da_ordem_do_discurso_da_imprensa_nacional.pdf?1373594691 Acesso em: 15/12/2017.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração. Passo fundo: Editora Universidade de Passo fundo, 2009.

ZOPPI FONTANA, Mónica G; FERRARI, Ana Josefina. Uma análise discursiva das identificações de gênero. In: ZOPPI FONTANA, Mónica G. et al. (orgs). **Mulheres em**

Discurso: identificações de gênero e práticas de resistência. v. 2. Campinas: Editora Pontes, 2017. p. 7-20.

ZOPPI FONTANA, Mónica G. **Argu(meme)ntando:** Argumentação, discurso digital e modos de dizer. No prelo.